

ISSN 18078834

BNB *CONJUNTURA ECONÔMICA*
Número 27

Periódico elaborado pelo
Escritório Técnico de Estudos
Econômicos do Nordeste/Etene,
do Banco do Nordeste do Brasil/BNB

Fortaleza
Banco do Nordeste do Brasil
2010

Obra publicada pelo

**Banco do
Nordeste**



Presidente

— Roberto Smith

Diretores

- João Emílio Gazzana
- José Sydrião de Alencar Júnior
- Luiz Carlos Everton de Farias
- Oswaldo Serrano de Oliveira
- Paulo Sérgio Rebouças Ferraro
- Stélio Gama Lyra Júnior

Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - Etene

José Narciso Sobrinho (Superintendente)

Ambiente de Estudos, Pesquisa e Avaliação

Jânia Maria Pinho Souza (Gerente de Ambiente)
Airton Saboya Valente Júnior (Gerente Executivo – Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas, Industriais e de Serviços)
Wendell Márcio Araújo Carneiro (Gerente Executivo – Célula de Estudos Rurais e Agroindustriais)
Francisco Diniz Bezerra (Gerente da Central de Informações Econômicas, Sociais e Tecnológicas)

Equipe BNB Conjuntura Econômica:

Coordenação Técnica

Airton Saboya Valente Junior

Produto Interno Bruto

Aline Maria Souza Menezes

Desempenho do Comércio do Brasil e do Nordeste

José Varela Donato

Produção Agropecuária

Francisco Raimundo Evangelista, George Alberto de Freitas, Jackson Dantas Coêlho e Maria de Fátima Vidal

Emprego e Rendimento

Carlos Américo Leite Moreira e Roberto Alves Gomes

Setor Externo

Jacqueline Nogueira Cambota

Finanças Públicas

Antônio Ricardo de Norões Vidal e Wellington Santos Damasceno

Consultores Ad Hoc

Coordenação Técnica e Síntese das Expectativas

Assuero Ferreira

Síntese das Expectativas, Produto Interno Bruto, Produção Industrial, Emprego e Rendimento

Carlos Américo Leite Moreira e Roberto Alves Gomes

Intermediação Financeira

Francisco Ferreira Alves

Estagiários: João Mairton Moura de Araújo, José Vladimir Cardoso Sena e Rayssa Alexandre Costa

Preparação e Tabulação de Dados: Elias Augusto

Cartaxo, Kamille Leão de Souza, José Wandemberg Rodrigues Almeida e Marcelo Borges Barbosa

Ambiente de Comunicação Social

José Maurício de Lima da Silva

Editor

José Ribamar Mesquita (Reg. 122 DRT/CE)

Normalização Bibliográfica

Rousianne da Silva Virgulino (Reg. CRB 3/921)

Revisão

Edmilson Nascimento

Diagramação

Franciana Pequeno da Silva

Banco do Nordeste do Brasil S/A

Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste

Av. Pedro Ramalho, 5700 - Bloco A2 - Térreo - Passaré 60743-902 - Fortaleza(CE) - BRASIL

Telefone: (85) 3299.5036

Celular: (85) 8635.6046

Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB.

Depósito Legal junto à Biblioteca Nacional, conforme lei nº. 10.994, de 14 de dezembro de 2004

BNB Conjuntura Econômica. - N. 27 (out. - dez. 2010). - Fortaleza:

Banco do Nordeste do Brasil, 2010 -

102 p.

Trimestral.

ISSN 18078834

1. Economia - Brasil - Nordeste - Periódico. I. Banco do Nordeste do Brasil.

CDU 33(812/814) (11)

SUMÁRIO

05	1 - Avaliação e Perspectivas
05	1.1 - Nordeste: Impactos no Valor Bruto da Produção, Emprego, Salário e Tributos a partir das Projeções Anuais do PIB Regional
12	1.2 - Setor Automotivo e Oportunidades para o Nordeste
17	2 - Síntese de Expectativas
23	3 - Nível de Atividade
23	3.1 - Produto Interno Bruto (PIB)
29	3.2 - Produção Industrial do Brasil
32	3.2.1 - Produção Industrial do Nordeste
37	3.3 - Comércio
37	3.3.1 - Desempenho do Comércio no Brasil
39	3.3.2 - Desempenho do Comércio no Nordeste
41	3.4 - Produção Agropecuária
41	3.4.1 - Agronegócio
41	3.4.1.1 - Desempenho do Faturamento
45	3.4.1.2 - Balança Comercial do Agronegócio
48	3.4.2 - Agricultura
58	3.4.3 - Pecuária
63	4 - Emprego e Rendimento
66	4.1 - Considerações Adicionais sobre Emprego Formal
71	5 - Setor Externo
83	6 - Finanças Públicas
83	6.1 - Arrecadação de ICMS
84	6.2 - Fundos Constitucionais
86	6.3 - Orçamento Público Federal

89	7 - Intermediação Financeira
89	7.1 - Panorama Geral
90	7.2 - Saldo das Operações de Crédito do Sistema Financeiro Nacional
92	7.3 - Sistema Financeiro Nordestino: Operações e Qualidade do Crédito
94	7.3.1 - Desembolsos Realizados pelo BNDES
95	7.4 - Nordeste: Depósitos e Operações de Crédito
96	7.5 - BNB - Taxas de Juros, Depósitos e Operações de Crédito
99	7.6 - Conclusão

1 - Avaliação e Perspectivas

1.1 - Nordeste: Impactos no Valor Bruto da Produção, Emprego, Salário e Tributos a partir das Projeções Anuais do PIB Regional¹

Antônio Ricardo Norões Vidal

Economista e Pesquisador do BNB/Etene.

Diversas instituições públicas e privadas se preocupam em estimar o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, possibilitando uma melhor orientação para o planejamento estratégico dos agentes econômicos. No caso do Brasil, essa tarefa é bem mais facilitada, dada a disponibilidade de informações mais atualizadas, através das contas trimestrais elaboradas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No caso das informações regionais e do Nordeste, em particular, a última informação sobre o PIB, produzida pelo IBGE, refere-se a 2007².

Diante disso, existe carência de informações mais atuais da trajetória de crescimento do PIB regional. O Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste (Etene), do Banco do Nordeste do Brasil S/A (BNB), inclui em suas atividades

projeções do PIB brasileiro, e do Nordeste, em particular, divulgadas pela revista trimestral BNB Conjuntura Econômica, e em boletins mensais da sua Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas, Indústria e Serviços.

No presente artigo, procura-se estimar o impacto do crescimento do PIB dentro e fora dela, ou seja, no restante do Brasil. Para isso, utiliza-se o instrumento de modelagem econômica conhecido como Matriz de Insumo-Produto (MIP) – Nordeste. A MIP para a região nordestina (ano de referência 2004) foi elaborada pelo Etene em parceria com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), da Universidade de São Paulo (USP), e inclui as relações do Nordeste e de seus estados com as demais regiões do País e com o exterior.

1 Agradecemos a valiosa contribuição do professor Assuêro Ferreira na proposta do trabalho, nas projeções do PIB e nas críticas ao texto preliminar, assim como ao professor Joaquim Guilhoto, pelas críticas à metodologia adotada, cujas deficiências ainda não foram totalmente sanadas.

2 O presente artigo foi elaborado antes da divulgação das contas regionais de 2008.

Metodologia

A metodologia aqui adotada parte de algumas premissas que precisam ser explicitadas. Sabemos de suas limitações atuais, mas a apresentação dos resultados como uma primeira aproximação dos impactos gerados pelo PIB contribuirá para o seu aperfeiçoamento. Algumas dificuldades são discutidas adiante.

O ponto de partida é a projeção do crescimento do PIB calculada pelo Etene. A estimativa é de que PIB do Nordeste em 2010 tenha alta de 7,4%³. Como o Etene estima o PIB nordestino de 2009 em R\$ 413.746 milhões, o crescimento em 2010 deverá corresponder (a preços de 2009) a R\$ 30.617 milhões.

As contas regionais do IBGE, referentes ao período de 2002 a 2007, detalham o Valor Adicionado (VA) do Nordeste em 17 atividades. Foi calculada a participação de cada atividade nesse período. A MIP Nordeste é aberta em 111 setores e estima os impactos no VBP, no VA, no emprego, nos salários e nos tributos, a partir de uma demanda final. Os 111 setores foram enquadrados nas 17 atividades das contas regionais, seguindo-se o cálculo dos multiplicadores de VA e de VBP para a Região⁴.

Uma das premissas do estudo é que a variação do VA do Nordeste, em 2010, é uma boa aproximação da variação do PIB nordestino nesse período. Calculou-se, então, a razão entre os multiplicadores de VBP (2,53) e VA (1,49) do Nordeste. O valor obtido é 1,697986; logo, a variação do VBP, associada ao crescimento estimado do PIB (R\$ 30.617 milhões), corresponde a quase R\$ 52 bilhões.

O passo seguinte consistiu em estimar o efeito direto dentro do VBP previsto. Sabe-se que os multiplicadores da MIP são compostos por efeitos diretos dentro do setor, que teve o aumento de demanda final, e efeitos indiretos e induzidos⁵. O efeito direto será a nossa projeção da variação da demanda final no Nordeste. Essa demanda é o elemento propulsor do crescimento do PIB no nível estimado (7,4%). O efeito direto no multiplicador do VBP do Nordeste, que exclui os transbordamentos para o resto do Brasil, equivale a 1. Como o multiplicador que inclui todos os efeitos corresponde a 2,53, o efeito direto representa 0,3945 do VBP gerado dentro da Região. Então, o crescimento em 2010 está associado a um aumento de demanda final no montante de R\$ 20,5 bilhões (0,3945 x 52 bilhões).

Uma possível crítica à metodologia proposta, na estimativa da demanda final, é a não separação em demanda originada dentro da região Nordeste e fora da Região; quer dizer, o PIB nordestino cresce em função dessas duas demandas. Essa limitação pode causar uma superestimação da demanda final interna. Primeiramente, é de se imaginar que os acréscimos não serão tão grandes, dado que a estrutura de produção regional, refletida pela MIP Nordeste, é voltada para atender à demanda final da Região. Em segundo lugar, a lógica da MIP não pede essa separação; gera-se o impacto na renda e no emprego a partir de um aumento de demanda final das atividades estabelecidas no Nordeste, independentemente de sua origem.

A MIP Nordeste mostra ainda uma forte dependência da produção de bens e serviços provenientes

3 A previsão atual do Etene é de um crescimento de 8,3%, mas não vale a pena ficar mudando a previsão, dado que o mais importante no texto é a apresentação da metodologia, especialmente considerando o seu pioneirismo em termos regionais.

4 Excluindo os impactos nas demais regiões do País – resto do Brasil.

5 O setor que aumentará a produção, em função do aumento da demanda final, gera demandas em outros setores. O efeito indireto capta o aumento na produção desses outros setores. O efeito induzido, ou de renda, capta o aumento na produção dos diversos setores, decorrentes do aumento da renda dos trabalhadores, seja daqueles que serão empregados adicionalmente ou dos que aumentarão suas horas de trabalho.

tes do resto do Brasil, tanto para o consumo intermediário como para a demanda final dos estados do Nordeste. Essa dependência é que determina o alto índice de transbordamento dos efeitos multiplicadores da produção, decorrentes de novos investimentos no Nordeste. Associe-se a esse fato o baixo valor agregado dos valores comercializados no sentido Nordeste – demais regiões.

A projeção da variação de demanda final em 2010, para o Nordeste, da ordem de R\$ 20,5 bilhões, foi distribuída nas 17 atividades das contas regionais. Os resultados podem ser vistos na Tabela 1. É verdade que, estritamente, a participação de cada atividade no PIB de 2010 deve ser diferente da média do período de 2002 a 2007. Aqui a média do período 2002-2007 foi utilizada como estimativa preliminar, já que 2007 é o último ano da série divulgada pelo IBGE⁶, sendo melhor que assumir um ano ou alguns anos desse

período, de maneira a se evitar flutuações bruscas que podem acontecer num ano ou em alguns anos particulares do período.

A MIP adota como referência o ano 2004, que provavelmente não apresenta diferenças expressivas em relação a uma possível matriz de inter-relações setoriais para 2010. Mesmo assim, o estudo considera essas limitações na geração das estimativas dos impactos setoriais. O mais importante, nesse exercício, não são as estimativas quantitativas exatas, que, de qualquer modo, não devem ficar tão distantes dos valores reais, mas a análise da direção dos impactos de cada atividade e dos vazamentos para fora da Região. Na medida em que o IBGE forneça novas informações e que se conheçam as projeções dos coeficientes técnicos para os anos considerados, serão feitas as devidas atualizações, e, então, poder-se-á avaliar os desvios das estimativas anteriores.

Tabela 1 – Demanda Final por Atividade – Nordeste – R\$ Milhões – Projeção 2010

Atividades	Média 2002 a 2007	Participação	Demanda Final ¹
Agricultura, Silvicultura e Exploração Florestal	13.770	0,0597	1.224
Pecuária e Pesca	5.963	0,0258	530
Indústria Extrativa	4.072	0,0176	362
Indústria de Transformação	28.503	0,1235	2.533
Construção Civil	14.188	0,0615	1.261
Produção e Dist. de Elet., Gás, Água, Esgoto e Limp. Urbana	11.763	0,0510	1.045
Comércio e Serviços de Manutenção e Reparação	30.081	0,1303	2.674
Serviços de Alojamento e Alimentação	4.737	0,0205	421
Transporte, Armazenagem e Correio	10.270	0,0445	913
Intermediação Financeira, Seg. e Previdência Comp. e Serv. Relac.	9.775	0,0423	869
Serviços Prestados às Famílias e Associativas	4.837	0,0210	430
Serviços Prestados às Empresas	8.096	0,0351	720
Atividades Imobiliárias e Alugueis	20.789	0,0901	1.848
Administração, Saúde e Educ. Púb. e Seguridade Social	47.136	0,2042	4.189
Saúde e Educação Mercantis	6.418	0,0278	570
Serviços Domésticos	3.306	0,0143	294
Serviços de Informação	7.140	0,0309	635
Total	230.841	1,0000	20.517

Fonte: Elaboração do autor com a Equipe BNB/Etene Conjuntura Econômica.

Notas: 1. Projeção da variação da demanda final, a partir da variação do PIB em 2010, a preços constantes de 2009.

6 O presente artigo foi elaborado antes de o IBGE haver divulgado os dados de 2008.

Impacto no Valor Bruto de Produção e no Valor Agregado

A Tabela 2 apresenta os impactos do aumento da demanda final em cada atividade. O montante de R\$ 20.517 milhões de incremento na demanda final deve gerar um aumento de R\$ 52.060 milhões no VBP da região Nordeste e de R\$ 33.019 milhões nas demais. Esses valores correspondem, respectivamente, a 61% e 39% do aumento no VBP do Nordeste.

As atividades com maior repercussão no VBP, para cada milhão de reais de demanda final, dentro da região Nordeste, são:

- a) intermediação financeira, seguros e previdência complementar e serviços relacionados, com impacto no valor de R\$ 2,7 milhões;

- b) administração, saúde e educação pública e seguridade social (R\$ 2,6 milhões);

- c) serviços de informação⁷, impacto no valor de 2,3 milhões;

- d) serviços prestados às famílias e serviços domésticos (R\$ 2,6 milhões);

- e) saúde e educação mercantis, no valor de R\$ 2,6 milhões.

Nenhuma dessas atividades faz parte dos segmentos agricultura, pecuária e pesca ou indústria de transformação. Pelo próprio escopo das atividades, suas relações comerciais são mais integradas dentro da Região, apresentando menores vazamentos.

A análise dos principais resultados em termos de VBP, para fora da região Nordeste, por milhão

Tabela 2 – Impactos no Valor Bruto da Produção e Valor Adicionado por Atividade – R\$ milhões

Atividades	Demanda Final	Produção			Valor Adicionado		
		NE	RBR	TOTAL	NE	RBR	Total
Agricultura, Silvicultura e Exploração Florestal	1.224	3.094	2.038	5.132	1.940	852	2.792
Pecuária e Pesca	530	1.306	1.016	2.322	732	425	1.157
Indústria Extrativa	362	902	572	1.474	473	241	714
Indústria de Transformação	2.533	6.296	4.319	10.615	2.686	1.803	4.490
Construção Civil	1.261	2.972	2.174	5.147	1.670	912	2.582
Produção e Dist. de Elet., Gás, Água, Esgoto e Limpeza Urbana	1.045	2.538	1.546	4.084	1.489	654	2.143
Comércio e Serviços de Manutenção e Reparação	2.674	6.848	4.212	11.060	4.457	1.768	6.224
Serviços de Alojamento e Alimentação	421	1.068	708	1.776	572	299	870
Transporte, Armazenagem e Correio	913	2.327	1.497	3.823	1.223	610	1.833
Intermediação Financeira, Seguro e Previdência Comp. e Serviços Relacionados	869	2.365	1.285	3.650	1.380	544	1.924
Serviços Prestados às Famílias e Associativas	430	1.132	712	1.844	678	300	978
Serviços Prestados às Empresas	720	1.841	1.148	2.989	1.126	487	1.613
Atividades Imobiliárias e Alugueis	1.848	4.328	2.550	6.877	3.188	1.070	4.258
Administração, Saúde e Educ. Púb. e Seguridade Social	4.189	11.100	6.887	17.987	6.753	2.927	9.680
Saúde e Educação Mercantis	570	1.499	937	2.436	839	395	1.234
Serviços Domésticos	294	774	487	1.260	464	205	669
Serviços de Informação	635	1.671	932	2.603	945	392	1.336
Nordeste	20.517	52.060	33.019	85.079	30.617	13.883	44.497

Fonte: Elaboração do autor com a Equipe BNB/Etene Conjuntura Econômica.

Nota: NE - Nordeste; RBR - Resto do Brasil. Preços constantes de 2009.

7 Inclui mídia, telecomunicações e serviços de tecnologia de informação.

de reais de demanda final, indica exatamente o contrário do comentado no parágrafo anterior. As principais atividades são pecuária e pesca, totalizando R\$ 1,9 milhão; construção civil (R\$ 1,7 milhão); indústria de transformação (R\$ 1,7 milhão); serviços de alojamento e alimentação (1,7 milhão); e agricultura, silvicultura e exploração florestal (R\$ 1,7 milhão).

Uma das possibilidades interessantes do uso da MIP é a estimativa da contribuição do incremento da demanda final nordestina nos VAs das demais regiões do País. A Tabela 2 traz a estimativa no valor de R\$ 13.883 milhões, que corresponde a 45% do incremento do PIB da região Nordeste. Apenas como exercício, pode-se dizer que, se não houvesse nenhum vazamento de VA para fora do Nordeste, o crescimento do PIB chegaria a 10,8%, confirmando a hipótese de que quanto maior for

o grau de integração intrarregional, maior será o potencial de crescimento do PIB da Região.

A análise dos impactos no valor adicionado dentro do Nordeste, por milhão de reais de demanda final, destaca as seguintes atividades:

- a) transações e locações imobiliárias, impacto no montante de R\$ 1,7 milhão;
- b) comércio e serviços de manutenção e reparação (R\$ 1,8 milhão);
- c) administração, saúde e educação pública e seguridade social (R\$ 1,6 milhão);
- d) intermediação financeira, seguros e previdência complementar e serviços relacionados (1,6 milhão);
- e) agricultura, silvicultura e exploração florestal, impacto de R\$ 1,6 milhão.

Tabela 3 – Impactos no Emprego por Atividade

Atividades	Demanda Final ¹	Emprego ¹			Emprego gerado por Dem. Final ²
		NE	RBR	Total	
Agricultura, Silvicultura e Exploração Florestal	1.224	306.125	35.042	341.166	3.587
Pecuária e Pesca	530	160.761	18.197	178.958	2.961
Indústria Extrativa	362	23.317	9.079	32.396	11.171
Indústria de Transformação	2.533	181.600	71.235	252.836	10.020
Construção Civil	1.261	125.871	34.830	160.700	7.847
Produção e Dist. de Elet., Gás, Água, Esgoto e Limpeza Urbana	1.045	68.441	25.332	93.773	11.149
Comércio e Serviços de Manutenção e Reparação	2.674	396.587	72.170	468.757	5.704
Serviços de Alojamento e Alimentação	421	52.260	12.804	65.064	6.471
Transporte, Armazenagem e Correio	913	72.457	23.282	95.740	9.534
Intermediação Financeira, Seg. e Previdência Comp. e Serviços Relacionados	869	65.722	21.968	87.690	9.908
Serviços Prestados às Famílias e Associativas	430	93.358	12.305	105.664	4.069
Serviços Prestados às Empresas	720	77.024	19.372	96.397	7.465
Atividades Imobiliárias e Alugueis	1.848	121.473	44.603	166.076	11.125
Administração, Saúde e Educ. Púb. e Seguridade Social	4.189	421.802	118.007	539.809	7.761
Saúde e Educação Mercantis	570	60.334	15.796	76.130	7.492
Serviços Domésticos	294	63.803	8.410	72.212	4.069
Serviços de Informação	635	51.724	15.612	67.335	9.424
Nordeste	20.517	2.342.660	558.044	2.900.704	7.073

Fonte: Elaboração do autor com a Equipe BNB/Etene Conjuntura Econômica. Nota: NE - Nordeste; RBR - Resto do Brasil. Preços constantes de 2009.

¹ Demanda final em R\$ milhões. A variável emprego é calculada pelo conceito de equivalentes/homem/ano (IBGE), número de empregos gerados e mantidos durante um ano. ² Valor necessário de demanda final para gerar um emprego (total).

As atividades com maiores efeitos de transbordamento de produção para o resto do País deveriam ser priorizadas nos planos estratégicos das instituições públicas. É necessário fortalecer os elos dessas cadeias dentro do Nordeste, o que propiciaria uma maior integração regional. A atividade agricultura, silvicultura e exploração florestal apresenta um estímulo adicional: é uma das que geram mais impactos na produção, para fora da Região, e, também, uma das principais em geração de VA dentro do Nordeste.

Emprego, Massa Salarial e Tributos

A Tabela 3 indica as estimativas da geração de empregos por atividade, a partir do incremento de demanda final estimado (R\$ 20,5 bilhões). O emprego é calculado pelo conceito de equivalentes/homem/ano⁸, utilizado pelo IBGE. A ideia é que o número de empregos gerados será mantido durante um ano.

O incremento de demanda final do Nordeste deverá gerar 2.901 mil novos empregos, sendo 2.343 mil dentro da Região e 558 mil nas demais. De acordo com a Tabela 3, para a geração de um emprego no País torna-se necessária uma demanda final no Nordeste no valor de R\$ 7.073,00.

As atividades que mais geram emprego e que, também, requerem os menores valores de demanda final para gerar um emprego, são: pecuária e pesca, com valores estimados em 433 empregos e R\$ 2.961,00, respectivamente; agricultura, silvicultura e exploração florestal (358 empregos e R\$ 3.587,00); serviços domésticos e serviços prestados às famílias (315 empregos e R\$ 4.069,00); comércio e serviços de manutenção e reparação (225 empregos e R\$ 5.704,00); e serviços de alojamento e alimentação (198 empregos e R\$ 6.471,00).

Das atividades citadas acima, somente pecuária e pesca e serviços de alojamento e alimentação não fazem parte do grupo de atividades que

mais geram impactos no VA total (Brasil), por milhão de reais de demanda final.

O incremento de demanda final no Nordeste deverá gerar impacto de R\$ 14.491 milhões nos salários e de R\$ 11.459 milhões nos tributos (Tabela 4).

O aumento na massa salarial compreende R\$ 10.167 milhões dentro do Nordeste e R\$ 4.324 milhões nas demais regiões. Com relação aos tributos, estima-se que serão gerados R\$ 6.542 milhões dentro da Região e R\$ 4.917 milhões nas demais. Esses impactos totais nos salários e tributos representam, respectivamente, 70,6% e 55,8% do incremento de demanda final no Nordeste.

Considerações Finais

O uso da MIP Nordeste possibilitou a estimativa dos impactos nos agregados macroeconômicos de produção e emprego, a partir da projeção do PIB do Nordeste. O aperfeiçoamento da metodologia empregada abre a possibilidade de se gerar um valioso instrumento, de avaliação de impactos nas principais cadeias produtivas da região Nordeste, a partir de projeções do PIB.

Os impactos estimados no VBP contribuem para o estabelecimento de políticas públicas, principalmente de crédito, para a viabilização da produção projetada. Espera-se que o crescimento da demanda final, da ordem de R\$ 20,5 bilhões, gere um crescimento de R\$ 30.617 milhões no PIB da Região, correspondente a 7,4%, e de R\$ 52 bilhões no VBP no Nordeste.

Foi possível, também, avaliar a contribuição da região Nordeste no PIB e no emprego das demais regiões. O acréscimo de sua demanda final, deve gerar um impacto de R\$ 13,8 bilhões no PIB do restante do Brasil, e de 716 mil empregos, que serão mantidos por um ano.

8 Cada equivalente/homem/ano corresponde a um homem adulto que trabalha 8 horas diárias, durante todo o processo produtivo anual.

Tabela 4 – Impactos nos Salários e Tributos por Atividade – R\$ milhões

Atividades	Demanda Final	Salários			Tributos		
		NE	RBR	Total	NE	RBR	Total
Agricultura, Silvicultura e Exploração Florestal	1.224	566,0	263,5	829,5	360	301	661
Pecuária e Pesca	530	239,4	131,2	370,6	165	148	313
Indústria Extrativa	362	137,3	74,3	211,6	99	85	184
Indústria Transformação	2.533	828,3	548,5	1.376,8	933	615	1.548
Construção Civil	1.261	425,7	284,1	709,8	307	317	624
Produção e Dist. de Elet., Gás, Água, Esgoto e Limp. Urbana	1.045	372,2	202,8	575,0	427	229	656
Comércio e Serviços de Manutenção e Reparação	2.674	1.443,8	554,6	1.998,4	767	633	1.400
Serviços de Alojamento e Alimentação	421	221,3	92,6	314,0	168	103	271
Transporte, Armazenagem e Correio	913	417,4	189,0	606,4	305	226	531
Intermediação Financeira, Seg. e Previdência Comp. e Serv. Relac.	869	417,6	171,0	588,6	302	194	496
Serviços Prestados às Famílias e Associativas	430	319,2	93,9	413,1	140	107	247
Serviços Prestados às Empresas	720	368,7	153,2	521,9	226	172	398
Atividades Imobiliárias e Alugueis	1.848	457,5	335,4	792,9	328	386	714
Administração, Saúde e Educ. Púb. e Seguridade Social	4.189	3.115,2	918,5	4.033,7	1.432	1.046	2.478
Saúde e Educação Mercantis	570	363,7	123,9	487,7	186	141	327
Serviços Domésticos	294	218,2	64,2	282,3	96	73	169
Serviços de Informação	635	256,0	123,1	379,1	301	140	442
Nordeste	20.517	10.167	4.324	14.491,3	6.541,5	4.917,1	11.458,5

Fonte: Elaboração do autor com a Equipe BNB/Etene Conjuntura Econômica. Nota: NE - Nordeste; RBR - Resto do Brasil. Preços constantes de 2009.

REFERÊNCIAS

GUILHOTO, Joaquim José Martins et al. **Matriz de insumo-produto do nordeste e estados:** metodologia e resultados. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2010.

IBGE. **Contas regionais.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/servidor_arquivos_est/>. Acesso em: 15 jun. 2010.

1.2 - Setor Automotivo e Oportunidades para o Nordeste

Wellington Santos Damasceno

Economista, técnico do BNB/Etene.

Aírton Saboya Valente Júnior

Economista, gerente da Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas, Industriais e de Serviços.

O setor automotivo continua sendo um dos símbolos da indústria, devido ao potencial do segmento na geração de empregos, renda, exportações e inovação tecnológica. Os países desenvolvidos se destacam na produção, consumo e exportação de automóveis, peças e componentes, assim como em serviços relacionados com o segmento.

Com efeito, nove das dez principais montadoras do mundo são originárias de países ricos: Toyota, Honda, Nissan e Suzuki, do Japão; General Motors e Ford, dos Estados Unidos; Volkswagen, da Alemanha; Peugeot/Citroën, da França; e Fiat, da Itália. A Hyundai, por sua vez, é proveniente da Coreia do Sul, considerada uma nação em desenvolvimento. Referidas montadoras respondem por aproximadamente dois terços da produção mundial de automóveis, enquanto cerca de 60 outras montadoras respondem pela parte restante (OICA, 2010).

Nos últimos 30 anos ocorreram importantes mudanças no setor automobilístico. O predomínio tecnológico e comercial dos EUA, consolidado em meados do século XX, viu-se ameaçado por montadoras europeias e, especialmente, japonesas, a partir da década de 1980. Entretanto, verificou-se um deslocamento do eixo de produção da América do Norte e Europa Ocidental para a Ásia, que passou a investir em plantas industriais no exterior, obtendo incremento nas vendas exter-

nas de automóveis e peças a partir de plataformas de exportação.

Por outro lado, desde meados do século XX os países da América Latina têm procurado atrair montadoras das nações desenvolvidas, como forma de acelerar seus respectivos processos de industrialização e modernização produtiva. As montadoras, por seu turno, almejam obter menores custos de mão de obra e de produção e maior facilidade de acesso a matérias-primas e aos mercados em expansão nos países em desenvolvimento. É importante registrar ainda que, em anos recentes, a demanda nos países desenvolvidos passou a avançar em ritmo mais lento, devido à desaceleração do crescimento e ao consequente envelhecimento de suas populações, além de certa saturação desses mercados.

Como corolário da crise econômico-financeira internacional iniciada em 2008, que afetou montadoras tradicionais em todo o mundo, países em desenvolvimento passaram a adquirir participações acionárias nessas empresas. Além disso, os fabricantes têm sido pressionados a produzir automóveis compactos, econômicos e do tipo “flex”, ou seja, capazes de utilizar diferentes alternativas de combustível líquido, especialmente gasolina, etanol e óleo diesel.

Diante desse contexto, o Brasil surge como importante mercado de automóveis, e, no âmbito

doméstico, o Nordeste se destaca como região em franca expansão. O presente documento delinea um panorama da produção automobilística mundial, com ênfase no Brasil, ressaltando as oportunidades que o segmento poderá proporcionar para a Região.

Produção mundial de veículos

A indústria automotiva destaca-se no âmbito do setor industrial mundial devido ao seu forte encadeamento com segmentos de insumos, peças, componentes e serviços, de modo que o setor automobilístico gera importantes efeitos multiplicadores na economia em termos de emprego, renda, exportações e tributos.

Além do processo de fabricação e montagem, os veículos quando em circulação demandam peças de reposição e diversos serviços, a exemplo de lubrificantes e combustíveis, acessórios, reparos de pintura e carroceria, lavagem e manutenção, além de uma complexa infraestrutura física de estradas de rodagem, bem como uma intrincada rede de fiscalização, regulamentação e normalização do trânsito automotivo.

Na Alemanha, por exemplo, o setor automotivo é considerado uma das mais importantes atividades produtivas. Responde por cerca de 20% do faturamento da indústria alemã e emprega em torno de 750 mil pessoas (DW-WORLD, 2010). Aproximadamente 70% dos veículos ali produzidos têm como destino o exterior. No Brasil, por sua vez, o PIB da indústria automotiva, incluindo o setor de autopeças, representa cerca de um quarto do PIB industrial brasileiro (ANFAVEA, 2010c).

Em 2009, a produção de veículos nos cinco continentes totalizou aproximadamente 61 milhões de unidades, tendo como líder a Ásia, com 50,5% da produção, seguida pela Europa, com 27,9%, e pelas Américas, com 20,6%. A África e a Oceania

assinalaram proporção inexpressiva da produção mundial, totalizando, juntas, apenas 1%.

Em 2009, a China se destacou como o país com a maior produção de autoveículos, totalizando 13,7 milhões de unidades, seguida por Japão (7,9 milhões), EUA (5,7 milhões), Alemanha (5,2 milhões), Coreia do Sul (3,5 milhões) e Brasil (3,2 milhões). Vale destacar que a China, cuja produção em 2000 se situava próxima à do Brasil, em 2009 já superava a produção de EUA (2ª maior) e Japão (3ª), juntos. Em 2006, os EUA já haviam perdido o primeiro lugar para o Japão. Em 2008 a China já superou o Japão¹.

Setor automotivo no Brasil

O Brasil produziu 3,2 milhões de veículos, em 2009, quantidade correspondente a 5,2% da produção mundial, sendo mais de 70% destinados ao consumo interno. É importante ressaltar que as montadoras instaladas no Brasil são quase todas filiais de empresas transnacionais. No segmento de autopeças, por sua vez, empresas brasileiras tornaram-se fornecedoras para as fábricas que operam no País e, em alguns casos, para unidades do exterior.

As exportações brasileiras de veículos em 2009 totalizaram aproximadamente 475 mil veículos, significando queda de 35% em relação as 734 mil unidades exportadas no ano anterior. Em 2010, as exportações retornaram aos patamares anteriores, incluindo veículos desmontados (CKD), com 765,7 mil unidades vendidas no exterior.

A indústria automobilística brasileira dispõe de um parque industrial espalhado por oito estados: São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Bahia, Goiás e Ceará. No total são 50 fábricas, que em 2009 produziram 3,2 milhões de autoveículos e 66 mil máquinas agrícolas automotrizes. Em 2010, a produção al-

1 É importante registrar que apesar de se destacar entre os principais produtores e consumidores de veículos, a China não possuía mercados tradicionais com cultura automobilística.

cançou a marca de 3,6 milhões unidades, incluindo CKD, e 88,7 mil máquinas agrícolas.

Ainda há grande concentração de fábricas de motores, componentes e centros logísticos de distribuição nas regiões Sudeste, com 33 unidades, e Sul, com 20 unidades, cabendo papel preponderante a São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná. As regiões Nordeste e Centro-Oeste possuem três unidades cada uma.

O mercado consumidor automotivo nacional tem seguido o ritmo de expansão da produção brasileira. O aumento do consumo nacional estimula os produtores locais já instalados, ao mesmo tempo em que atrai novas montadoras. É importante registrar ainda que, apesar da cobrança de 35% de imposto de importação para veículos oriundos de países que não possuem acordos comerciais com o Brasil, as importações de veículos no território brasileiro estão atualmente superando as exportações. Contribuem para esse quadro o aquecimento da demanda interna, a valorização do real e os incentivos oferecidos por outros países às indústrias automotivas locais. A estimativa é que esse movimento resulte em um déficit de R\$ 2 bilhões para o setor em 2010.

Produção e vendas de automóveis no Nordeste

No que diz respeito à frota de veículos, segundo dados consolidados pela Anfavea, em 2008 o Brasil destacou-se como o país com a oitava maior frota em circulação (27,4 milhões), ficando à frente da China e da Coreia do Sul. Os EUA (250,2 milhões) lideram o *ranking*, seguido do Japão (75,8 milhões) e da Alemanha (44,1 milhões).

Mesmo sem registrar crescimento vertiginoso da frota de veículos quando comparado com a China, o Brasil continuará sendo um dos países mais importantes no que tange à quantidade de veículos em circulação, gerando, consequentemente, um expressivo mercado de suporte e atendimento a essa frota. Em 2009, São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro e Rio Gran-

de do Sul concentravam 70,1% da frota nacional. No Nordeste, os três estados com as maiores frotas (Bahia, Ceará e Pernambuco) possuíam, juntos, 7,3% da frota nacional.

Embora seja o terceiro mercado consumidor regional, o Nordeste possui apenas duas plantas industriais montadoras de veículos dentre as associadas à Anfavea: a Ford, em Camaçari, na Bahia, e a Troller/Ford, em Horizonte, no Ceará. Segundo dados do Anuário da Anfavea (2010a), em 2009 a Bahia produziu 207 mil unidades, o que representou 6,5% da produção nacional. A produção da unidade de Horizonte, no Ceará, que fabrica um carro tipo *off road* 4 x 4, não foi declarada no referido anuário.

Em 2008, a região Nordeste licenciou 397.286 veículos, e, em 2009, 461.484 veículos, aumento de 16,2%, superior ao ocorrido nas demais regiões do País nesse mesmo período: Centro-Oeste 14,8%; Norte, 12,8%; Sul, 12,2%; e Sudeste, 9%.

Em 2009, o Nordeste possuía a terceira maior rede de distribuição do Brasil, compreendendo 508 concessionárias autorizadas, isto é, 15% da rede brasileira. O Sudeste detinha 1.612 concessionárias, 47,7% do total do País, seguido pelo Sul, com 780 (23%). As regiões Norte e Centro-Oeste possuíam, juntas, 484 concessionárias (14,3%).

Tendo em vista a perspectiva de expansão da indústria automobilística no Brasil, o Nordeste poderá se beneficiar das novas oportunidades de produção e prestação de serviços voltados para o setor. A região detém potencial para expandir a cadeia produtiva de veículos automotivos, inclusive no tocante ao fornecimento de peças, sistemas e serviços, haja vista o porte da frota de veículos em circulação nos seus nove estados. Esse potencial é corroborado pela elevação da renda da população, bem como pela ampliação da oferta de crédito para aquisição de veículos.

Além disso, recentemente o atual regime automotivo foi alterado por meio da Medida Provisória

512, de 25/11/2010, que prorrogou os benefícios fiscais para montadoras no Nordeste. Por conta do novo regime automotivo, cujo prazo para apresentação de projetos vigorou até 29/12/2010, a Fiat anunciou investimento de aproximadamente R\$ 3 bilhões em Pernambuco, visando à instalação de uma nova planta industrial. A nova fábrica terá capacidade de produção de 200 mil veículos por ano, com dedicação a novos modelos populares. A instalação da fábrica em Suape possibilitará a atração de empresas sistemistas, que ficam no entorno da planta principal, numa espécie de condomínio industrial.

A notícia de implantação de uma montadora em Pernambuco começou a atrair investimentos de fabricantes de autopeças para a região. Segundo o jornal Valor Econômico (2010), a fabricante de baterias Moura deverá investir R\$ 500 milhões nos próximos anos, para dobrar sua capacidade de produção.

Juntas, Fiat e Ford terão capacidade de fabricação de aproximadamente 400 mil veículos por ano na região Nordeste, o que representa aproximadamente 13% da produção nacional.

O processo de descentralização da indústria automotiva no Brasil teve início em meados da década de 1990. O mecanismo garantia redução do imposto de importação em veículos, equipamentos e autopeças para os fabricantes de veí-

culos e de autopeças que investissem em novas fábricas e que se comprometessem a exportar.

O programa acabou provocando também uma guerra fiscal entre os estados. Dessa forma, Paraná e Rio Grande do Sul ganharam novas fábricas. Posteriormente, o governo criou o chamado regime automotivo especial para o Norte, Nordeste e Centro-Oeste, levando montadoras também para a Bahia e Goiás. Hoje, o Brasil conta com 50 fábricas de veículos, que, juntas, poderão alcançar a produção de 3,6 milhões de unidades, até o final de 2010. Esse total equivale ao dobro do que foi produzido em 2003.

O Nordeste tem crescido relativamente mais que o Sudeste e o Sul no número de licenciamentos de veículos, e deverá se apresentar como local de grande demanda para produtos e serviços de manutenção. Algumas peças de reposição, devido ao seu baixo valor agregado, poderão exigir que essas fábricas se localizem próximo aos centros consumidores, criando uma descentralização dos fornecedores para as atividades relacionadas com o setor automotivo.

O aumento e a modificação da distribuição regional da frota nacional deverão contribuir para a ampliação da renda e do emprego nos setores e atividades relacionados com a indústria automotiva. A indústria automotiva do Nordeste apresenta um faturamento correspondente a apenas 3% do montante obtido em âmbito nacional e emprega apenas 2,9% da mão de obra dessa indústria.

REFERÊNCIAS



ANFAVEA. **Anuário da Anfavea 2010**. Disponível em: <<http://www.anfavea.com.br>>. Acesso em: 8 out. 2010a.

_____. **Carta da ANFAVEA**, n. 294 a 296. Disponível em: <<http://www.anfavea.com.br>>. Acesso em: 10 jan. 2010b.

_____. **Guia setorial da indústria automobilística brasileira 2010**. Disponível em: <<http://www.anfavea.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2010c.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **GM inaugura central de distribuição no Nordeste**. Disponível em: <<http://www.planejamento.gov.br>>. Acesso em: 7 maio 2010.

DW-WORLD. **A Indústria**. Disponível em: <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,984270,00.html>>. Acesso em: 1 nov. 2010.

FENABRAVE. **Anuário da distribuição de veículos automotores no Brasil 2009**. Disponível em: <<http://www.fenabreve.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2010.

HUMPHREY, J.; MEMDOVIC, O. **The global automotive industry Value Chain: what prospects for upgrading by developing countries**. Brighton and Viena: Institute of Development Studies and Unido, 2003.

INFOMONEY. **Brasil fica em quinto lugar dentre países que mais vendem veículos**. Disponível em: <<http://web.infomoney.com.br//templates/news/view.asp?codigo=1921515&path=/suasfinancas/>>. Acesso em: 4 set. 2010a.

_____. _____. Disponível em: <<http://web.infomoney.com.br//templates/news/view.asp?codigo=1921515&path=/suasfinancas/>>. Acesso em: 11 ago. 2010b.

MONTADORA chinesa terá fábrica de US\$ 700 milhões. Disponível em: <<http://jbttecidos.wordpress.com/2010/08/05/montadora-chinesa-tera-fabrica-de-us-700-milhoes-em-jacarei/>>. Acesso em: 11 ago. 2010.

NAJBERG, Sheila; PUGA, Fernando Pimentel. **Condomínio industrial: o caso do complexo Ford no Nordeste**. Disponível em:

<http://ce.desenvolvimento.gov.br/remtech/docs/FORD%20NE%20-%20futIndustria_2_09.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2010.

OICA. **Production statistics**. Disponível em: <<http://www.oica.net>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

SERASA. **Veículos leves – junho e setembro 2010**. Disponível em: <<http://www.serasaexperian.com.br/solucoes/reports/index.htm?frompage=empresa>>. Acesso em: 14 set. 2010.

SILVA, Tereza Maria Fernandez Dias. **O que esperar para o setor automotivo em 2010**. Disponível em: <http://www.fenabreve.com.br/principal/pub/anexos/20100115065938artigo_tereza_fernandez.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2010.

SINDIPEÇAS **Desempenho do setor de autopeças**. Disponível em: <<http://www.sindipecas.org.br>>. Acesso em: 4 ago. 2010.

VALOR ECONÔMICO. **Fiat anuncia investimento de R\$ 3 bilhões em PE**. Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br>>. Acesso em: 14 dez. 2010.

2 - Síntese de Expectativas

A edição de novembro de 2010 do World Economic Outlook, relatório divulgado pelo International Monetary Fund (IMF, 2011b), projeta um crescimento de 4,4% da economia mundial em 2011, o que significa uma revisão para cima em relação à edição anterior. A explicação se encontra na alta inesperada da atividade econômica, em algumas economias avançadas, no segundo semestre de 2010, como as dos Estados Unidos, Japão e Alemanha. Essa retomada foi possível graças às políticas contracíclicas adotadas nesses países com o objetivo de estimular a demanda doméstica.

Entretanto, o Fundo alerta para a continuidade de fatores de instabilidade que podem comprometer o processo de recuperação da economia mundial. Um desses fatores está relacionado com desequilíbrios do mercado da dívida soberana dos países da periferia da Zona Euro. A conjuntura de desajuste fiscal e de baixa taxa de crescimento da Irlanda revela as reais possibilidades de *default* dessas economias, com riscos crescentes para o sistema financeiro. Ademais, os rumores de que a Grécia estaria preparando um plano de reestruturação da sua dívida aumentam as dúvidas sobre a sustentabilidade de sua dívida soberana.

Na avaliação do FMI, a recuperação da confiança das economias europeias passa pela aplicação de testes rigorosos de estresse nos bancos e pelo fortalecimento do Fundo Europeu de Estabilidade Financeira (IMF, 2011a).

É necessário acrescentar nesse contexto a situação de instabilidade política vivenciada pela Bélgica, e que já começa a afetar a confiança

econômica em sua economia, a qual, diga-se de passagem, exibe uma das maiores relações dívida/PIB da Europa, associada às mais altas taxas de juros sobre os seus títulos, desde o início de 2009. Ou seja, a progressão dessa situação traz para as economias centrais da Europa novas possibilidades de riscos sistêmicos.

Por outro lado, a opção por políticas fiscais austeras, com o objetivo de reduzir a relação dívida/PIB, visa restabelecer a confiança dos investidores expostos ao risco soberano. Porém, a redução dos gastos públicos pode comprometer a frágil recuperação do crescimento econômico, com impacto negativo na base de arrecadação tributária, levando a déficits ainda mais acentuados.

Vale acrescentar que as medidas fiscais de austeridade vêm sendo implementadas em um contexto de baixo dinamismo da demanda privada. De fato, os mercados imobiliários, assim como a renda das famílias nas economias avançadas, ainda não se recuperaram dos efeitos negativos da crise financeira mundial.

Ademais, suas taxas de desemprego permanecem elevadas. Segundo o Relatório Anual da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2011), o número de pessoas desempregadas totalizou 205 milhões em 2010, apesar da retomada do crescimento econômico em vários países. Esse montante significa 27,6 milhões de pessoas a mais do que no período pré-crise econômica mundial. Para 2011, a OIT prevê uma taxa de desemprego mundial de 6,1%, um pouco abaixo dos 6,3% registrados em 2010.

O relatório revela que mais da metade (55%) da alta do desemprego mundial entre 2007 e 2010 foi assinalada nos EUA, na União Europeia e em outras economias avançadas. Em contrapartida, em algumas economias emergentes, como é o caso do Brasil, as taxas de desemprego são menores do que no período anterior à intensificação da crise econômica mundial.

As economias emergentes e os países em desenvolvimento continuam assinalando taxas de crescimento significativas, embaladas, sobretudo, pelo desempenho da China, da Índia e do Brasil. Para 2011, o FMI prevê um crescimento de 6,5%, um pouco abaixo dos 7% observados no ano anterior. Esse desempenho se deve ao dinamismo da demanda interna e à retomada da demanda mundial de *commodities* metálicas e agrícolas. Essa configuração, por sua vez, aumenta o risco de superaquecimento e de pressões inflacionárias.

O Produto Interno Bruto (PIB) chinês, por exemplo, chegou a crescer 10,3% no ano passado, assinalando a maior expansão desde 2007. O forte incremento está associado, sobretudo, à demanda doméstica, que contribuiu com 9,5 pontos percentuais para o crescimento em 2010. Já as exportações líquidas participaram com apenas 0,8 ponto percentual. A expansão chinesa foi acompanhada de pressão sobre os preços, que registraram incremento acumulado de 3,3%, superior à meta oficial de 3% (REUTERS, 2011).

Grande parte da alta da inflação nessas economias deve-se ao maior custo dos alimentos. De acordo com a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO, 2011), o índice global de preços de alimentos experimentou alta recorde em dezembro de 2010, chegando a 214,7 pontos, acima, portanto, do pico de 213,5

pontos atingido em junho de 2008, quando um aumento generalizado nos custos das *commodities* agrícolas engendrou distúrbios políticos em diversos países¹.

Vale destacar que a inflação de alimentos está associada não somente aos prejuízos causados por eventos climáticos em 2010. Os incrementos desproporcionais de preços se devem, em grande medida, aos movimentos especulativos sobre os mercados futuros de *commodities*. Em artigo publicado na revista BNB Conjuntura Econômica do segundo trimestre de 2008, Ferreira já chamava a atenção para o fato de que a “atual instabilidade sistêmica do dólar americano frente às principais moedas [...], além de introduzir riscos próprios, imprevisíveis, nos mercados futuros de câmbio, projetam noutros mercados especulativos, sejam de opções ou de futuros de *commodities* em geral, percepções adicionais de riscos, embaçando, ainda mais, os frágeis instrumentos de precificação” (FERREIRA, 2011).

Nessas condições, a ameaça de alguns países de limitar as exportações de alimentos para prover reservas internas provoca mais incerteza nos mercados globais, pressionando os preços mundiais. Ou seja, nesses termos, subsistem ameaças não desprezíveis de estagflação, ou seja, pressões inflacionárias associadas a baixo crescimento, particularmente nas economias centrais, diante das notórias instabilidades recentes de crescimento econômico.

No caso brasileiro, a elevação dos preços internacionais de produtos básicos e o aquecimento da demanda explicam, em parte, as recentes pressões inflacionárias, devendo-se levar em conta, também, a ocorrência de problemas climáticos internos. O IPCA-15 alcançou 0,76% em janeiro,

1 Vale mencionar, no entanto, que na média de 2010 (179,1) o Índice de Preços dos Alimentos, calculado pela FAO, ainda ficou bem abaixo da média de 2008 (190,9). O importante no contexto é chamar a atenção para a possibilidade de um sustentado repique de alta de preços dos alimentos em escala internacional, tal qual aconteceu no período 2007-2008. Para os índices aqui referidos (FAO, 2011).

significando o maior acréscimo para o período desde 2003. Os segmentos transportes, habitação e alimentos foram os grandes responsáveis pela subida do índice. Vale ressaltar que, em 2010, a inflação medida pelo IPCA alcançou 5,9%, ou seja, superior ao centro da meta de 4,5%, mas abaixo do limite superior de 6,5%. Nesse caso, os grupos alimentos e bebidas (10,39%), vestuário (7,52%) e despesas pessoais (7,37%) foram os três com maiores expressões inflacionárias. Ressalve-se, no entanto, que o papel do primeiro grupo sobre o índice geral é de longe o mais significativo, já que seu peso mensal, na média, situa-se em torno de 23%.

Na tentativa de conter a alta inflacionária, o Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central, decidiu alterar no dia 19.01.2011 a taxa de juros Selic em 0,5 ponto percentual, de 10,75% para 11,25%. Vale destacar que o Banco Central já havia acionado instrumentos macroprudenciais com esse objetivo, ampliando o compulsório e o nível de capital requerido em operações de crédito. O objetivo é arrefecer a atividade econômica, evitando uma generalizada elevação dos preços dos produtos básicos.

O aumento da taxa Selic, em um contexto de baixo crescimento dos países desenvolvidos, contribuiu para um maior influxo de capitais no País, acentuando a valorização da moeda nacional. Vale destacar que a apreciação do real, associada ao aquecimento da demanda interna, engendrou um déficit em conta-corrente de US\$ 47,5 bilhões, o maior das contas externas desde que o Banco Central começou a realizar o levantamento em 1947.

O resultado foi fortemente impulsionado pelo desempenho da balança comercial brasileira, que em 2010 apresentou um superávit de US\$ 20,2 bilhões, com recuo de 19,8% em relação a 2009. Vale mencionar que esse excedente é o menor dos últimos oito anos, apesar do recorde histórico registrado pelas exportações brasileiras, que

atingiram US\$ 201,9 bilhões em 2010, com alta de 31,4%. As vendas internacionais foram embaladas, sobretudo, pela demanda excepcional de *commodities* agrícolas e metálicas dos países asiáticos, que, como referido antes, vêm experimentando altas excepcionais de preços.

A forte demanda elevou o valor de alguns produtos básicos representativos da pauta exportadora brasileira, com destaque para o minério de ferro (117,4%), café (37%), petróleo (75,8%), milho em grão (69,2%) e açúcar em bruto (43%). As exportações de minério de ferro, isoladamente, atingiram US\$ 28 bilhões, sendo essa a primeira vez que um produto supera o patamar de US\$ 20 bilhões no Brasil.

Vale destacar a significativa participação de produtos básicos nas exportações totais do País, saltando de 40,5%, em 2009, para 44,6%, em 2010. Com uma base exportadora especializada em produtos básicos e semimanufaturados, a região Nordeste desempenha papel decisivo nesse processo de primarização da pauta exportadora brasileira.

Em contrapartida, a participação dos manufaturados recuou de 44%, em 2009, para 39,4%, em 2010, o que parece indicar uma perda de competitividade da indústria brasileira. O déficit nas vendas externas de produtos manufaturados somou US\$ 34,8 bilhões, em 2010, acréscimo de 316,5% no confronto com 2009, com ênfase nos setores de alta e média-alta tecnologia (IEDI, 2011).

As importações também assinalaram recorde histórico, alcançando US\$ 181,6 bilhões no acumulado de janeiro a dezembro de 2010, com expansão de 41,6% em relação a igual período de 2009. Todas as categorias de uso registraram alta das compras internacionais, com destaque para combustíveis e lubrificantes (50,7%) e bens de consumo (45,4%), seguidos por matérias-primas e intermediários (39,8%) e bens de capital (37,5%).

O resultado da conta-corrente também foi influenciado pela remessa de lucros em 2010, que totalizou US\$ 30,3 bilhões, e pelos gastos líquidos de brasileiros com viagens internacionais, que atingiram a cifra recorde de US\$10,5 bilhões no ano. Com o objetivo de reduzir as pressões negativas sobre a conta de transações correntes, o governo estuda aumentar em até 30% as tarifas de importação dos produtos considerados supérfluos, com ênfase em bens de consumo manufaturados com similares no Brasil.

No caso do Nordeste, seu dinamismo econômico em 2011 será influenciado pelos seguintes fatores:

i) A confirmação do crescimento da economia mundial em 2011, impulsionando a demanda por alimentos, beneficiará a economia nordestina, tradicional exportadora de *commodities* agrícolas e metálicas. É o caso, por exemplo, da fruticultura, que poderá aumentar significativamente suas vendas internacionais. Na avaliação do gerente executivo da Célula de Estudos e Pesquisas Rurais e Agroindustriais, do BNB-Etene, Wendell Carneiro, o Nordeste é uma das poucas regiões do mundo com potencial competitivo para incrementar as vendas de frutas tropicais para países desenvolvidos. Wendell ressalta que as condições de exportação são ainda mais propícias no período de outubro a abril, quando se observa um recuo da oferta dos países do hemisfério norte, devido ao inverno. Vale destacar que o BNB investiu R\$ 240 milhões na fruticul-

tura da Região em 2010. Desse total, 82% foram aplicados nos principais estados exportadores: Bahia, Ceará e Pernambuco (BANCO DO NORDESTE, 2011).

ii) A tendência de continuidade da atuação marcante do BNB como financiador do setor produtivo regional. Nessa perspectiva, o BNB disporá, somente do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), de um montante de R\$10,6 bilhões, significando incremento de 17,8% em relação ao exercício de 2010. Esse valor foi definido na Programação Anual do FNE 2011, aprovada pelo Conselho Deliberativo da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene).

Em suma, muito embora as perspectivas internacionais sejam, ainda, cercadas de incertezas, especialmente no tocante a questões de riscos soberanos na União Europeia, além da reduzida capacidade de geração de emprego nas economias centrais, em geral, somada a novas altas de preços internacionais de alimentos, as expectativas de crescimento para a economia brasileira e a do Nordeste, em particular, são bastante favoráveis, ainda que não ao mesmo nível do ocorrido em 2010. Resta, contudo, alguma incerteza com relação à atual pressão inflacionária, no sentido de se determinar em que medida ela se deve a fatores sazonais ou ocasionais, como, por exemplo, os climáticos, ou se decorre de fatores estruturais, envolvendo desajustes entre uma oferta limitada de certos bens essenciais e uma demanda interna crescente, como decorrência de significativas melhorias no mercado de trabalho recém-ocorridas.

REFERÊNCIAS



BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. **Notícias BNB**, n. 3, 17 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.bnb.gov.br>>. Acesso em: 26 jan. 2011.

BRASIL. Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Balança comercial bra-**

sileira 2010. Disponível em: <<http://www.de-senvolvimento.gov.br>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

FAO. Disponível em: <<http://www.fao.org/worldfoodsituation/wfs-home/en/>>. Acesso em: 26 jan. 2011.

FERREIRA, Assuero. As recentes altas dos preços do petróleo e de alimentos. **BNB Conjuntura Econômica**, n.17, abr.-jun. 2008. Disponível em: <<http://www.bnb.gov.br>>. Acesso em: 26 jan. 2011.

IEDI. 34,8 bilhões de déficit nos bens da indústria de transformação. **Carta Iedi**, n. 451. Disponível em: <<http://www.iedi.org.br>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

IMF. **Global financial stability.** Disponível em: <<http://www.imf.org>>. Acesso em: 21 jan. 2011a.

_____. **World economic outlook january 2011.** Disponível em: <<http://www.imf.org>>. Acesso em: 20 jan. 2011b.

OIT. La faible reprise de l'emploi devrait se poursuivre em 2011. **Relatório do Bureau Internationale du Travail (BIT).** Disponível em: <<http://www.ilo.org>>. Acesso em: 26 jan.2011.

REUTERS. **PIB da China surpreende no 4º trimestre, permitindo aperto.** Disponível em: <<http://br.reuters.com/>>. Acesso em: 26 jan. 2011.

Tabela 1 – Nordeste e Brasil – Principais Indicadores Econômicos Outubro-Dezembro/2010

Indicadores	Período	Unidade	Nordeste	Variação (%) igual período 2009	Brasil	Variação (%) igual período 2009
Estimativa produção grãos (a)	2010/11	Mil t	13.626	14,3	149.087	-0,1
Estimativa área plantada grãos (a)	2010/11	mil ha	7.921	4,9	47.982	1,3
Estimativa produtividade grãos (a)	2010/11	Kg/ha	1.720	8,9	3.107	-1,3
Produção Industrial	Out-Nov	Nº Índice	100,33	-1,7	103,55	2,4
Pessoal ocupado na indústria	Out-Nov	Nº Índice	104,51	6,0	103,64	8,7
Horas pagas na indústria	Out-Nov	Nº Índice	104,05	6,1	103,81	8,5
Folha de pagamento real na indústria	Out-Nov	Nº Índice	111,20	13,6	108,71	12,0
Comércio varejista volume de vendas	Novembro	Nº Índice	-	-	173,54	9,9
Comércio varejista ampliado volume de vendas	Novembro	Nº Índice	-	-	193,78	16,9
Exportações	Out-Dez	US\$ milhões	4.291	26,9	56.986	38,3
Importações	Out-Dez	US\$ milhões	4.996	58,8	49.459	33,3
Corrente de comércio (exportação + importação)	Out-Dez	US\$ milhões	9.287	42,3	106.445	35,9
Saldo da balança comercial (exportação - importação)	Out-Dez	US\$ milhões	(705)	-120,8	7.527	-81,7
Saldo das operações de crédito (f)	Outubro	R\$ milhões	100.255	16,4	1.412.519	11,2
Saldo dos depósitos bancários (f)	Outubro	R\$ milhões	129.228	2,5	2.473.940	7,3
BNB - Saldo operações crédito (com FNE) (i)	Dezembro	R\$ milhões	36.024	-9,3	40.844	1,1
BNB - Contratações do FNE (b)	Out-Dez	R\$ milhões	3.868	5,9	-	-
BNB - Contratações do PRONAF (b)	Out-Dez	R\$ milhões	351	3,7	-	-
Arrecadação de receitas federais (c)	Out-Dez	R\$ milhões	8.419	-42,7	153.232	-13,8
Arrecadação de ICMS (d)	Out-Nov	R\$ milhões	7.170	4,7	44.058	-4,6
Saldo emprego formal na indústria	Out-Dez	Unidade	8.789	-60,32	-109.945	120,77
Saldo emprego formal na construção civil	Out-Dez	Unidade	-4.383	-126,57	-76.037	983,30
Saldo emprego formal no comércio	Out-Dez	Unidade	43.806	17,27	227.094	16,05
Saldo emprego formal nos serviços	Out-Dez	Unidade	23.087	-20,99	68.989	-0,02
Saldo emprego formal agrop.extra.veg.caça pesca	Out-Dez	Unidade	-18.577	-14,10	-174.560	-20,04
Saldo emprego formal total	Out-Dez	Unidade	52.722	-40,72	-64.459	-203,20
Taxa média de desocupação Recife (e)	Dezembro	%	6,1 (g)	5,8 (h)	-	-
Taxa média de desocupação Salvador (e)	Dezembro	%	6,0 (g)	5,3 (h)	-	-
Taxa média de desocupação Brasil (e)	Dezembro	%	-	-	5,9 (g)	5,5 (h)

Fontes: IBGE, BACEN, MDIC, MTE - CAGED, CONAB, IPEADATA, MF, CONFAZ e BNB.

Elaboração: Equipes de conjuntura e da Central de Informações Econômicas, Sociais e Tecnológicas do BNB/ETENE.

- (a) Inclui os produtos caroço de algodão, amendoim (1ª. e 2ª. safras), arroz, aveia, centeio, cevada, feijão (1ª.2ª. e 3ª. safras), girassol, mamona, milho (1ª. e 2ª. safras), soja, sorgo, trigo e triticale. Levantamento: dez/2010;
- (b) Valores de 2009 a preços médios do 4º trimestre de 2010. Valores indexados pelo IGP-DI;
- (c) Não inclui receita previdenciária. Valores de 2009 a preços constantes a média do 4º trimestre de 2010, indexados pelo IGP-DI;
- (d) Valores a preços constantes a média do bimestre out-nov de 2010, indexados pelo IGP-DI.
- (e) A taxa média de desocupação é dada pela relação população desocupada/população economicamente ativa. O valor para o Brasil representa a média para as Regiões Metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.
- (f) Valores de 2009 a preços de outubro/10, indexados pelo IGP-DI;
- (g) Em dezembro de 2010;
- (h) Em dezembro de 2009;
- (i) Valores de 2009 a preços de dezembro/10, indexados pelo IGP-DI.

Notas:

- Saldo das operações de crédito ou de depósitos bancários corresponde à diferença entre entrada e saída de recursos. É uma variável de estoque e pontual, uma vez que é apurada em uma determinada data.
- Contratações de operações de crédito correspondem a uma variável fluxo, significando uma injeção de recursos adicionais, num determinado período de tempo.
- O saldo do emprego formal corresponde à diferença entre admissões e desligamentos.
- Os indicadores de produção, produtividade e de área agrícola foram coletados no documento divulgado pela CONAB denominado "Acompanhamento da Safra Brasileira, Grãos -referencia: junho/10".

3 - Nível de Atividade

3.1 - Produto Interno Bruto (PIB)

Apesar do menor ritmo de crescimento, a economia brasileira manteve a trajetória de expansão no terceiro trimestre de 2010 em relação ao trimestre anterior, assinalando alta de 0,5%, a sexta consecutiva nessa base de comparação. Nas comparações interanuais, os resultados permanecem expressivos: 6,7% na comparação trimestre/mesmo trimestre do ano anterior e 8,4% no acumulado do ano.

Do lado da oferta, constatou-se um decréscimo de 1,3% na indústria e de 1,5% na agropecuária. Em contrapartida, o setor serviços compensou essas quedas com um crescimento de 1%. Todas as atividades que compõem esse setor obtiveram resultados positivos, destacando-se entre elas a intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados (3,1%); o comércio (1,4%) e os serviços de informação (1,2%). As demais atividades apresentaram crescimento médio de 0,4%.

As perspectivas desse setor para 2011 são otimistas. De acordo com pesquisa realizada pela Central Brasileira do Setor de Serviços (CEBRASSE, 2011), de um universo representativo de 25 mil empresas em todo o País, 35% dos prestadores de serviços acreditam que no primeiro semestre de 2011 seu faturamento crescerá entre 7% e 10% ou mais, na comparação com o mesmo período de 2010. Trinta e um por cento apontam uma média de 5%, enquanto 16% deles esperam um crescimento entre 1% e 3%.

Segundo estimativa feita por algumas instituições, o resultado negativo da indústria no terceiro trimestre de 2010 deveu-se à elevada formação de estoques no primeiro semestre do ano. De acordo com o Departamento de Pesquisas Econômicas do Banco Bradesco, a acumulação de estoques na primeira metade do ano subtraiu 0,54% do crescimento do PIB no terceiro trimestre. Para a LCA Consultores, o impacto seria um pouco inferior, não passando de 0,5%. Enquanto isso o Banco Fator calcula que o crescimento do PIB foi impactado em apenas 0,4%.

Apenas três atividades apresentaram crescimento superior ao daqueles registrados no primeiro e no segundo trimestres, em comparação com idênticos períodos de 2009: intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados; serviços de informação; e extrativa mineral.

Nessa base de comparação, os melhores desempenhos na indústria foram assinalados pelas atividades extrativa mineral (16,5%) e construção civil (9,6%). Segundo o Sindicato da Indústria de Construção Civil de São Paulo (Conjuntura da Construção, Dez./2010), o setor deve registrar crescimento de 11% em 2010 e de 6,1% em 2011, refletindo os expressivos investimentos em infraestrutura e habitação realizados em todo o País, marcadamente nas regiões Norte e Nordeste. Vale também ressaltar que o crescimento da atividade extrativa mineral foi impulsionado pelo minério de ferro (SINDICATO DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL, 2011).

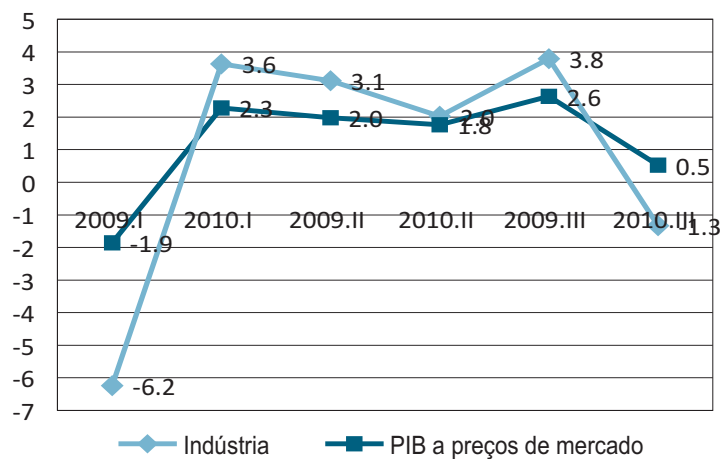
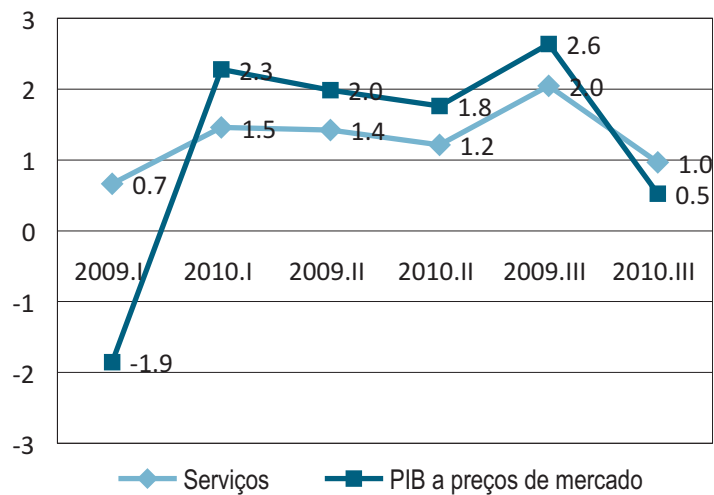
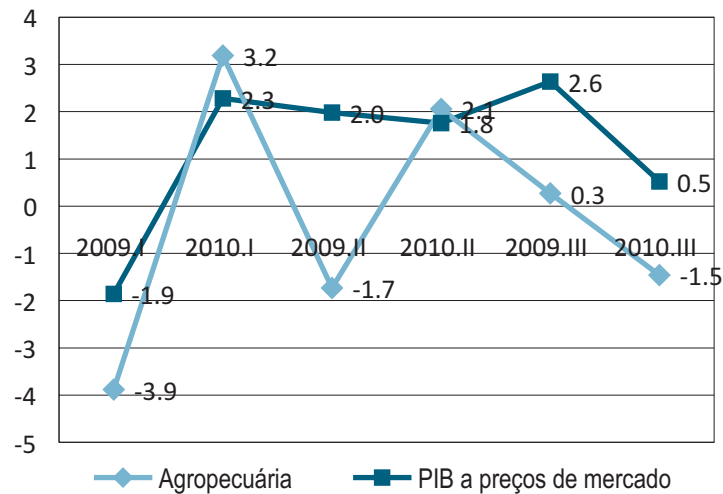


Gráfico 1 – Brasil. PIB Setorial com Ajuste Sazonal: Taxa (%) do Trimestre em Relação ao Trimestre Imediatamente Anterior

Fonte: IBGE, 2011b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Na agropecuária, registrou-se incremento de 7%. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esse desempenho decorre dos aumentos de produtividade do setor (produção x área plantada) e da boa safra de alguns produtos, como café, trigo, cana-de-açúcar e laranja.

As variáveis de demanda interna continuam sendo cruciais para o incremento do Produto Interno Bruto (PIB). No terceiro trimestre de 2010 a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) cresceu 3,9% em comparação com o trimestre imediatamente anterior, mantendo-se a sequência de variações positivas iniciada no terceiro trimestre de 2009. Na comparação com o mesmo período do ano anterior, registrou-se aumento de 21,2%, inferior, portanto, aos registrados no primeiro (28,4%) e no segundo (28,1%) trimestres nessa base de comparação. Entretanto, o período julho-setembro de 2009 já assinalava uma nítida recuperação. No acumulado dos três primeiros trimestres do ano, os investimentos fixos cresceram 25,6% (Gráfico 2).

A expansão dos investimentos deveu-se ao desempenho satisfatório tanto da construção civil

como da produção e importação de máquinas e equipamentos. De acordo com a Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex), as compras internacionais de bens de capital avançaram 30,5% em 2010 comparativamente a 2009, a maior variação entre as categorias de uso.

No Nordeste, constata-se um forte incremento das importações de máquinas e equipamentos, principalmente nos estados com maior dinamismo industrial, que passam por processos de ampliação e modernização das suas atividades produtivas. Ademais, a realização de grandes obras estruturantes na Região implica maior demanda por bens de capital.

Pernambuco, por exemplo, assinalou significativa expansão de demanda nas compras internacionais de produtos do segmento de máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes em 2010. Esse dinamismo deve-se principalmente aos vultosos investimentos realizados no Estado, sobretudo nos polos de produção para as indústrias naval e de petróleo do Complexo Industrial Portuário de Suape. Vale destacar que além dos grandes empreendimentos já garantidos, como a

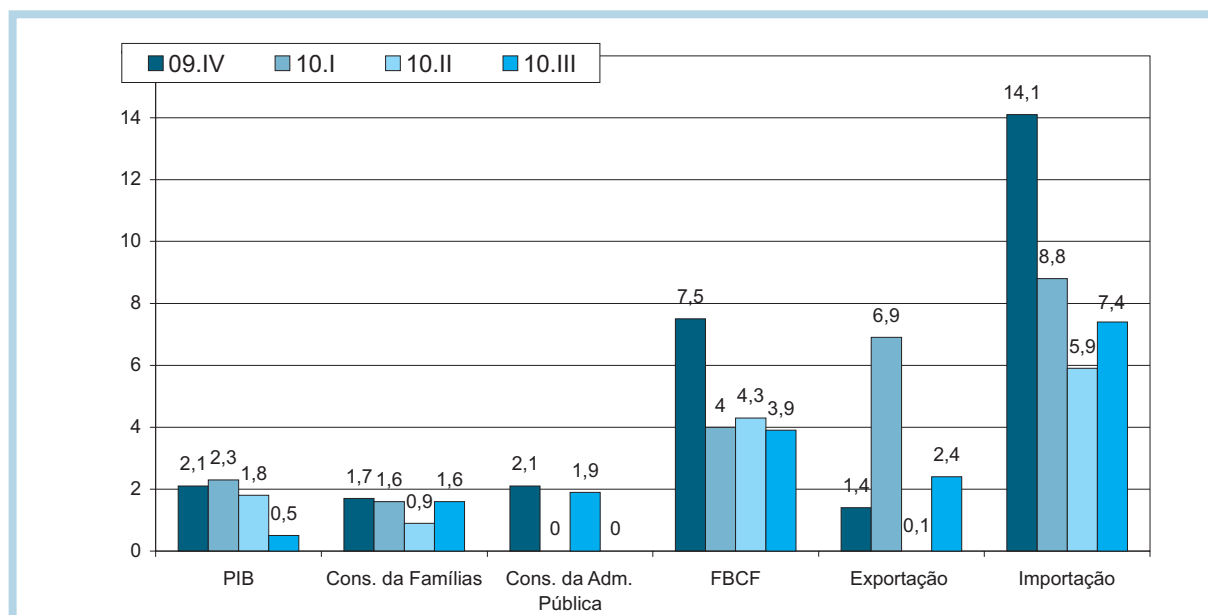


Gráfico 2 – Variação do PIB por Componente de Demanda – Trimestre/Mesmo Trimestre do Ano Anterior. 2009.1 a 2010.3

Fonte: IBGE, 2011c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Petroquímica Suape, a refinaria Abreu Lima e o estaleiro Atlântico Sul, outros projetos de grande porte, como uma montadora e uma siderúrgica, foram também anunciados para instalação em Suape (Gráfico 3).

O governo pernambucano assinou um protocolo de intenções para a instalação de uma siderúrgica, com previsão de investimento de R\$ 1,5 bilhão. A Companhia Siderúrgica Suape (CSS) será a primeira laminadora de aços planos, com perspectiva de geração de mais de três mil empregos diretos na fase de construção, 800 vagas permanentes na sua operação, afora mais 2,8 mil empregos indiretos.

De acordo com o governo, a CSS contará com uma indústria laminadora e um polo industrial formado por unidades de processamento de aço na forma de perfis, barras, chapas e bobinas, constituindo a Zona de Processamento de Aço (ZPA). A CSS é uma *joint venture* entre a companhia suíça *Trasteel International* e a Cone Suape S/A, além de parceiros como a fabricante italiana de equipamentos siderúrgicos *Danielli Steel* e a Metal Data, maior empresa de consultoria de pro-

jetos e estudos de viabilidade do setor no Brasil (PERNAMBUCO, 2011b).

Já a Fiat escolheu Pernambuco para construir sua segunda montadora no Brasil e a terceira na zona do Mercosul. Além da fábrica, o investimento de R\$ 3 bilhões contemplará um centro de pesquisa e desenvolvimento de novos produtos e plataformas e treinamento de recursos humanos para operar o novo empreendimento. A montadora certamente atrairá várias empresas fornecedoras e sistemistas para a região de Suape, constituindo um polo industrial automotivo no Nordeste. A expectativa é que esse investimento da Fiat brasileira viabilize a produção de cerca de 200 mil unidades por ano e gere mais de 3,5 mil novos empregos diretos (PERNAMBUCO, 2011a).

A boa *performance* das importações não afetou negativamente a produção doméstica de máquinas, que registrou um incremento de 22,3% no acumulado janeiro-novembro de 2010. Em sete dos nove segmentos dessa categoria de uso houve variação positiva, com destaque para bens de capital para construção (107,9%).

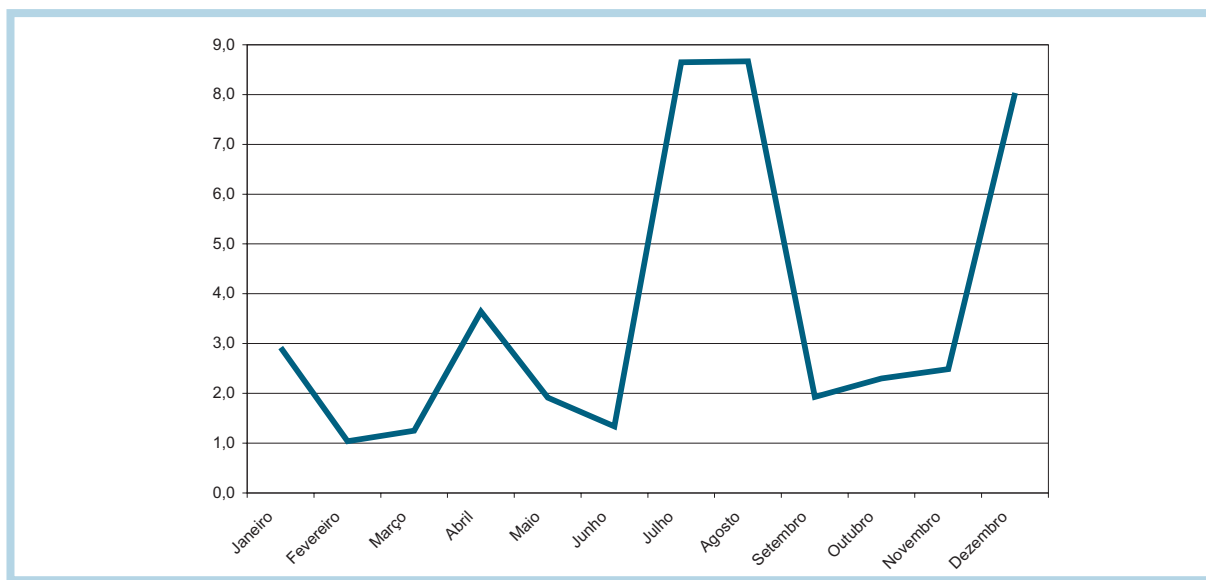


Gráfico 3 – Pernambuco. Importação de Máquinas e Equipamentos, Aparelhos e Material Elétrico e suas Partes, etc – Janeiro de 2010 a Dezembro de 2010 – em Milhões de Toneladas

Fonte: BRASIL, 2011d. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Os resultados positivos da construção civil foram determinantes para o incremento da produção de máquinas para o setor, com um aumento de 9,6% no terceiro trimestre de 2010 comparativamente a igual período do ano anterior. A expansão do crédito imobiliário e a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para uma cesta de produtos da construção civil foram determinantes para esse bom desempenho.

Segundo o portal Contas Abertas, os empréstimos habitacionais a pessoas físicas respondem por 48% dos projetos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) concluídos até o final de 2010 (Tabela 1).

No que se refere especificamente ao Nordeste, a produção doméstica de máquinas e equipamentos permanece em patamar elevado, confirmando a trajetória ascendente a partir do início de 2010 (Gráfico 4).

Com o objetivo de manter o dinamismo do setor, o governo prorrogou até dezembro de 2011 a diminuição do IPI para os principais produtos do segmento. Na avaliação do Ministério da Fazenda, essa medida se justifica pela importância da construção civil para o crescimento econômico e geração de empregos no País.

As medidas recém-anunciadas pelo governo visando estimular o investimento privado de longo

Tabela 1 – Programa de Aceleração do Crescimento – Ações Concluídas (2007-2010)

Discriminação	Total até mai/10	Estimativa até dez/10	% dez/10
Logística	46.100,0	40.513,0	15,0%
Rodovias	32.900,0	42.900,0	10,0%
Marinha Mercante	11.600,0	17.000,0	4,0%
Ferrovias	1.150,0	3.400,0	1,0%
Aeropostos	272,0	281,9	0,0%
Portos	123,7	789,1	0,0%
Hidroviás	32,4	965,0	0,0%
Energia	91.500,0	148.500,0	33,0%
Campos de Petróleo e Gás Natural	31.800,0	57.100,0	13,0%
Geração de Energia	14.500,0	26.400,0	6,0%
Refino	10.400,0	23.600,0	5,0%
Combustíveis Renováveis	8.900,0	10.100,0	2,0%
Gasodutos	17.000,0	19.100,0	4,0%
Transmissão de Energia	5.200,0	7.000,0	2,0%
GNL	3.100,0	3.100,0	1,0%
Petroquímica	427,1	2.100,0	0,0%
HBIO	55,3	55,3	0,0%
Estudo de Inventário	38,7	46,3	0,0%
Estudo de Viabilidade	55,8	216,5	0,0%
Social e Urbano	164.900,0	230.100,0	52,0%
Financiamento Habitacional para Pessoas Físicas e SBPE	157.900,0	216.900,0	49,0%
Luz para todos	4.600,0	6.600,0	1,0%
Recursos Hídricos	888,3	2.000,0	0,0%
Saneamento	823,7	1.500,0	0,0%
Metrô	572,8	2.700,0	1,0%
Habitação	66,2	353,5	0,1%
TOTAL	302.500,0	444.000,0	100,0%

Fonte: CONTAS ABERTAS, 2011a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Nota: Conforme o balanço de 4 anos, as ações concluídas representaram R\$ 444 bilhões, ou seja, 68% do valor global do PAC (R\$ 657,4 bilhões). Se excluído o financiamento habitacional para pessoa física e SBPE, o valor dos empreendimentos concluídos seria

prazo no País serão determinantes para a intensificação dos investimentos. As ações incluem diminuição da carga tributária para aplicações em títulos de longo prazo e incentivo ao financiamento imobiliário. O objetivo é garantir recursos adicionais para grandes inversões de infraestrutura nos próximos anos, sem a necessidade de novos aportes do Tesouro Nacional no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Entre as 12 medidas divulgadas, destaca-se a desoneração do Imposto de Renda (IR) sobre os rendimentos de debêntures direcionadas para infraestrutura. Atualmente, tais rendimentos implicam o recolhimento de IR entre 15% a 22,5%, de acordo com os prazos, sendo que o IR do investidor estrangeiro limita-se a 15% do rendimento.

Ademais, parte do compulsório sobre depósitos à vista será utilizada para criar um fundo de liquidez que atuará como formador de mercado ("market maker"), com o intuito de estimular as negociações de títulos privados no mercado secundário. O BNDES poderá participar desse fundo, com aporte de R\$ 200 milhões. Sua criação constitui

uma garantia de que o investidor encontrará compradores para os papéis quando desejar vendê-los.

O governo também prorrogou a desoneração do IPI para caminhões e bens de capital, cuja vigência terminaria no final de dezembro de 2010. A expectativa da equipe econômica com esse conjunto de medidas é elevar a taxa de investimento do País de 19% para 23% do PIB até 2014.

O consumo das famílias evoluiu 1,6% no período julho-setembro de 2010 comparativamente ao trimestre anterior, índice superior ao registrado no período abril-junho nessa mesma base de comparação. Vale destacar que esse resultado interrompe uma série de quatro trimestres consecutivos de desaceleração.

Já no indicador trimestre/mesmo trimestre do ano anterior, o aumento de 5,9% do consumo das famílias foi a 28ª variação positiva consecutiva nessa base de comparação. O crescimento substancial da massa salarial e do crédito continua determinante para o desempenho desse indicador.

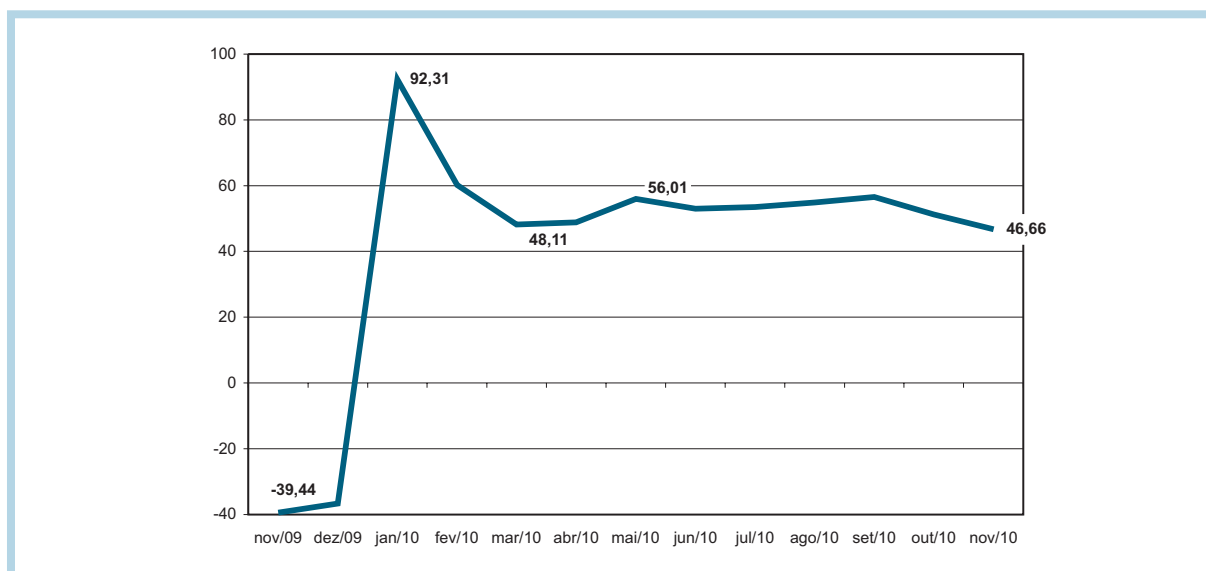


Gráfico 4 – Nordeste. Produção de Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos – Novembro de 2009 a Novembro de 2010 – Índice Acumulado, Base

Fonte: IBGE, 2011c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Com relação ao mercado externo, as importações continuaram crescendo a taxa bem superior à das exportações em 2010. A apreciação da moeda nacional e o aquecimento do mercado interno foram decisivos para esse resultado.

Conseqüentemente, a balança comercial brasileira apresentou recuo de 19,8% no superávit, em 2010 (US\$ 20,2 bilhões), com relação a 2009. Vale mencionar que esse excedente é o menor dos últimos oito anos, apesar do recorde histórico observado nas exportações brasileiras, que atingiram US\$ 201,9 bilhões, registrando alta de 31,4%. As vendas internacionais foram embaladas, sobretudo, pela demanda excepcional de *commodities* agrícolas e metálicas oriunda dos países asiáticos. Com uma base exportadora especializada em produtos básicos e semimanufaturados, a região Nordeste beneficiou-se dessa reconfiguração da pauta exportadora brasileira.

Em síntese, os bons resultados da economia brasileira decorrem, sobretudo, do dinamismo da demanda doméstica, com ênfase para a significativa expansão da Formação Bruta de Capital Fixo

(FBCF). O elevado patamar de investimentos contribui para a maior competitividade da indústria de transformação, crucial para a continuidade do bom momento da economia brasileira nos próximos trimestres. Nessa perspectiva, vão na boa direção as medidas anunciadas pelo governo no sentido de estimular a participação do setor privado no financiamento de longo prazo.

Entretanto, a apreciação da moeda nacional reforça a competitividade de produtores externos, engendrando um acentuado crescimento das importações, principalmente de manufaturas. Os efeitos desfavoráveis sobre o desempenho da indústria já são evidentes, com taxas negativas de crescimento nos últimos meses. A produção industrial, portanto, não responde satisfatoriamente aos estímulos da demanda interna, o que pode comprometer a expansão da capacidade produtiva nos próximos anos.

Nesse sentido, torna-se oportuna a recente declaração do Ministério Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior de que o novo governo irá promover desonerações setoriais com o objetivo de combater o câmbio valorizado.

3.2 - Produção Industrial do Brasil

De acordo com o relatório da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), realizada pelo IBGE, a produção industrial brasileira decresceu 0,1% em outubro de 2010, comparativamente ao mês anterior. Registrado após dois meses de pequenos acréscimos, esse recuo refletiu a queda em 12 dos 27 ramos analisados, com ênfase para alimentos (-2,1%), máquinas e equipamentos (-1%), farmacêutica (-2%), outros produtos químicos (-1,1%) e veículos automotores (-0,5%) (Gráfico 5).

Vale destacar que entre março e novembro de 2010 a indústria vem alternando pequenas variações positivas com retrações nesse indicador. Seu baixo crescimento nesse intervalo implicou pouca alteração no Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci). Dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostram variação modesta desse indicador no segundo semestre, com trajetória decrescente a partir de outubro de 2010. Em idêntico período do ano anterior, constatou-se uma progressão significativa do Nuci da indús-

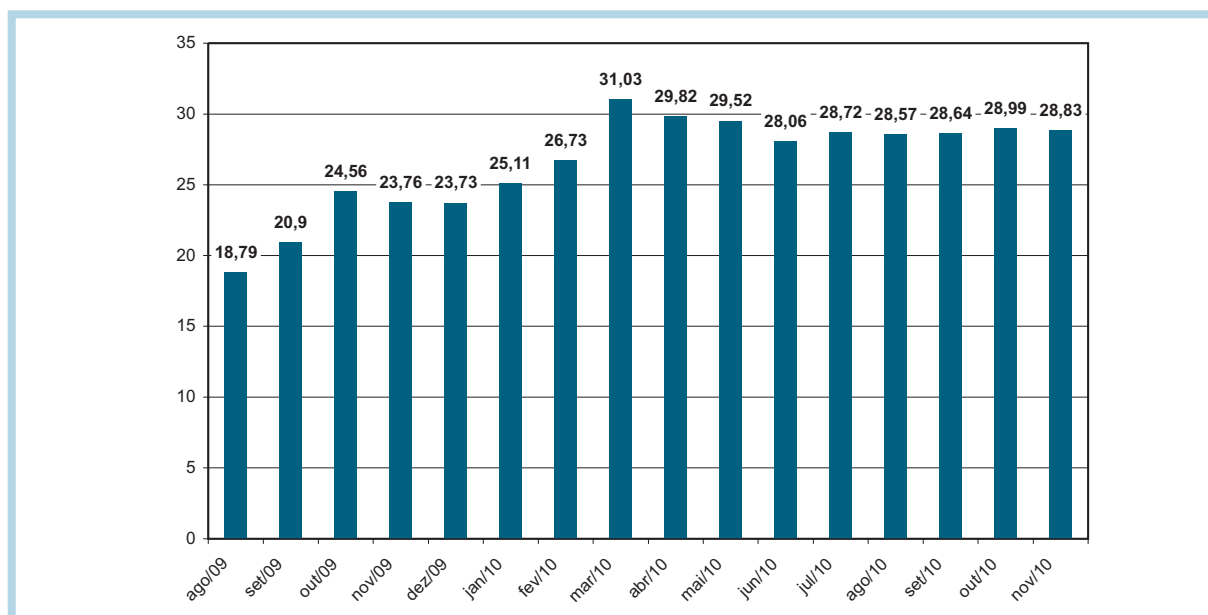


Gráfico 5 – Brasil. Produção Física Industrial com Ajuste Sazonal. Base Média de 2002. Agosto de 2010 a Novembro de 2010

Fonte: IBGE, 2011d. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

tria de transformação, embalada pela retomada do crescimento da produção industrial (Gráfico 6).

Entretanto, o nível de 85,3% de dezembro de 2010 é superior ao verificado em dezembro de 2009, apesar de ainda continuar abaixo do patamar observado na fase anterior ao aprofundamento da crise econômica mundial, em setembro de 2008 (86,3%). Por categoria de uso, todos os segmentos registraram pouca alteração na utilização da capacidade instalada no segundo semestre de 2010.

Alguns fatores explicam o baixo dinamismo do Nuci. O primeiro está associado ao avanço das importações sobre a produção local. Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (BRASIL, 2011d) revelam que a indústria de transformação amargou déficit de US\$ 37 bilhões em 2010, considerado o pior resultado da balança comercial do setor. Enquanto as importações de produtos industriais cresceram 40%, atingindo o montante de US\$ 143,2 bilhões, as exportações aumentaram apenas 25,5%. Foram determinantes para esse resultado o câmbio

apreciado, a expansão da demanda interna e a estagnação da economia mundial.

Ademais, o atual nível de ociosidade da indústria de transformação decorre dos significativos acréscimos dos níveis de produtividade do setor industrial. Pesquisa divulgada pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI, 2011) revelou que a produtividade da indústria brasileira cresceu 8,5% no acumulado janeiro-setembro, em decorrência do crescimento de 13,1% da produção e de 4,3% das horas pagas. Para os próximos meses, o Iedi prevê uma desaceleração da produtividade em relação ao acumulado até setembro, em virtude da estabilização da produção e das horas pagas, associada à alta base de comparação do último trimestre de 2009.

Dos 18 setores analisados, apenas a indústria de fumo registrou produtividade negativa nessa base de comparação. Por outro lado, 14 segmentos elevaram a produtividade, com aumento das horas pagas. Nesse grupo, constata-se a realização de investimentos na ampliação da capacidade produtiva.

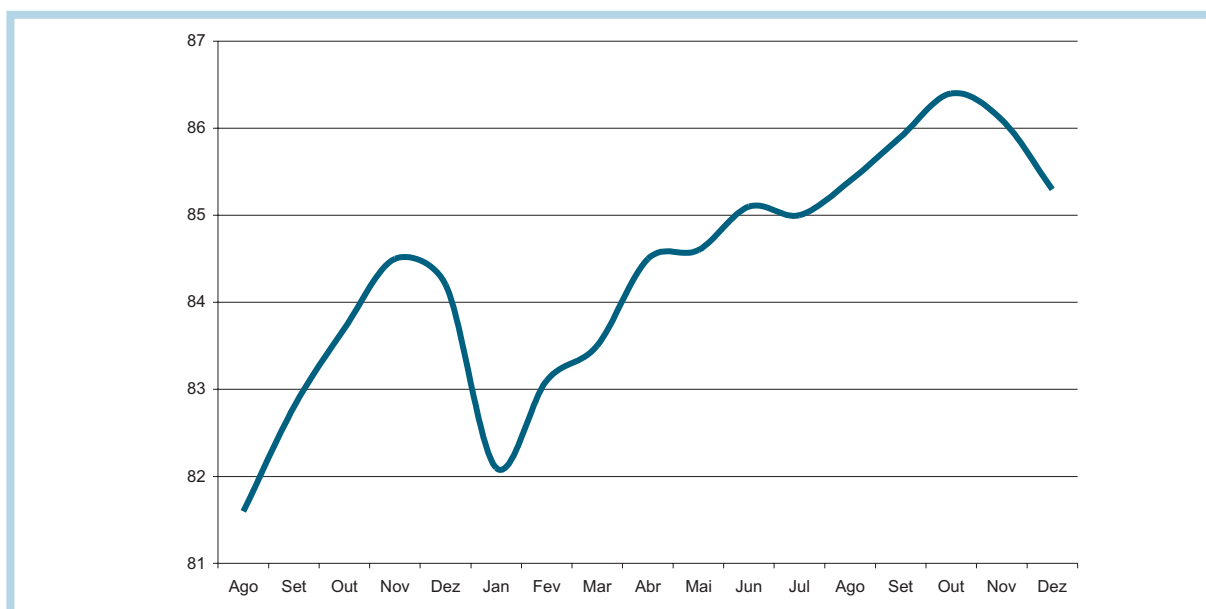


Gráfico 6 – Brasil. Nível de Utilização da Capacidade Instalada (%). Agosto de 2009 a Dezembro de 2010

Fonte: FGV, 2011. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Em três setores, os ganhos de produtividade se fizeram acompanhar de redução das horas pagas. Essa configuração pode estar relacionada com ajustes defensivos que implicam deslocamento ou fechamento de plantas industriais e/ou adoção de tecnologias poupadoras de mão de obra.

Nas comparações interanuais, os indicadores de produção industrial permanecem positivos. Comparativamente a novembro de 2009, verificou-se um aumento de 5,3%, a 13ª alta consecutiva nesse indicador. Vale mencionar que a produção assinalou acréscimo em 24 das 27 atividades pesquisadas, com ênfase para veículos automotores (14,2%), indústrias extrativas (11,5%) e produtos de metal (15,8%). Em contrapartida, houve retrações nos ramos têxtil (-5,7%), material eletrônico e de comunicação (-11,4%) e calçados e artigos de couro (-5,5%).

No ramo de calçados e artigos de couro, a concorrência asiática, em um contexto de câmbio apreciado, tem afetado substancialmente o desempenho do setor. De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), cresceram significativamente as importações de

calçados desmontados, cuja comercialização geralmente é realizada com o objetivo de fugir da legislação antidumping. No caso do Brasil, dados do MDIC revelam que a compra de insumos internacionais para a produção de calçados, sobretudo da China, assinalou grande expansão em 2010.

No acumulado do ano, a produção industrial avançou 11,1%, apresentando resultados positivos em 25 das 27 atividades. As maiores contribuições couberam a máquinas e equipamentos (26,2%), veículos automotores (25,4%), metalúrgica básica (19,6%) e outros produtos químicos (10,9%). Além de apresentar a segunda maior taxa de crescimento, o segmento de veículos automotores foi também o que mais contribuiu para o aumento da produção industrial, com 2,44 pontos percentuais dos 11,1% do total da indústria (Tabela 2).

Por categoria de uso, os dados revelam a liderança do setor de bens de capital (22,3%), comprovando que os investimentos realizados pelo setor produtivo também beneficiaram a produção nacional de máquinas e equipamentos. Também registraram incrementos de dois dígitos os bens intermediários (12,2%) e bens de consumo duráveis (10,6%).

Tabela 2 – Brasil. Composição da Taxa de Crescimento da Indústria Geral. Acumulado do Ano - Igual Período do Ano Anterior

Atividades	Comp. da Taxa%
Indústrias extrativas	0,75
Alimentos	0,59
Bebidas	0,41
Fumo	-0,07
Têxtil	0,13
Vestuário e acessórios	0,10
Calçados e artigos de couro	0,10
Madeira	0,13
Celulose, papel e produtos de papel	0,21
Edição, impressão e reprodução de gravações	0,17
Refino de petróleo e álcool	0,03
Farmacêutica	0,15
Perfumaria, sabões, detergentes e produtos de limpeza	0,04
Outros produtos químicos	0,75
Borracha e plástico	0,48
Minerais não metálicos	0,37
Metalurgia básica	1,00
Produtos de metal - exclusive máquinas e equipamentos	0,74
Máquinas e equipamentos	1,65
Máquinas para escritório e eqs. de informática	0,22
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	0,25
Material eletrônico, aparelhos e eqs. de comunicações	0,12
Eqps. de instrument. médico-hospitalar, ópticos e outros	0,19
Veículos automotores	2,44
Outros equipamentos de transporte	-0,03
Mobiliário	0,13
Diversos	0,10
Indústria Geral	11,14

Fonte: IBGE, 2011a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Em síntese, os dados da produção industrial revelam que o incremento da produção está se desacelerando nas comparações interanuais – o indicador mês/mesmo mês do ano anterior cresce menos que o acumulado do ano. Ademais, refe-

rido indicador vem alternando entre retração e pequena variação positiva no intervalo março-novembro de 2010. Esse fato é preocupante, pelo fato de a demanda interna se encontrar em patamar elevado.

3.2.1 - Produção Industrial do Nordeste

De acordo com a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física Regional (PIM-PF Regional), a produção industrial nordestina registrou retração de 5,8% em novembro de 2010 na comparação com o mês imediatamente anterior, após recuo de 0,1% nessa mesma base de comparação.

Em relação a idênticos períodos de 2009, os resultados são distintos: 2,1% comparativamente a novembro de 2009 e 10,8% no acumulado do ano. O recuo no indicador mensal ocorre após uma sequência de 12 meses de variações positivas. Em cinco dos onze segmentos pesquisados houve diminuição, com ênfase para produtos quí-

micos (-14,7%), refino de petróleo e produção de álcool (-8%) e têxtil (-12%). Em contrapartida, os ramos alimentos e bebidas (4,8%), metalurgia básica (9,3%) e celulose e papel (11,7%) assinalaram taxas positivas de crescimento.

No caso do segmento têxtil, constata-se uma nítida desaceleração da produção no segundo trimestre no Nordeste. Esse comportamento reflete, sobretudo, o processo de apreciação da moeda nacional e a concorrência asiática, particularmente da China (Gráfico 7).

Em contrapartida, as importações de produtos chineses registraram significativa evolução nesse mesmo período (Gráfico 8).

Já a boa *performance* da atividade industrial nordestina no acumulado do ano, até novembro, decorreu da alta em todos os segmentos pesquisados. As maiores altas foram observadas em alimentos e bebidas (9,3%), refino de petróleo e produção de álcool (19%), metalurgia básica (15,5%) e produtos químicos (4,3%) (Gráfico 9),

O desempenho do ramo produtos químicos segue a tendência nacional de expansão em 2010. De acordo com o Relatório de Acompanhamento Conjuntural da Associação Brasileira da Indústria

Química (ABIQUIM, 2011b), o dinamismo das vendas internas (89%) foi o grande responsável pelo crescimento da produção de produtos químicos de uso industrial (8,5%) no acumulado janeiro-outubro. Em contrapartida, o aquecimento da demanda interna engendrou um aumento significativo das importações, acarretando um déficit de US\$ 20,6 bilhões na balança comercial do setor em 2010, o segundo maior da história.

Na avaliação do presidente-executivo da Abiquim, Eduardo José Bernini, esse déficit setorial pode se agravar em função do crescimento da demanda por produtos químicos nos próximos anos, por conta da continuidade do crescimento econômico, das obras do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) e das inversões previstas para a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

Para enfrentar esse descompasso entre oferta e demanda, um estudo entregue ao governo pela Abiquim, intitulado Pacto Nacional da Indústria Química, estima um potencial de investimentos de US\$ 167 bilhões no setor até 2020. Essas inversões possibilitariam, segundo Eduardo Bernini, “o atendimento da demanda interna, a recuperação do déficit comercial, o desenvolvimento

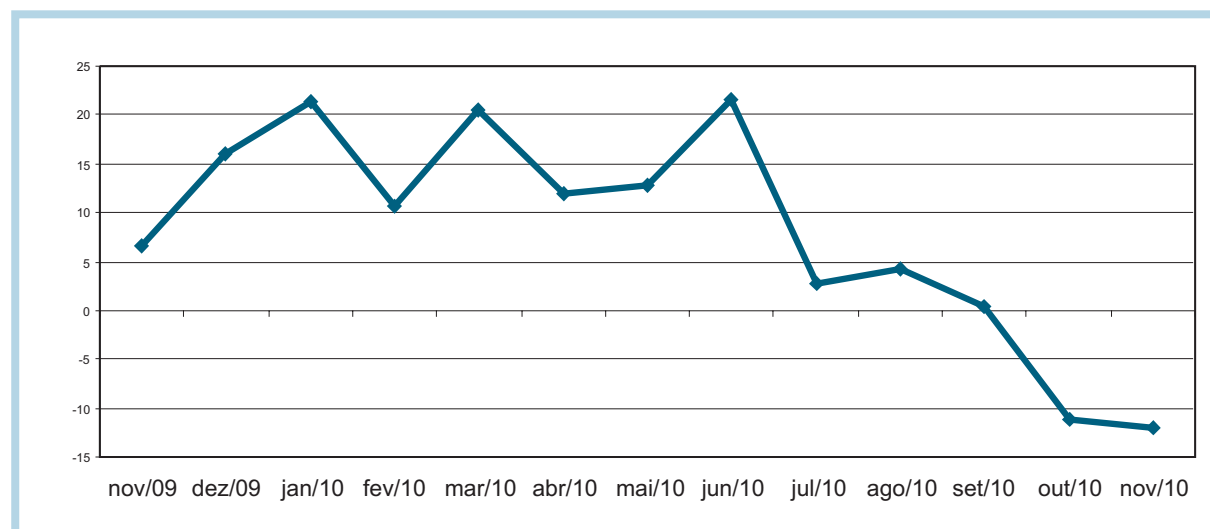


Gráfico 7 – Nordeste. Produção de Produtos Têxteis – Nov 09 a Nov 10 – Indicador Mês/Mesmo Mês do Ano Anterior

Fonte: IBGE, 2011c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

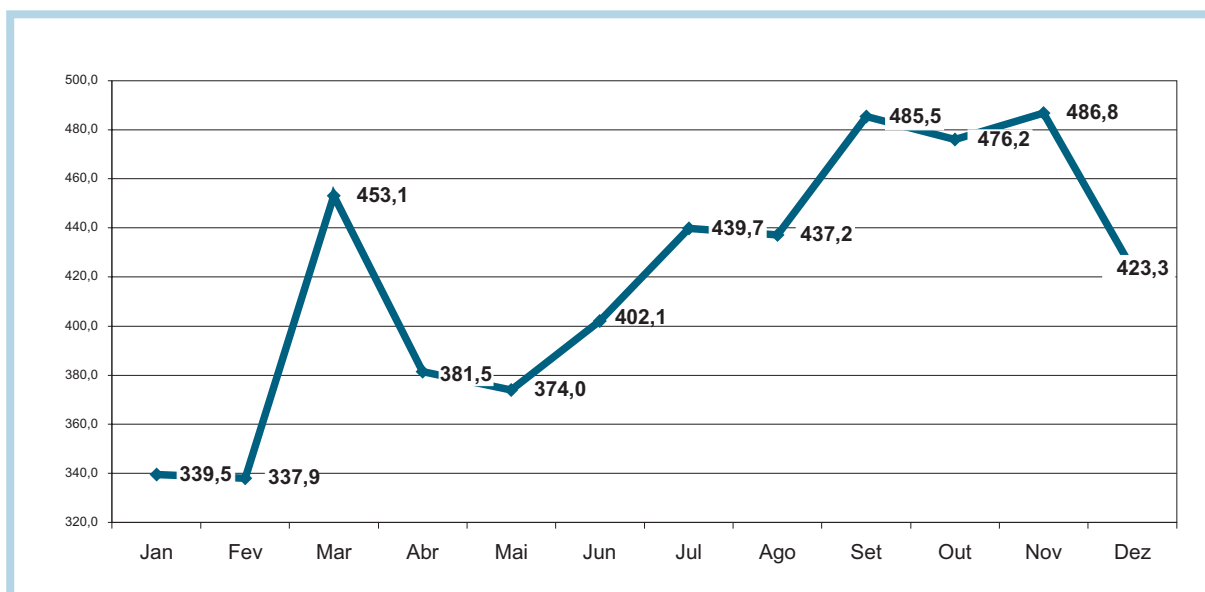


Gráfico 8 – Nordeste. Importação de Produtos Têxteis – Janeiro a Dezembro de 2010 – US\$ Milhões FOB

Fonte: IBGE, 2011d. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

de uma indústria química de base renovável, a agregação de valor às matérias-primas a serem extraídas da camada pré-sal e o aumento do investimento em inovação” (ABIQUIM, 2011a).

No caso do Nordeste, vale destacar os dois convênios e um protocolo de intenções firmado entre a Braskem e o governo da Bahia para o de-

envolvimento de um projeto denominado UTEC (fibra de polietileno de ultrapeso molecular, que poderá ser utilizada nas plataformas de operação da camada pré-sal). De acordo com a Federação das Indústrias do Estado da Bahia (2011), a Braskem, com o apoio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), começa a construir uma planta-piloto até o final de 2010, com capacidade

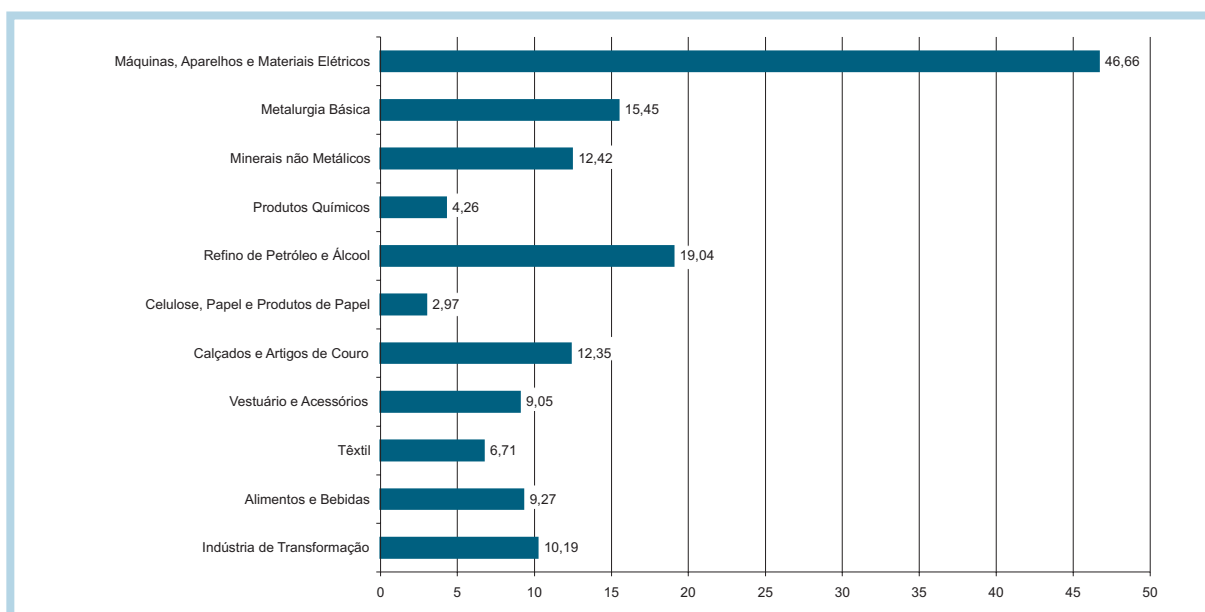


Gráfico 9 – Nordeste. Classes e Gêneros da Indústria de Transformação. Acumulado do Ano

Fonte: IBGE, 2011e. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

de 50 t/ano e investimentos de US\$ 10 milhões. A empresa planeja iniciar a produção em escala industrial em 2013, com investimentos entre US\$ 60 milhões e US\$ 70 milhões.

Ainda segundo a Fieb, a Braskem está investindo em logística cerca de US\$ 10 milhões, visando à ampliação do fornecimento de resinas para o polo de Camaçari. Pelo novo sistema, o envio de resinas da empresa para os clientes dar-se-á por meio de contêineres transportados por caminhões. A expectativa é que esse novo sistema aumente a tempestividade da entrega e otimize espaços para armazenagem.

Os bons resultados da produção industrial repercutiram favoravelmente na produtividade e no nível de emprego das principais economias nordestinas. No Ceará, a atividade industrial cresceu 10,8% no acumulado janeiro-novembro, com oito das dez atividades apresentando variação positiva. Os maiores acréscimos foram observados em máquinas e aparelhos e materiais elétricos (65,3%),

produtos químicos (20,4%), refino de petróleo e produção de álcool (15,7%), alimentos e bebidas (12,7%) e calçados e artigos de couro (7,6%).

Com relação à produtividade, no Ceará a evolução foi de 7,2% entre janeiro e setembro de 2010, com destaque para os segmentos metalurgia básica (31,5%), produtos de metal – exclusive máquinas e equipamentos (21,6%) e coque, refino de petróleo e produção de álcool (16%). No segmento refino de petróleo e produção de álcool, foram fundamentais para a expansão da produtividade o significativo crescimento da produção e a estabilização das horas pagas (Tabela 3).

Grande parte do aumento da produção cearense se deve ao item cimento asfáltico processado pela Lubrificantes e Derivados de Petróleo do Nordeste (Lubnor), refinaria de petróleo da Petrobras. Vale destacar que a produção nacional de asfalto pela Petrobras cresceu 32% em 2010, passando de 2,09 milhões de toneladas para 2,76 milhões em 2010. O mercado interno absorveu a maior parte dessa

Tabela 3 – Brasil, Bahia, Ceará e Pernambuco. Produção Física, Horas Pagas e Produtividade (PF/HP) – Acumulado Janeiro-Setembro 2010

Setores	BR			CE			PE			BA		
	PF	HP	PF/HP	PF	HP	PF/HP	PF	HP	PF/HP	PF	HP	PF/HP
Indústria Geral	13,1	4,3	8,5	15,0	7,3	7,2	14,0	8,5	5,1	10,9	5,2	5,3
Indústria Extrativa	14,6	3,5	10,7		10,3			-2,0		7,7	-1,5	9,3
Alimentos e Bebidas	8,3	3,3	4,9	14,0	8,6	4,9	7,0	12,0	-4,4	7,5	3,9	3,5
Fumo	-9,8	-4,1	-5,9		-8,5			0,0			-25,8	
Têxtil	7,9	7,3	0,6	5,5	3,9	1,5	17,2	-6,3	25,1		-6,3	
Vestuário e Acessórios	9,1	-1,8	11,1	-1,9	0,4	-2,3		-6,5			5,7	
Calçados e Artigos de Couro	13,1	6,1	6,6	14,3	15,2	-0,7	130,3	17,1	96,7		16,5	
Madeira	18,2	-6,3	26,2		6,4			-7,5			2,0	
Coque, Refino de Petróleo, comb. Nucleares e Álcool	0,7	-3,8	4,8	16,5	0,4	16,0	-26,1	4,8	-29,5	30,8	2,3	27,7
Borracha e Plástico	16,9	4,1	12,3		-3,1		24,4	25,1	-0,6	8,6	5,2	3,2
Minerais Não Metálicos	10,8	6,7	3,9	13,6	7,3	5,9	18,9	3,0	15,4	13,5	-0,9	14,5
Metalurgia Básica	23,9	10,1	12,6	47,4	12,1	31,5	17,6	5,8	11,2	13,6	12,2	1,2
Produtos de Metal exclusive Máquinas e Equipamentos	28,6	6,8	20,4	47,0	20,9	21,6	6,7	12,0	-4,7			

Fonte: IBGE, 2011b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

produção, impulsionado, principalmente, pelas regiões Norte e Nordeste. As vendas internas alcançaram três milhões de toneladas – alta 43% na comparação com 2009. Apesar do aumento da produção, a Petrobras precisou recorrer às importações para atender à expansão de demanda. Somente no acumulado dos nove primeiros meses de 2010, as importações de asfalto registraram um acréscimo de 11.000% (GLOBAL 21, 2011a).

No segmento de alimentos e bebidas, com peso significativo na estrutura industrial do Ceará, o aumento na produtividade foi de 4,9%. Esse fraco desempenho deveu-se ao crescimento das horas pagas, superando a média da indústria. O setor de calçados e artigos de couro assinalou uma pequena queda da produtividade (-0,7%), já que as horas pagas cresceram mais do que a produção física.

A indústria pernambucana registrou um aumento de 11,2% no indicador acumulado do ano, com variação positiva em sete das onze atividades analisadas. Os maiores acréscimos foram identificados em calçados e artigos de couro (112,8%), produtos químicos (14,5%), borracha e plástico (13,1%) e produtos de metal (10,4%).

O acréscimo na produção está associado a um incremento de 5,1% da produtividade nos nove primeiros meses do ano. Setorialmente, chama a atenção o crescimento de 96,7% na produtividade do setor de calçados e artigos de couro, reflexo do acréscimo substancial da produção bem acima do aumento das horas pagas.

Essa configuração em um segmento intensivo em mão de obra pode decorrer da realização de inversões em técnicas poupadoras desse insumo. Por não ter uma participação significativa na base industrial pernambucana, esse aumento não exerceu forte influência no resultado de 5,1% da indústria geral.

Já no segmento têxtil, outro ramo intensivo em mão de obra, constata-se um crescimento da produção acompanhado de redução das horas pagas.

Nesses dois segmentos, a pressão da concorrência asiática e a valorização do real, como já salientado, parecem engendrar um processo de modernização tecnológica que prejudica a geração de empregos e horas pagas.

A Bahia registrou aumento de 8,9% na atividade fabril entre janeiro e novembro de 2010, com variação positiva em todos os ramos pesquisados. Apresentaram as maiores contribuições refino de petróleo e produção de álcool (24,2%), metalurgia básica (12,2%) e alimentos e bebidas (8,3%).

A produtividade da indústria baiana acusou expansão de 5,3% entre janeiro e setembro de 2010, com destaque para coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool (27,7%). Nesse segmento, os ganhos de produtividade decorreram de um aumento da produção (30,8%) bastante superior ao crescimento das horas pagas (2,3%).

Já nos ramos de minerais não metálicos (14,5%) e indústrias extrativas (9,3%), a elevação da produtividade ocorreu simultaneamente com a diminuição das horas pagas. Vale destacar que esse diferencial entre o desempenho da produção e o das horas pagas é característico de atividades intensivas em capital.

Em suma, apesar da desaceleração observada no segundo semestre, a produção industrial nordestina apresentou um bom desempenho no acumulado janeiro-novembro de 2010. O significativo crescimento do mercado interno e o favorável desempenho das exportações de produtos básicos e semimanufaturados com boa representatividade na matriz industrial nordestina explicam esse resultado.

A julgar pelos índices de confiança dos consumidores nordestinos, o dinamismo da demanda doméstica deverá continuar nos próximos meses. De acordo com levantamento realizado em outubro de 2010 pelo Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste (Etene), do

Banco do Nordeste do Brasil (BNB), os índices de confiança dos consumidores¹ permanecem em patamares elevados nas cinco capitais nordestinas investigadas: Aracaju, Fortaleza, Maceió, Salvador e Teresina.

O Etene avaliou também os indicadores de endividamento dos consumidores entre outubro de 2009 e outubro de 2010 nas citadas capitais. Os resultados mostram um significativo recuo dos consumidores com dívidas em atraso.

3.3 - Comércio

3.3.1 - Desempenho do Comércio no Brasil

O comércio varejista no Brasil registrou crescimento no volume de vendas pelo sétimo mês consecutivo, em relação ao mês anterior, segundo a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) referente a novembro de 2010, divulgada pelo IBGE (2011c).

Outras pesquisas sugerem bom desempenho do comércio brasileiro em dezembro de 2010. O Índice de Antecedentes de Vendas calculado pelo Instituto para o Desenvolvimento do Varejo (IDV) projetava crescimento de 9,7% nas vendas em relação a dezembro de 2009 (INSTITUTO PARA DESENVOLVIMENTO DO VAREJO, 2010). Já o Indicador Serasa Experian de Atividade do Comércio cresceu 2,9% em dezembro, descontadas as influências sazonais. Com esse resultado, a Serasa Experian (2011) estima que o varejo brasileiro feche o ano 2010 com crescimento de 10,3% na comparação com 2009.

Uma série de fatores de impacto mais abrangente pode explicar os bons resultados do comércio brasileiro em 2010, a exemplo do aumento do poder de compra das pessoas, crescimento da massa real de salários, redução do desemprego, expansão do crédito e da diminuição do ritmo de crescimento dos preços. Outros fatores com im-

pacto restrito a alguns setores também aqueceram o comércio: ampliação da oferta de remédios genéricos, maior consumo de gasolina em relação ao álcool, ampliação da oferta de celulares e inovações tecnológicas no segmento; diversificação de produtos do segmento editorial (IBGE, 2011c), além da perspectiva de realização da Copa do Mundo de Futebol no País em 2014.

A demanda também é influenciada pelas expectativas dos consumidores quanto ao futuro de suas finanças e da situação econômica do País. O Índice de Confiança do Consumidor – ICC (que expressa essas expectativas), calculado pelo Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), da FGV, com base em pesquisa feita em sete capitais brasileiras, incluindo Recife e Salvador, mostrou-se crescente nos dois últimos anos. Saiu de uma situação de pessimismo em março de 2009, para, daí em diante, permanecer em situação de otimismo. Em 2010, o ICC aumentou em dez dos doze meses, totalizando 9,3% (IBRE, 2011) no acumulado do ano, como mostra a Gráfico 10.

A análise do desempenho do comércio, a seguir, se baseia em dados e conceito de volume de vendas da PMC, que, segundo o IBGE (2011c), representa valores nominais correntes deflacio-

1 Os índices de confiança dos consumidores são: Índice de Confiança do Consumidor (ICC), Índice de Situação Presente (ISP) e Índice das Expectativas Futuras (IEF). (BANCO DO NORDESTE DO BRASIL; ETENE, 2011a)

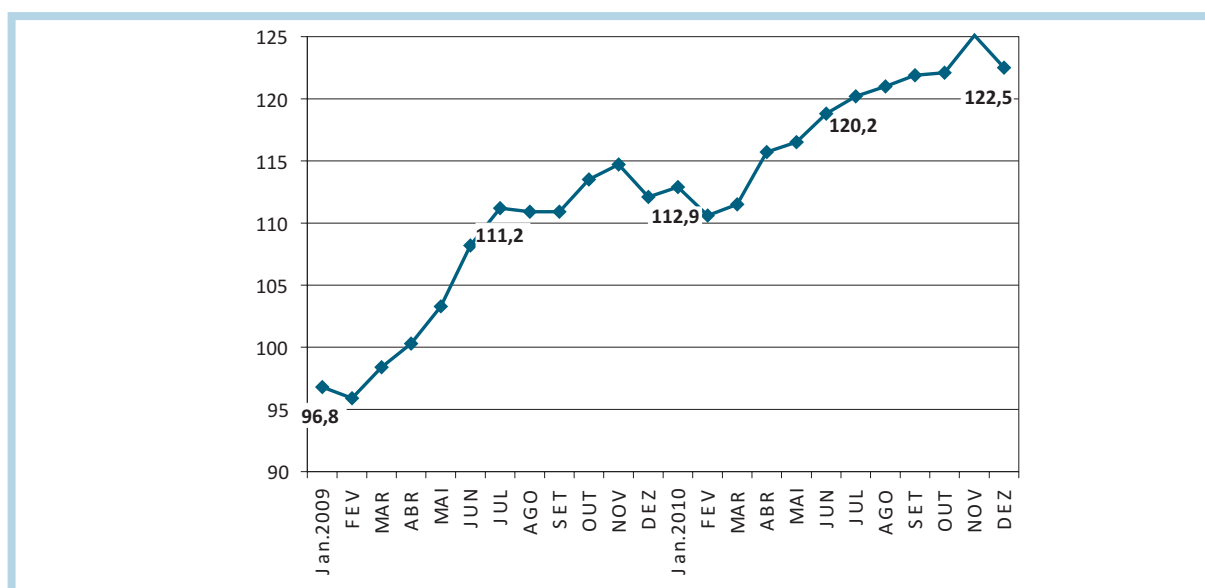


Gráfico 10 – Índices de Confiança do Consumidor em 2009 e 2010

Fonte: IBRE: FGV 2011. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

dados por índices de preços específicos para cada grupo de atividades e Estado.

A Tabela 4 mostra que, em novembro de 2010, o comércio varejista apresentou crescimento de 1% em relação ao mês anterior; 9,9% sobre novembro de 2009; e 11,1% e 10,8% nos acumu-

lados dos onze primeiros meses de 2010 e dos últimos 12 meses, respectivamente.

De outubro para novembro de 2010 (séries com ajuste sazonal), seis atividades experimentaram crescimento, com melhor desempenho para as atividades equipamentos e materiais para

Tabela 4 – Taxas Percentuais de Variação do Volume de Vendas no Comércio por Atividades no Brasil em 2010

Atividades	Índice Mês/ Mês	Índice Mensal	Índice Acumulado	
	Out/Nov ⁽¹⁾	Nov	No Ano	12 Meses
Comércio Varejista (2)	1,1	9,9	11,1	10,8
1. Combustíveis e lubrificantes	-0,3	6,3	6,6	6,5
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	0,1	5,6	9,3	9,3
3. Tecidos, vestuário e calçados	-3,6	9,2	10,8	10
4. Móveis e eletrodomésticos	2,4	20,5	18,3	17,7
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	0,9	13,4	11,6	11,6
6. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	10,5	20,4	23,8	21,3
7. Livros, jornais, revistas e papelaria	6,6	23,2	10,2	10,1
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	0,2	11	8,9	8,7
Comércio Varejista Ampliado (3)	1,4	17,7	11,9	12,1
9. Veículos, motocicletas, partes e peças	0,2	30,4	13	14
10. Material de construção	0,8	15,8	15,6	15

Fonte: IBGE, 2011c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

(1) Séries com ajuste sazonal.

(2) O indicador do comércio varejista é composto pelas atividades de 1 a 8.

(3) O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelas atividades de 1 a 10.

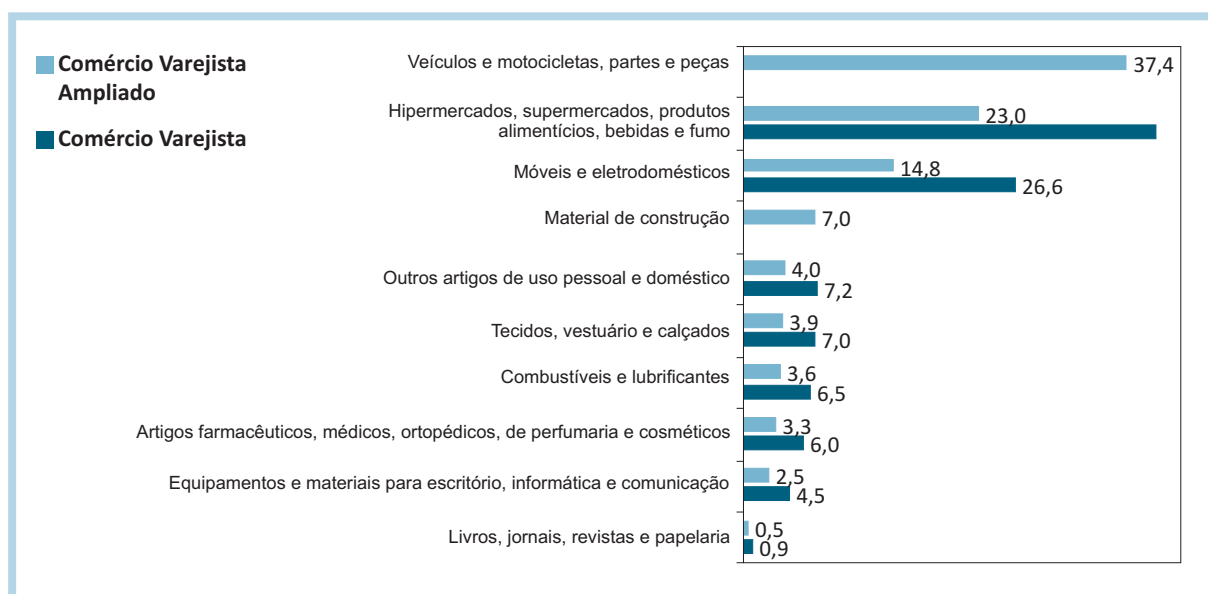


Gráfico 11 – Percentuais de Participação das Atividades na Formação Taxa Global do Volume de Vendas do Comércio no Brasil – Valor Acumulado até Novembro de 2010

Fonte: IBGE, 2011c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

escritório, informática e comunicação (10,5%), livros, jornais, revistas e papelaria (6,6%) e móveis e eletrodomésticos (2,4%).

Todas as atividades apresentaram crescimento acumulado positivo em 2010, em comparação com 2009. Destacaram-se, com maiores taxas de variação, as atividades equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (23,8%), móveis e eletrodomésticos (18,3%) e tecidos, vestuários e calçados (10,8%).

Quando se inclui a atividade veículos, motocicletas, partes e peças e a atividade material de construção – formando o comércio varejista ampliado –, o desempenho do comércio no Brasil ainda melhora, com crescimento de 1,4% de outubro para novembro de 2010; 17,7% sobre no-

vembro de 2009; 11,9% e 12,1% nos acumulados dos onze primeiros meses de 2010 e dos últimos 12 meses, respectivamente. No que diz respeito ao índice acumulado, o destaque vai para a atividade material de construção (15,6%).

No Gráfico 11, consigna-se a contribuição de cada uma das atividades do comércio varejista e comércio varejista ampliado na formação da taxa global do volume de vendas, no valor acumulado até novembro de 2010 em comparação com idêntico período de 2009. Quando se leva em conta somente o comércio varejista ampliado, observa-se que três das dez atividades contribuíram, juntas, com 75,2% para o crescimento do volume de vendas: veículos, motocicletas, partes e peças (37,4%), hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (23%) e móveis e eletrodomésticos (14,8%).

3.3.2 - Desempenho do Comércio no Nordeste

O comércio nordestino continua a apresentar desempenho superior à média nacional. Esse resultado reflete condições mais favoráveis ao Nordeste no tocante a alguns impor-

tantes vetores de crescimento do comércio, como taxas de rendimento dos agentes econômicos, expansão do crédito e oportunidades de trabalho.

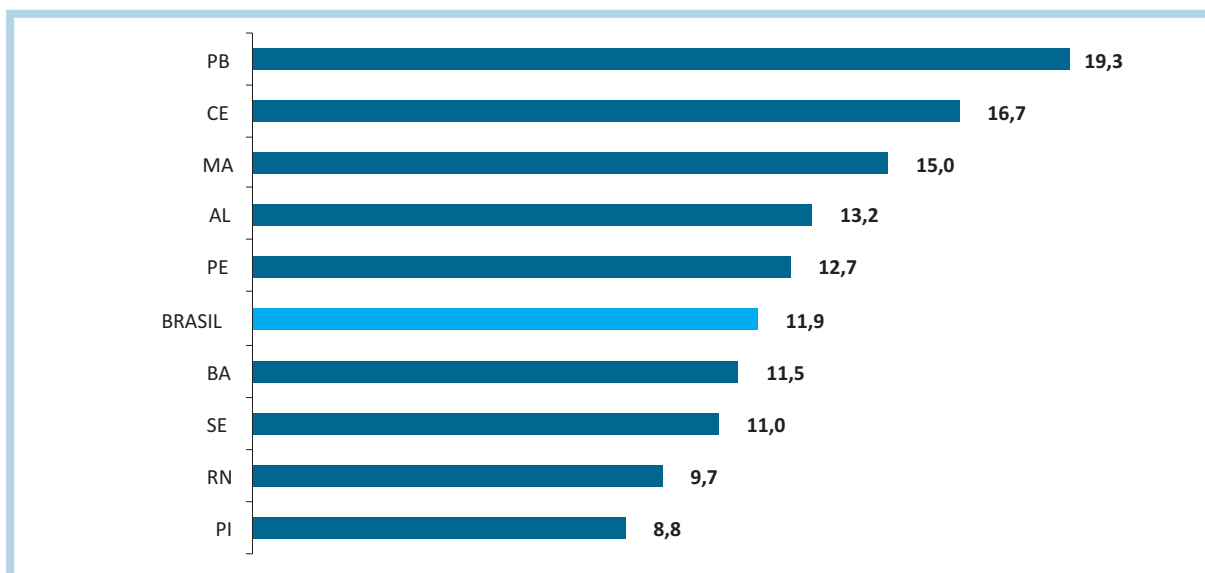


Gráfico 12 – Taxas Percentuais de Variação Acumulada do Volume de Vendas no Comércio Varejista Ampliado no Brasil e Nordeste – Janeiro a Novembro de 2010

Fonte: IBGE, 2011c. **Elaboração:** Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

De acordo com o Gráfico 12, considerando-se o comércio varejista ampliado, cinco estados nordestinos apresentaram, no período de janeiro a novembro de 2010, taxas de variação acumuladas do volume de vendas superiores à taxa de 11,9% do Brasil, com destaque para a Paraíba (19,3%), o Ceará (16,7%) e o Maranhão (15%).

A PMC fornece as taxas de variação do comércio por atividade para os estados Bahia, Ceará e Pernambuco (Tabela 5). O Ceará sobressaiu-se em crescimento acumulado, tanto no comércio varejista como no comércio varejista ampliado, com maior desempenho para estes três segmentos de atividades: veículos e motos, partes e peças (22,4%), livros, jornais, revistas e papelaria (21,7%) e hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (20%).

Em segundo lugar, vem Pernambuco, onde três setores apresentaram as maiores taxas de crescimento em 2010: equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (30,3%), artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (18,4%) e material de construção (16,8%).

Na Bahia, os três segmentos de atividades com melhores desempenhos foram equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (23,8%), móveis e eletrodomésticos (21,5%) e material de construção (18,2%).

Para 2011 as expectativas são de expansão mais modesta do comércio varejista. Em primeiro lugar, porque o crescimento será calculado com base em patamar posterior à recuperação da queda de vendas de 2009, ou seja, após a crise financeira do final de 2008. Em segundo lugar, porque o consumo tende a desacelerar, devido a medidas tomadas pelo Banco Central, de restrição ao crédito e aumento da taxa de juros, além de previsões do governo federal de uma política de redução dos gastos da máquina.

As previsões para 2011 indicam ainda que o Nordeste deverá apresentar taxas superiores às nacionais de crescimento do PIB, de investimentos em obras de infraestrutura e em programas sociais e de expansão de crédito. Em consequência, espera-se que o comércio seja mais aquecido na Região.

Tabela 5 – Taxas Percentuais de Variação Acumuladas do Volume de Vendas no Comércio por Atividades, na Bahia, Ceará e Pernambuco – Janeiro a Novembro de 2010 ⁽¹⁾

Atividades	BA	CE	PE
Comércio Varejista	10,6	14,6	12,3
Combustíveis e lubrificantes	5,2	3,8	9,9
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	8,5	20	10,6
Tecidos, vestuário e calçados	10,3	8,4	14,2
Móveis e eletrodomésticos	21,5	18	15,2
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	12,3	8,5	18,4
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	23,8	18,5	30,3
Livros, jornais, revistas e papelaria	4,1	21,7	8,2
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	6,1	10,3	13,1
Comércio Varejista Ampliado	11,7	17,2	13
Veículos, motocicletas, partes e peças	13,4	22,4	13,7
Material de construção	18,2	15,4	16,8

Fonte: IBGE, 2011c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

⁽¹⁾ Base no ano: igual período do ano anterior =100.

3.4 - Produção Agropecuária

3.4.1 - Agronegócio

3.4.1.1 - Desempenho do Faturamento

Com a divulgação do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola de novembro, já é possível uma ideia de como foi o desempenho da agropecuária brasileira em 2010. Estima-se um crescimento do Valor Bruto da Produção (VBP), a preços de novembro de 2010, da ordem de R\$ 13,5 bilhões (acréscimo de aproximadamente 5% em relação a 2009).

O faturamento com os produtos pecuários deverá crescer 7,2%, enquanto o faturamento com os produtos agrícolas deverá avançar um pouco menos (3,8%), conforme a Tabela 6.

Nos grupos de produtos analisados, espera-se uma redução do VPB apenas para os grãos

(3,5%), devido ao desempenho insatisfatório do arroz (queda na quantidade e no preço), da soja (queda no preço), do feijão (queda na quantidade) e do milho (queda no preço).

O VBP da Agropecuária do Nordeste, em 2010, por sua vez, deverá totalizar R\$ 41,8 bilhões (Tabela 7), apresentando crescimento de apenas 0,6% sobre o valor de 2009 (R\$ 41,6 bilhões). Esse resultado se deve a uma queda de R\$ 422,6 milhões no faturamento das lavouras temporárias (-1,7%) e de R\$ 66 milhões no das lavouras permanentes (-0,6%), acompanhados de um aumento de R\$ 756,4 milhões no faturamento da pecuária (+5,8%).

Tabela 6 – Brasil – Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) – 2009 e 2010

R\$ Milhões de novembro/10

Produtos	2009	2010	Var. %	Var. Abs.
Agrícolas	176.001,6	182.694,3	3,80	6.693
- lavouras temporárias (1)	136.249,4	139.011,4	2,03	2.762
- lavouras permanentes (2)	39.752,2	43.682,9	9,89	3.931
grãos (3)	81.766,7	78.936,1	-3,46	-2.831
outras lavouras	94.234,9	103.758,2	10,11	9.523
Pecuários	94.359,0	101.150,5	7,20	6.791
- carnes (4)	72.524,7	77.506,1	6,87	4.981
- derivados (5)	21.834,3	23.644,4	8,29	1.810
Total	270.360,6	283.844,8	5,0	13.484

Fonte: IBGE, 2010a e b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

(1) abacaxi, algodão herbáceo, alho, amendoim, aveia, arroz, batata-doce, batata-inglesa, cana-de-açúcar, cebola, centeio, cevada, ervilha, fava, feijão, fumo, girassol, juta, linho, malva, mamona, mandioca, melancia, melão, milho, rami, soja, sorgo, tomate.

(2) abacate, algodão arbóreo, azeitona, banana, borracha, cacau, café, caqui, castanha-de-caju, chá-da-índia, coco-da-baía, dendê, erva-mate, figo, goiaba, guaraná, laranja, limão, maçã, mamão, manga, maracujá, marmelo, noz, palmito, pera, pês-sego, pimentão.

(3) amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, ervilha, fava, feijão, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.

(4) bovina, suína e de frango.

(5) leite e ovos.

As perdas decorrentes da estiagem de 2010 se ampliaram um pouco em relação à previsão divulgada na edição nº 26 de Conjuntura. As quedas previstas no VBP de arroz, feijão, mandioca e milho (do grupo das lavouras temporárias) poderão totalizar R\$ 1,3 bilhão. Essas perdas não chegam a alterar significativamente a estrutura do VBP regional, mas levarão a um ganho de um ponto percentual para a pecuária (33,1% do VBP), em detrimento da participação da agricultura (6,9%)

A elevação dos preços dos produtos pecuários – conforme destacada pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – Cepea (2011) – de uma maneira geral explica o desempenho do faturamento desse setor. Os aumentos nos preços internacionais das *commodities* agrícolas tiveram início em junho/2010 (AVICULTURA INDUSTRIAL, 2011) mas só se consolidaram em setembro/outubro, fato que não foi captado nos preços médios ao produtor da fonte utilizada.

A Bahia responderá por 43,2% do VBP das lavouras temporárias do Nordeste, 59% do VPB das lavouras permanentes e 31,7% do VBP da pecuária regional, mantendo a sua posição de destaque. Ao final, o faturamento agropecuário do Estado corresponderá a 43,4% da receita total do Nordeste.

Nas lavouras temporárias, destacam-se também os VBPs do Maranhão (13,1%) e de Pernambuco (11,4%). Nas lavouras permanentes, depois da Bahia, os outros destaques são Pernambuco (14,3%) e Ceará (9,9%).

Na pecuária pontificam (depois da Bahia) o Maranhão (15,8%), Pernambuco (13,5%) e o Ceará (12,9%). Não é, portanto, sem razão que o conjunto desses quatro estados (Bahia, Pernambuco, Maranhão e Ceará) responde por 76,2% de todo o faturamento agropecuário nordestino (Tabela 7).

Tabela 7 – Nordeste – Estimativa do Valor Bruto da Produção (VBP) – 2009 e 2010

Produtos	Unidade	Quant.		Preço (kg)		VBP (mil reais)	
		2009	2010	2009	2010	2009	2010
Lavoura temporária (a)							
Brasil						136.249.403	139.011.362
Nordeste						17.846.059	17.423.411
Abacaxi	Mil frutos	624.503	642.180	1,17	1,17	729.268	749.910
Algodão herbáceo (em caroço)	Tonelada	1.042.589	1.064.951	1,02	1,02	1.061.889	1.084.664
Alho	Tonelada	5.213	5.617	2,91	2,91	15.149	16.324
Amendoim (em casca)	Tonelada	11.620	16.811	0,81	0,81	9.377	13.565
Arroz (em casca)	Tonelada	1.087.242	881.415	0,84	0,84	915.128	741.884
Aveia							
Batata-doce	Tonelada	187.611	203.309	0,55	0,55	103.332	111.978
Batata-inglesa	Tonelada	293.730	305.095	1,40	1,40	410.866	426.763
Cana-de-açúcar	Tonelada	71.378.587	70.630.050	0,05	0,05	3.530.907	3.682.651
Cebola	Tonelada	370.842	359.740	0,96	0,96	355.443	345.350
Fava (em grão)	Tonelada	17.078	19.053	2,10	2,10	35.845	39.991
Feijão (em grão)	Tonelada	847.287	684.827	2,20	2,15	1.866.804	1.472.378
Fumo (em folha)	Tonelada	19.404	29.937	3,30	3,30	64.091	98.881
Girassol	Tonelada	4.459	1.838	0,65	0,65	2.920	1.204
Mamona (baga)	Tonelada	78.716	71.915	0,89	0,89	70.406	64.323
Mandioca	Tonelada	9.157.996	8.560.405	0,20	0,17	1.830.994	1.494.732
Melancia	Tonelada	729.660	607.850	0,45	0,45	325.160	270.878
Melão	Tonelada	380.007	316.221	0,71	0,71	269.557	224.311
Milho (em grão)	Tonelada	4.776.824	4.007.500	0,47	0,46	2.257.097	1.843.450
Soja (em grão)	Tonelada	4.186.574	5.308.645	0,75	0,75	3.139.849	3.981.380
Sorgo granífero (em grão)	Tonelada	128.528	97.410	0,40	0,40	51.395	38.952
Tomate	Tonelada	652.030	615.249	1,23	1,17	800.581	719.841
Lavoura permanente (b)							
Brasil						39.752.173	43.682.936
Nordeste						10.618.926	10.552.893
Abacate	Tonelada	9.187	15.403	1,52	1,52	13.973	23.428
Algodão arbóreo (em caroço)	Tonelada	309	180	1,09	1,09	338	197
Banana	Tonelada	2.947.658	2.983.430	1,25	1,14	3.686.427	3.408.270
Borracha (látex coagulado)	Tonelada	32.648	30.649	2,01	2,01	65.713	61.689
Cacau (em amêndoa)	Tonelada	143.252	142.892	6,30	6,13	903.094	876.214
Café (beneficiado)	Tonelada	182.008	199.821	3,23	4,55	588.311	909.186
Caqui	Tonelada	140	196	0,18	0,18	25	34
Castanha-de-caju	Tonelada	217.606	126.833	0,98	0,98	212.187	123.675
Coco-da-baía	Mil frutos	1.146.139	1.472.716	0,60	0,59	693.199	868.902
Dendê (coco)	Tonelada	205.553	194.629	0,22	0,22	45.500	43.082
Figo	Tonelada	0	15	8,24	8,24	0	124
Goiaba	Tonelada	137.841	135.016	0,78	0,78	107.296	105.097
Guaraná (semente)	Tonelada	2.707	2.688	10,07	10,07	27.257	27.065
Laranja	Tonelada	1.770.959	1.847.271	0,32	0,34	560.924	619.675
Limão	Tonelada	128.052	73.141	0,94	0,94	120.656	68.916
Maçã	Tonelada	365	608	1,43	1,43	523	871
Mamão	Tonelada	1.168.174	1.179.101	0,91	0,91	1.063.974	1.073.926
Manga	Tonelada	879.283	816.862	0,93	0,93	817.227	759.211
Maracujá	Tonelada	529.102	465.925	1,44	1,44	760.941	670.081
Marmelo	Tonelada	250	175	2,79	2,79	696	487
Palmito	Tonelada	21.668	21.242	0,38	0,38	8.223	8.062
Pimenta-do-reino	Tonelada	4.251	4.422	4,09	4,09	17.394	18.094
Sisal ou agave (fibra)	Tonelada	280.004	253.071	0,82	0,79	230.371	199.926
Tangerina	Tonelada	50.280	47.865	0,82	0,82	41.258	39.277
Urucum (semente)	Tonelada	2.187	2.426	2,37	2,37	5.187	5.753
Uva	Tonelada	254.093	251.512	2,55	2,55	648.233	641.649

(continua)

Tabela 7 – Nordeste – Estimativa do Valor Bruto da Produção (VBP) – 2009 e 2010

(conclusão)

Produtos	Unidade	Quant.		Preço (kg)		VBP (mil reais)	
		2009	2010	2009	2010	2009	2010
Agricultura							
Brasil						176.001.576	182.694.298
Nordeste						28.464.985	27.976.304
Pecuária							
Brasil						94.359.019	101.150.475
Nordeste						13.110.083	13.866.454
Carne bovina	Tonelada	1.039.065	1.053.404	5,89	5,77	6.120.783	6.080.948
Frango	Tonelada	1.083.792	1.170.278	2,21	2,32	2.390.539	2.715.045
Leite	Milhões de litros	2.796	2.865	0,74	0,79	2.076.364	2.263.495
Ovos	Mil cx. de 30 dúzias	12.608	13.210	1,98	2,00	831.028	880.653
Suínos	Tonelada	639.560	655.357	2,64	2,94	1.691.369	1.926.312
Agropecuária							
Brasil						270.360.595	283.844.773
Nordeste						41.575.068	41.842.758
Relações Nordeste/Brasil							
Lavoura temporária (a)						13,1	12,5
Lavoura permanente (b)						26,7	24,2
Agricultura (c)						16,2	15,3
Pecuária (d)						13,9	13,7
Agropecuária (c + d)						15,4	14,7

Fontes: IBGE, 2011a, 2011c; FGV, 2011a e AgraFNP, 2009. Valores a preços de nov/2010. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Tabela 8 – Nordeste – Estimativa da Participação de Estados Selecionados no Valor Bruto da Produção Agropecuária 2010

Estados	Lavouras Temporárias		Lavouras Permanentes		Agricultura		Pecuária		Agropecuária	
		%		%		%		%		%
Maranhão	2.290	13,1	167	1,6	2.457	8,8	2.188	15,8	4.645	11,1
Piauí	1.167	6,7	74	0,7	1.241	4,4	1.168	8,4	2.409	5,8
Ceará	859	4,9	1.049	9,9	1.908	6,8	1.795	12,9	3.703	8,8
Rio Grande do Norte	506	2,9	410	3,9	915	3,3	574	4,1	1.490	3,6
Paraíba	751	4,3	390	3,7	1.141	4,1	706	5,1	1.847	4,4
Pernambuco	1.990	11,4	1.507	14,3	3.498	12,5	1.879	13,5	5.376	12,8
Alagoas	1.577	9,0	127	1,2	1.704	6,1	580	4,2	2.284	5,5
Sergipe	755	4,3	607	5,8	1.362	4,9	587	4,2	1.949	4,7
Bahia	7.529	43,2	6.221	59,0	13.750	49,1	4.390	31,7	18.140	43,4
Bahia+Pernambuco+Ceará+Maranhão	12.668	72,7	8.944	84,8	21.612	77,3	10.251	73,9	31.864	76,2
Demais	4.756	27,3	1.608	15,2	6.364	22,7	3.615	26,1	9.979	23,8
Soma	17.423	100,0	10.553	100,0	27.976	100,0	13.866	100,0	41.843	100,0

Fontes: IBGE, 2011d; FGV, 2011a e AgraFNP, 2009. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

3.4.1.2 - Balança Comercial do Agronegócio

Os efeitos da valorização do real frente ao dólar continuam a se fazer sentir tanto sobre as balanças comerciais totais quanto sobre o agronegócio do Brasil e do Nordeste, embora não se possa falar, generalizadamente, de perda de competitividade dos produtos da Região.

As exportações acumuladas até novembro de 2010 continuaram crescendo em relação a idêntico período de 2009 a taxas superiores a 30%, no caso das exportações totais, e a 17% no caso das expor-

tações do agronegócio. Entretanto, as importações cresceram a um ritmo ainda maior: no mínimo 44% para as importações totais e pelo menos 36% para as do agronegócio. Apesar disso, o agronegócio brasileiro continuou a dar a sua contribuição positiva para as contas externas nacionais, tendo apresentado um saldo comercial da ordem de US\$ 58,3 bilhões, valor 14,6% superior ao obtido em idêntico período de 2009 (US\$ 50,9 bilhões) (Tabela 9).

Tabela 9 – Nordeste – Balança Comercial do Agronegócio, por Estado – 2009 e 2010

US\$ milhões

Dados de janeiro a novembro de cada ano

Região/Estado	2009			2010		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
Brasil – Total (a)	138.532,1	115.426,7	23.105,4	180.997,1	166.086,6	14.910,6
Brasil – Agronegócio (b)	59.801,0	8.885,3	50.915,7	70.376,5	12.047,3	58.329,1
Nordeste – Total (c)	10.471,1	9.783,5	687,6	14.300,6	15.921,5	-1.620,9
Nordeste – Agronegócio (d)	5.494,9	1.189,2	4.305,7	6.444,5	1.661,4	4.783,1
Alagoas	618,7	26,5	592,2	762,2	46,4	715,8
Bahia	2.940,1	385,4	2.554,7	3.458,3	540,4	2.917,9
Ceará	639,4	216,2	423,2	743,4	288,7	454,7
Maranhão	410,2	50,8	359,4	405,6	84,4	321,2
Paraíba	74,5	49,9	24,6	102,2	101,2	1,0
Pernambuco	428,2	401,4	26,8	600,0	519,2	80,8
Piauí	153,3	0,9	152,4	117,3	2,4	115,0
Rio Grande do Norte	194,3	29,7	164,6	207,4	42,6	164,8
Sergipe	36,2	28,4	7,8	48,0	36,0	11,9
Variações (%) 2010/2009						
Brasil – Total				30,7	43,9	-35,5
Brasil – Agronegócio				17,7	35,6	14,6
Nordeste – Total				36,6	62,7	-335,7
Nordeste – Agronegócio				17,3	39,7	11,1
Alagoas				23,2	75,1	20,9
Bahia				17,6	40,2	14,2
Ceará				16,3	33,5	7,4
Maranhão				-1,1	66,2	-10,6
Paraíba				37,2	102,9	-96,0
Pernambuco				40,1	29,4	201,2
Piauí				-23,5	172,3	-24,6
Rio Grande do Norte				6,8	43,6	0,1
Sergipe				32,4	26,7	53,0
Relações (%)						
b/a	43,2	7,7	220,4	38,9	7,3	391,2
d/c	52,5	12,2	626,2	45,1	10,4	-295,1
d/b	9,2	13,4	8,5	9,2	13,8	8,2

Fonte: BRASIL, 2010. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Da mesma forma, o agronegócio nordestino gerou um saldo comercial positivo de US\$ 4,8 bilhões, 11% superior ao obtido em 2009 (US\$ 4,3 bilhões), contribuindo para diminuir o déficit da balança comercial total regional. Esse saldo resultou de exportações que alcançaram US\$ 6,4 bilhões e de importações no montante de US\$ 1,7 bilhão.

Bahia, Pernambuco, Alagoas e Ceará, juntos, aumentaram em mais de US\$ 100 milhões as suas exportações em relação ao período janeiro-novembro de 2009, com destaque para a Bahia, com acréscimo de US\$ 518 milhões. Os destaques em crescimento relativo das exportações, no entanto, foram Pernambuco (40,1%), Paraíba (37,2%), Sergipe (32,4%) e Alagoas (23,2%).

O crescimento absoluto das importações mostra a Bahia com crescimento de US\$ 155 milhões em relação a 2009, ficando Pernambuco na segunda posição, com importações no montante de US\$ 118 milhões. O Piauí registrou o maior aumento proporcional em relação a 2009, da ordem de 172%, seguido da Paraíba (103%).

Bahia e Alagoas foram os estados que mais aumentaram os seus saldos comerciais nos produtos do agronegócio em valores absolutos. Enquanto isso, Piauí e Maranhão apresentaram os menores incrementos.

O saldo comercial do agronegócio de Pernambuco triplicou, passando de US\$ 27 milhões para US\$ 81 milhões, enquanto que o da Paraíba sofreu drástica redução, caindo de US\$ 25 milhões para apenas US\$ 1 milhão.

As exportações do agronegócio nordestino em 2010 apresentaram uma significativa concentração em cinco produtos: produtos florestais, complexo soja, complexo sucroalcooleiro, frutas (inclui nozes e castanhas) e fibras e produtos têx-

teis. Juntos, eles totalizaram vendas no montante de US\$ 5,2 bilhões, correspondente a mais de 81% do total da Região (Tabela 10).

A ordem de importância no grupo dos 15 principais produtos² alterou-se, em relação a 2009, apenas no terço superior, com o deslocamento dos produtos florestais para o primeiro posto, superando o complexo soja, e no terço inferior, com a queda das carnes da 14ª para a 15ª posição. Dos 15 produtos listados, houve crescimento nas exportações de dez deles, com destaque para sucos de frutas, alta de 34% (Tabela 10).

As importações de produtos do agronegócio pelo Nordeste registram uma concentração semelhante àquela observada nas exportações. Com efeito, os cinco principais produtos da pauta (cereais, farinhas e preparações; produtos florestais; cacau e seus produtos; fibras e produtos têxteis; e produtos oleaginosos exceto a soja) responderam por mais de 82% das compras externas, totalizando US\$ 1,4 bilhão. As mudanças de posição em relação a 2009 foram mais numerosas entre os produtos importados, embora sem alterações drásticas (Tabela 11).

Entre os produtos importados do agronegócio, chama a atenção o comportamento do complexo sucroalcooleiro, cujas compras externas aumentaram mais de 200.000%, saltando de apenas US\$ 4,2 mil em 2009 para US\$ 10 milhões em 2010 (até novembro). Esse extraordinário crescimento deve-se às compras de álcool etílico não desnaturado com teor alcoólico superior a 80% (US\$ 4 milhões) pela Bahia e álcool etílico desnaturado com qualquer teor alcoólico (US\$ 6 milhões) por Pernambuco.

Nove produtos do agronegócio estão presentes tanto na lista dos principais exportados quanto na dos principais importados (Tabela 12). Para

2 Desconsiderou-se aqui o crescimento dos **Demais produtos de origem vegetal**, por se tratar de um aglomerado de produtos.

Tabela 10 – Nordeste – Principais Produtos Exportados do Agronegócio, Jan a Nov/2010

Produtos	2009			2010		
	Valor US\$ mil)	%	% Acumulado	Valor US\$ mil)	%	% Acumulado
Produtos Florestais	1.161.634	21,1	21,1	1.530.344	23,7	23,7
Complexo Soja	1.442.645	26,3	47,4	1.330.900	20,7	44,4
Complexo Sucroalcooleiro	934.401	17,0	64,4	1.241.157	19,3	63,7
Frutas (Inclui Nozes e Castanhas)	570.383	10,4	74,8	623.591	9,7	73,3
Fibras e Produtos Têxteis	391.791	7,1	81,9	498.373	7,7	81,1
Couros, Produtos de Couro e Peleteria	318.215	5,8	87,7	418.778	6,5	87,6
Cacau e seus Produtos	216.809	3,9	91,6	271.119	4,2	91,8
Café	90.841	1,7	93,3	109.581	1,7	93,5
Pescados	82.463	1,5	94,8	99.658	1,5	95,0
Demais Produtos de Origem Vegetal	65.079	1,2	96,0	109.250	1,7	96,7
Sucos de Fruta	61.657	1,1	97,1	82.367	1,3	98,0
Fumo e seus Produtos	26.646	0,5	97,6	26.469	0,4	98,4
Produtos Alimentícios Diversos	29.069	0,5	98,1	24.782	0,4	98,8
Produtos Apícolas	23.268	0,4	98,5	19.496	0,3	99,1
Carnes	27.998	0,5	99,1	18.341	0,3	99,4
Outros	52.018	0,9	100,0	40.300	0,6	100,0
Total	5.494.918	100		6.444.506	100	

Fonte: BRASIL, 2010. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

quase todos eles, as exportações superaram as importações, contribuindo positivamente na formação do saldo comercial. Essa contribuição, na verdade, representou 76% do saldo comercial do agronegócio nordestino de 2009, passando para

85% em 2010. Somente o saldo comercial das carnes mudou radicalmente de comportamento, passando de um superávit de US\$ 7,6 milhões para um déficit de US\$ 7 milhões.

Tabela 11 – Nordeste – Principais Produtos Importados do Agronegócio, Jan a Nov/2010

Produtos	2009			2010		
	Valor (US\$ mil)	%	% Acumulado	Valor (US\$ mil)	%	% Acumulado
Cereais, Farinhas e Preparações	582.959	49,0	49,0	755.220	45,5	45,5
Produtos Florestais	105.972	8,9	57,9	181.654	10,9	56,4
Cacau e seus Produtos	181.493	15,3	73,2	170.598	10,3	66,7
Fibras e Produtos Têxteis	63.948	5,4	78,6	136.626	8,2	74,9
Produtos Oleaginosos (exclui soja)	61.075	5,1	83,7	119.976	7,2	82,1
Pescados	44.809	3,8	87,5	75.698	4,6	86,7
Bebidas	48.598	4,1	91,6	75.197	4,5	91,2
Carnes	20.414	1,7	93,3	25.304	1,5	92,7
Produtos Hortícolas, Leguminosas, Raízes e Tubérculos	11.939	1,0	94,3	24.637	1,5	94,2
Couros, Produtos de Couro e Peleteria	18.209	1,5	95,8	17.958	1,1	95,3
Frutas (inclui nozes e castanhas)	10.206	0,9	96,7	15.336	0,9	96,2
Produtos Alimentícios Diversos	11.941	1,0	97,7	11.348	0,7	96,9
Complexo Sucroalcooleiro	4	0,0	97,7	10.054	0,6	97,5
Rações para Animais	5.489	0,5	98,1	8.290	0,5	98,0
Demais Produtos de Origem Animal	3.812	0,3	98,5	7.602	0,5	98,4
Outros	18.319	1,5	100,0	25.930	1,6	100,0
Total	1.189.185	100,0		1.661.428	100,0	1372,5

Fonte: BRASIL, 2010. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Tabela 12 – Nordeste – Saldo Comercial dos Principais Produtos Exportados e Importados, Simultaneamente, do Agronegócio, Jan a Nov/2010

Produtos	2009			2010		
	Valor US\$ mil)	%	% Acumulado	Saldo (US\$ mil)	%	% Acumulado
Produtos Florestais	1.161.634	24,5	24,5	1.348.690	28,2	28,2
Complexo Sucroalcooleiro	934.401	21,7	46,2	1.231.104	25,7	53,9
Frutas (Inclui Nozes e Castanhas)	570.383	13,0	59,2	608.255	12,7	66,7
Couros, Produtos de Couro e Peleteria	318.215	7,0	66,2	400.820	8,4	75,0
Fibras e Produtos Têxteis	391.791	7,6	73,8	361.747	7,6	82,6
Cacau e Seus Produtos	216.809	0,8	74,6	100.521	2,1	84,7
Pescados	82.463	0,9	75,5	23.960	0,5	85,2
Produtos Alimentícios Diversos	29.069	0,4	75,9	13.434	0,3	85,5
Carnes	27.998	0,2	76,1	-6.963	-0,1	85,3
Total	3.732.764	76,1		4.081.568	85,3	

Fonte: BRASIL, 2010. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

3.4.2 - Agricultura

O quarto levantamento de grãos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), de dezembro de 2010, estima um aumento de 1,3% da área plantada no Brasil para a safra 2010/2011 em relação à safra anterior, totalizando 47,9 milhões de hectares. Espera-se que as regiões Nordeste e Centro-Oeste, juntas, aumentem 7,1% da área plantada, impulsionadas, principalmente, pela cultura do algodão e da soja.

Apesar do aumento da área plantada, a produção nacional deverá reduzir-se em 0,1%, devido à queda de produtividade da ordem de 1,3%. Na safra 2010/2011, o País deverá colher 149,1 milhões de toneladas, ou seja, ligeiramente inferior aos 149,2 milhões de toneladas da safra 2009/2010, sendo prevista a redução da produção do milho e da soja.

No Nordeste, a área plantada será ampliada em 4,9%, elevando a produção em 14,3%. Serão responsáveis por esse crescimento, principalmente, o algodão, o feijão e a soja. A produtividade da Região deverá aumentar 9%, devido à expectativa de regularidade pluviométrica no início do ano.

As culturas do feijão e do milho apresentam as melhores perspectivas de aumento de produtividade, prevendo-se expansão de 13,8% e 5,1%, respectivamente. No tocante à produção de grãos, destacam-se os acréscimos previstos para a Paraíba (702,8%), o Ceará (159,6%) e o Rio Grande do Norte (92%), cujos territórios são predominantemente localizados na região semi-árida. Enquanto isso, Alagoas e Sergipe deverão reduzir a produção de grãos em 9,6% e 6,4%, respectivamente (Tabela 13).

Algodão

O último levantamento da Conab prevê ampliação de 45,3% na área plantada com algodão no Brasil, a qual deverá expandir-se de 835,7 mil hectares para 1.214,5 mil hectares. Espera-se que a produtividade seja 6,4% maior, impulsionada pela elevação da produtividade nas regiões Sul e Centro-Oeste, resultando no aumento de 54,6% na produção nacional em relação à safra 2009/2010.

No Nordeste, há expectativa de aumento da área plantada com algodão nos três estados que

Tabela 13 – Brasil. Comparativo de Área, Produtividade e Produção de Grãos. Safras 2009/2010 e 2010/2011

Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 09/10	Safra 10/11	Var%	Safra 09/10	Safra 10/11	Var%	Safra 09/10	Safra 10/11	Var%
Norte	1.647,4	1.670,6	1,4	2.511	2.525	0,6	4.137,3	4.218,7	2,0
Nordeste	7.552,3	7.920,6	4,9	1.579	1.720	9,0	11.923,5	13.625,9	14,3
Maranhão	1.450,8	1.470,0	1,3	1.697	1.896	11,7	2.461,7	2.786,4	13,2
Piauí	1.010,8	1.058,0	4,7	1.370	1.844	34,6	1.384,4	1.950,8	40,9
Ceará	1.059,6	1.059,6	0,0	318	825	159,6	336,6	873,7	159,6
Rio Grande do Norte	79,3	79,3	0,0	363	697	92,0	28,8	55,3	92,0
Paraíba	146,6	146,6	0,0	74	597	702,8	10,9	87,5	702,8
Pernambuco	557,2	557,2	0,0	436	567	29,9	243,1	315,7	29,9
Alagoas	125,2	125,2	0,0	750	678	-9,6	93,9	84,9	-9,6
Sergipe	232,6	232,6	0,0	3.484	3.260	-6,4	810,4	758,3	-6,4
Bahia	2.890,2	3.192,1	10,4	2.268	2.103	-7,3	6.553,7	6.713,3	2,4
Centro-Oeste	15.936,8	16.285,1	2,2	3.289	3.306	0,5	52.408,2	53.834,0	2,7
Sudeste	4.750,7	4.723,1	-0,6	3.646	3.671	0,7	17.323,2	17.339,6	0,1
Sul	17.501,5	17.382,1	-0,7	3.623	3.456	-4,6	63.412,7	60.069,0	-5,3
Norte/Nordeste	9.199,7	9.591,2	4,3	1.745,8	1.861	6,6	16.060,8	17.844,6	11,1
Centro/Sul	38.189,0	38.390,3	0,5	3.486,5	3.419	-1,9	133.144,1	131.242,7	-1,4
Brasil	47.388,7	47.981,5	1,3	3.148,5	3.107	-1,3	149.204,9	149.087,3	-0,1

Fonte: CONAB, 2010b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

(*) Produtos Selecionados: caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª, 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

possuem áreas de cerrado: Maranhão, Piauí e Bahia. Entretanto, não há previsão de significativo incremento de produtividade nessas áreas, em comparação com o semiárido. Há, ainda, expectativa de aumento da demanda e do nível de preço, este último influenciado pela redução dos estoques. Dessa forma, a produção da Região deverá ser 46,7% superior à da safra 2009/2010, totalizando 1,5 milhão de toneladas (Tabela 14).

A partir de agosto de 2010, observou-se a elevação dos preços do algodão, decorrente do crescimento da sua demanda, aliado à baixa disponibilidade. De acordo com o Cepea, esse cenário favorável refletir-se-á no aumento da área plantada em 2011.

No início de janeiro a cotação da arroba da pluma de algodão em São Paulo chegou a R\$ 96,90, alta de 8,13% sobre dez./2010. Já em Barreiras (BA) e em Fortaleza a arroba foi negociada a R\$ 92,20, assinalando alta de 5,3% e

5,4%, respectivamente, em relação a dezembro. Ressalta-se que na segunda quinzena de dezembro/2010 a cotação alcançou os maiores picos do ano (Gráfico 13).

Segundo o relatório do *International Cotton Advisory Committee* (Icac), a produção mundial de algodão deverá crescer 15,6% na próxima temporada, passando de 21,6 milhões de toneladas para 25 milhões de toneladas. Em consequência, os estoques deverão atingir 9,3 milhões de toneladas, significando uma relação estoque/consumo de 38%, ainda abaixo da média dos últimos dez anos. Todavia, o consumo mundial deverá estabilizar-se em 24,6 milhões de toneladas.

Feijão

Na safra 2010/2011, a área total plantada com feijão deverá sofrer redução. Em todo o País serão cultivados 3,6 milhões de hectares, representando uma redução de 0,5% em relação à de 2009/2010.

Tabela 14 - Algodão em Caroço. Comparativo de Área, Produtividade e Produção. Safras 2009/2010 e 2010/2011

Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 09/10	Safra 10/11	Var%	Safra 09/10	Safra 10/11	Var%	Safra 09/10	Safra 10/11	Var%
Norte	4,0	3,6	-10,0	3.450	3.722	7,9	13,8	13,4	-2,9
Nordeste	288,3	421,6	46,2	3.759	3.770	0,3	1.083,6	1.589,5	46,7
Maranhão	11,3	17,6	55,8	3.814	3.869	1,4	43,1	68,1	58,0
Piauí	5,9	15,5	162,7	3.458	3.748	8,4	20,4	58,1	184,8
Ceará	2,7	2,7	0,0	741	741	0,0	2,0	2,0	0,0
Rio Grande do Norte	3,0	3,0	0,0	500	767	53,3	1,5	2,3	53,3
Paraíba	0,5	0,5	0,0	200	800	300,0	0,1	0,4	300,0
Pernambuco	2,5	2,5	0,0	600	760	26,7	1,5	1,9	26,7
Alagoas	1,6	1,6	0,0	313	375	20,0	0,5	0,6	20,0
Bahia	260,8	378,2	45,0	3.900	3.850	-1,3	1.017,1	1.456,1	43,2
Centro-Oeste	523,4	746,8	42,7	3.562	3.928	10,3	1.864,6	2.933,7	57,3
Sudeste	19,9	41,7	109,5	3.638	3.753	3,2	72,4	156,5	116,2
Sul	0,1	0,8	700,0	2.000	2.500	25,0	0,2	2,0	900,0
Norte/Nordeste	292,3	425,2	45,5	3.763	3.770	0,2	1.100,0	1.602,9	45,7
Centro/Sul	543,4	789,3	45,3	3.565	3.918	9,9	1.937,2	3.092,2	59,6
Brasil	835,7	1.214,5	45,3	3.634	3.866	6,4	3.037,2	4.695,1	54,6

Fonte: CONAB, 2011b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Esse desempenho está associado, sobretudo, aos baixos preços pagos na época da semeadura, o que leva o produtor a explorar outras culturas mais rentáveis. Entretanto, está previsto um aumento de 4,6% na produtividade em 2010/2011, assim como

o crescimento de 4,2% na produção, totalizando 3,5 milhões de toneladas, o que pode pressionar ainda mais os preços para baixo.

No Nordeste, além dos preços baixos, os problemas climáticos causaram queda da produtividade

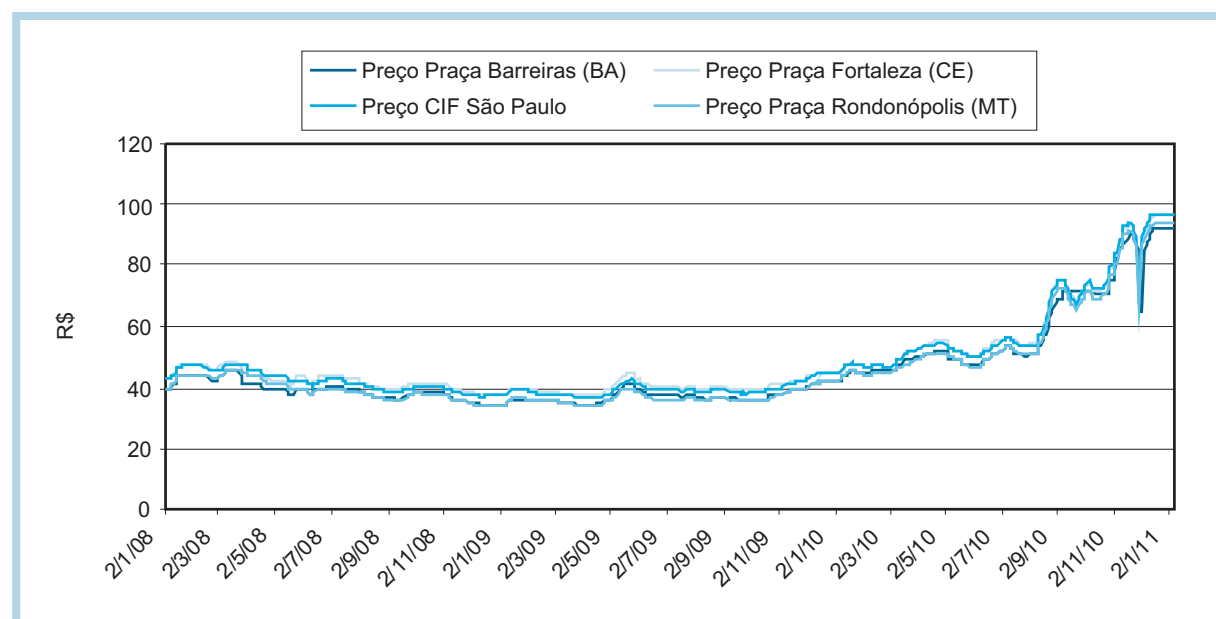


Gráfico 13 – Evolução dos Preços da Arroba da Pluma de Algodão em Barreiras (BA), Fortaleza (CE), CIF São Paulo e Rondonópolis (MT), de janeiro/2008 a janeiro/2011

Fonte: CMA, 2011b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Tabela 15 – Feijão Total. Comparativo de Área, Produtividade e Produção. Safras 2009/2010 e 2010/2011

Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 09/10	Safra 10/11	Var%	Safra 09/10	Safra 10/11	Var%	Safra 09/10	Safra 10/11	Var%
Norte	143,0	143,0	0,0	573	787	37,5	81,9	112,6	37,5
Nordeste	1.843,6	1.834,1	-0,5	379	431	13,8	698,1	790,4	13,2
Maranhão	85,0	85,0	0,0	329	451	36,8	28,0	38,3	36,8
Piauí	213,8	214,5	0,3	159	287	79,8	34,1	61,5	80,4
Ceará	458,2	458,2	0,0	184	350	89,8	84,5	160,4	89,8
Rio Grande do Norte	31,8	31,8	0,0	252	399	58,8	8,0	12,7	58,8
Paraíba	73,0	73,0	0,0	51	410	708,1	3,7	29,9	708,1
Pernambuco	264,6	264,6	0,0	334	391	16,8	88,5	103,4	16,8
Alagoas	62,6	62,6	0,0	540	510	-5,6	33,8	31,9	-5,6
Sergipe	42,6	42,6	0,0	636	594	-6,6	27,1	25,3	-6,6
Bahia	612,0	601,8	-1,7	638	543	-14,8	390,4	327,0	-16,2
Centro-Oeste	257,7	267,8	3,9	1.914	1.903	-0,6	493,2	509,6	3,3
Sudeste	626,5	602,5	-3,8	1.552	1.514	-2,4	972,1	912,2	-6,2
Sul	738,0	744,8	0,9	1.460	1.524	4,4	1.077,2	1.135,3	5,4
Norte/Nordeste	1.986,6	1.977,1	-0,5	393	457	16,3	780,0	903,0	15,8
Centro/Sul	1.622,2	1.615,1	-0,4	1.567	1.583	1,0	2.542,5	2.557,1	0,6
Brasil	3.608,8	3.592,2	-0,5	921	963	4,6	3.322,5	3.460,5	4,2

Fonte: CONAB, 2011b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

em 2009/2010. Há, porém, a perspectiva de aumento de 13,2% na produção da safra 2010/2011 e de 13,8% no rendimento por hectare, mesmo com a redução prevista de 0,5% na área plantada de feijão em relação à da safra anterior. Dentre os estados nordestinos, a Bahia é o que deverá

sofrer a maior redução proporcional da produção, da ordem de 16,2%, devido, principalmente, a fatores climáticos adversos (Tabela 15).

Até novembro 2010 o preço do feijão apresentou forte tendência de alta, devido à frustra-

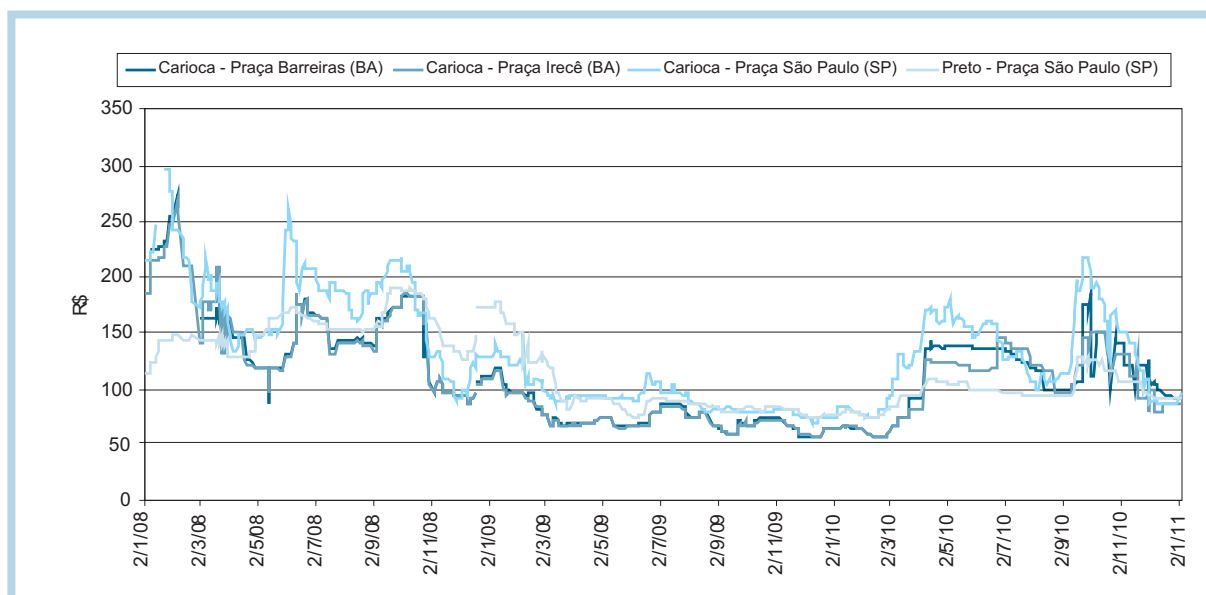


Gráfico 14 – Evolução dos Preços da Saca de 60 kg de Feijão Carioca tipo 1 em Barreiras (BA), Irecê (BA) e São Paulo (SP) e Feijão Preto em São Paulo (SP), de janeiro/2008 a janeiro/2011

Fonte: CMA, 2011b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

ção de safra causada pelas condições climáticas adversas, principalmente no Nordeste. Em dezembro, porém, os preços passaram a cair. Em janeiro de 2011 a saca de 60 kg do feijão carioca foi comercializada a R\$ 90,00 em Barreiras (BA), queda de 25% sobre o mês anterior. Em Irecê (BA) e São Paulo a saca foi negociada a R\$ 85,00, recuo de 34,6%, 36,7%, respectivamente. O feijão preto foi cotado a R\$ 95,00 em São Paulo, baixa de 14,3%, em relação a novembro de 2010 (Gráfico 14).

Milho

A área plantada com milho na safra 2010/2011 deverá ser 2,2% inferior à de 2009/2010, devido à redução de 5% prevista para o Sul, maior produtor do grão no País. Pelo mesmo motivo, prevê-se redução da produtividade e da colheita nacional, em 4% e 6,1%, respectivamente. Apenas no Nordeste haverá incremento da área plantada, da produtividade e da produção.

Estima-se que a safra brasileira de milho alcance 52,5 milhões de toneladas.

No Nordeste, embora haja previsão de queda nas principais regiões produtoras de milho (Bahia e Sergipe), estima-se o aumento da produção, principalmente na Paraíba (741,3%) e no Ceará (242,6%), devido às condições climáticas favoráveis previstas para 2011 (Tabela 16).

No segundo semestre de 2010 o aumento das cotações externas do milho provocaram uma elevação também no mercado interno. De acordo com a Conab, os preços do milho continuam elevados devido ao cenário externo, ao aumento de demanda e ao apoio governamental por meio da realização dos leilões do programa Prêmio para Escoamento de Produto (PEP).

Em janeiro de 2011, a saca de 60 kg foi comercializada a R\$ 26,50 em Barreiras (BA), R\$ 33,00 em Fortaleza, R\$ 24,00 em Cascavel (PR) e R\$ 28,60 em São Paulo (Preço CIF) (Gráfico 15).

Tabela 16 – Milho Total (1ª e 2ª Safras). Comparativo de Área, Produtividade e Produção. Safras 2009/2010 e 2010/2011

Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 09/10	Safra 10/11	Var%	Safra 09/10	Safra 10/11	Var%	Safra 09/10	Safra 10/11	Var%
Norte	514,0	514,0	0,0	2.503	2.519	0,6	1.286,5	1.294,7	0,6
Nordeste	2.621,7	2.624,7	0,1	1.611	1.693	5,1	4.223,6	4.443,2	5,2
Maranhão	382,4	382,4	0,0	1.470	1.400	-4,8	562,1	535,4	-4,8
Piauí	309,9	312,4	0,8	1.141	1.512	32,5	353,6	472,4	33,6
Ceará	535,6	535,6	0,0	327	1.120	242,6	175,1	599,9	242,6
Rio Grande do Norte	37,0	37,0	0,0	249	635	155,4	9,2	23,5	155,4
Paraíba	69,6	69,6	0,0	91	761	741,3	6,3	53,0	741,3
Pernambuco	272,5	272,5	0,0	461	640	38,9	125,6	174,4	38,9
Alagoas	58,0	58,0	0,0	721	655	-9,1	41,8	38,0	-9,1
Sergipe	176,8	176,8	0,0	4.088	3.820	-6,6	722,8	675,4	-6,6
Bahia	779,9	780,4	0,1	2.856	2.398	-16,0	2.227,1	1.871,3	-16,0
Centro-Oeste	3.723,3	3.682,2	-1,1	4.541	4.585	1,0	16.906,8	16.884,0	-0,1
Sudeste	2.113,3	2.068,2	-2,1	5.071	5.078	0,1	10.715,6	10.501,6	-2,0
Sul	3.995,4	3.794,1	-5,0	5.715	5.123	-10,4	22.835,6	19.436,1	-14,9
Norte/Nordeste	3.135,7	3.138,8	0,1	1.757	1.828	4,0	5.510,1	5.737,9	4,1
Centro/Sul	9.831,2	9.544,3	-2,9	5.132	4.906	-4,4	50.458,0	46.821,7	-7,2
Brasil	12.966,9	12.683,1	-2,2	4.316	4.144	-4,0	55.968,1	52.559,6	-6,1

Fonte: CONAB, 2010b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

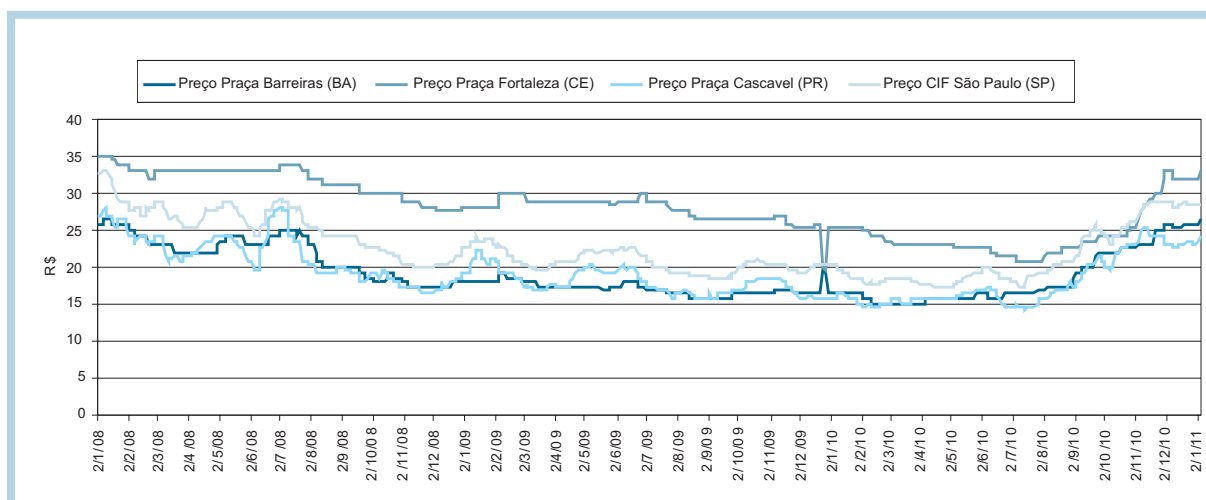


Gráfico 15 – Evolução dos Preços da Saca de 60kg de Milho em Barreiras (BA), Fortaleza (CE), Cascavel (PR) e Preço CIF São Paulo, de janeiro/2008 a janeiro/2011

Fonte: CMA, 2011b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Soja

Para 2010/2011 espera-se uma expansão de 2,6% na área cultivada com soja no País, em relação à safra 2009/2010, alcançando 24,1 milhões de hectares. Confirma-se a perspectiva de incremento de área em todas as regiões, com destaque para o Norte (4,8%). No caso da produtividade, o Sul segue a tendência de queda observada nos demais grãos, devido às baixas precipitações pluviométricas, provocadas pelo fenômeno *La Niña*. Nesse contexto, a produção nacional está estimada em 68,5 milhões de toneladas, 0,2% inferior à da safra 2009/2010.

No Nordeste, o Piauí será o principal responsável pela ampliação da área plantada, de 343,1 mil hectares para 377,1 mil hectares. No Maranhão, o acréscimo situa-se em volta de 25,1 mil hectares em relação à safra 2009/2010, enquanto na Bahia a área deverá crescer 7,1 mil hectares. Contudo, na Bahia espera-se redução de produtividade e consequente queda na produção. No Piauí, deverá ocorrer melhora de 18,5% na produtividade, que, juntamente com o aumento de 9,9% da área, poderá resultar numa safra de 1,1 milhão de toneladas, contribuindo, assim, para a expansão da colheita do produto no Nordeste (Tabela 17).

Tabela 17 – Soja. Comparativo de Área, Produtividade e Produção. Safras 2009/2010 e 2010/2011

Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 09/10	Safra 10/11	Var%	Safra 09/10	Safra 10/11	Var%	Safra 09/10	Safra 10/11	Var%
Norte	574,9	602,7	4,8	2.943	2.910	-1,1	1.691,7	1.753,7	3,7
Nordeste	1.861,7	1.927,9	3,6	2.852	2.978	4,4	5.309,5	5.741,5	8,1
Maranhão	502,1	527,2	5,0	2.650	2.920	10,2	1.330,6	1.539,4	15,7
Piauí	343,1	377,1	9,9	2.531	3.000	18,5	868,4	1.131,3	30,3
Bahia	1.016,5	1.023,6	0,7	3.060	3.000	-2,0	3.110,5	3.070,8	-1,3
Centro-Oeste	10.539,2	10.782,0	2,3	2.997	3.017	0,7	31.586,7	32.528,7	3,0
Sudeste	1.591,2	1.633,6	2,7	2.801	2.909	3,8	4.457,6	4.751,8	6,6
Sul	8.900,9	9.132,5	2,6	2.881	2.603	-9,6	25.642,7	23.775,1	-7,3
Norte/Nordeste	2.436,6	2.530,6	3,9	2.873	2.962	3,1	7.001,2	7.495,2	7,1
Centro/sul	21.031,3	21.548,1	2,5	2.933	2.833	-3,4	61.687,0	61.055,6	-1,0
Brasil	23.467,9	24.078,7	2,6	2.927	2.847	-2,7	68.688,2	68.550,8	-0,2

Fonte: CONAB, 2010b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

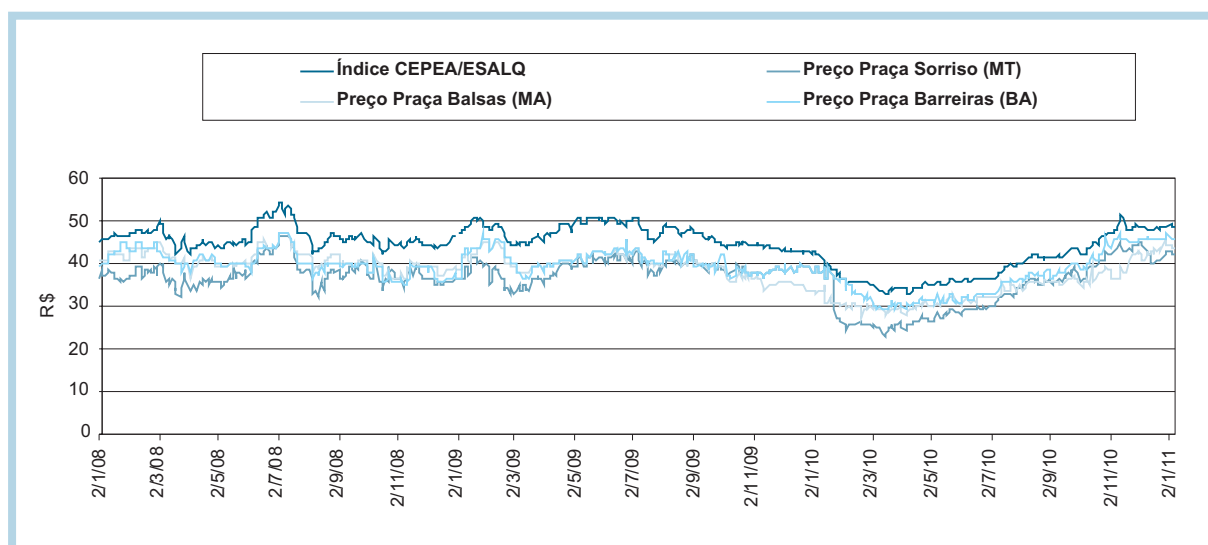


Gráfico 16 – Evolução dos Preços da Sacca de 60 kg da Soja em Balsas (MA), Barreiras (BA), Sorriso (MT) e Índice CEPEA/ESALQ, de janeiro/2008 a julho/2010

Fonte: CMA, 2011b. **Elaboração:** Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

A partir do segundo semestre de 2010, o preço da soja começou a se recuperar da baixa do primeiro semestre. Os preços de janeiro de 2011 seguem a mesma tendência de alta, impulsionados pela demanda externa.

No Nordeste, no início de janeiro de 2011, a soja foi cotada a R\$ 43,50 em Balsas (MA) e R\$ 46,00 em Barreiras (BA), mantendo-se estável em relação a dezembro de 2010 (Gráfico 16).

Café

Na safra 2010 foram cultivados 2,1 milhões de hectares com café no Brasil, 0,9% menos do que na anterior. A previsão para 2011 é de que a produção nacional seja reduzida em 9,9%³, por conta do efeito da biennialidade negativa. Entretanto, com as condições climáticas favoráveis, a produção deverá ser superior à de outros anos de baixa biennialidade. Segundo a Conab, alguns estados já estão conseguindo inverter a biennialidade negativa, por meio do manejo diferenciado e da renovação gradual da lavoura.

A produção brasileira de café deverá totalizar 43,3 milhões de sacas, sendo 32,1 milhões (74%) do tipo arábica e 11,2 milhões (26%) do robusta.

Na Bahia, principal produtor de café do Nordeste, a área cultivada na região do Atlântico deverá expandir-se 4,2%, com o plantio do café conilon (robusta). Está previsto para o Estado o crescimento de 12,3% na produção total de café, alcançando 2,6 milhões de sacas, sendo 1,8 milhão do tipo arábica (Tabela 18).

No segundo semestre de 2010, a cotação do café apresentou trajetória de alta, em razão da menor oferta do produto no mercado interno. O baixo estoque mundial e a quebra de safra na Colômbia, na Indonésia e no Vietnã restringirão a oferta em 2011, com consequente elevação dos preços.

Muitos produtores brasileiros não estão se beneficiando da alta dos preços do café, uns por terem vendido antecipadamente a produção e outros por estarem descapitalizados.

3 Os valores referentes à produção de café correspondem à média das estimativas inferior e superior divulgadas pela Conab.

Tabela 18 – Café Beneficiado Comparativo de Área e Produção. Safras 2010 e 2011

UF/Região	Área (em ha)			Produção (em mil sacas beneficiadas)						Var. total %
				Safr 2010			Safr 2011			
	Safr 2010	Safr 2011	Var. %	Arábica	Robusta	Total	Arábica	Robusta	Total	
Minas Gerais	1.009.719	997.858	-1,17	24.903	252	25.155	21.712	252	21.964	-12,69%
Sul e Centro-Oeste	509.687	505.097	-0,90	12.616	-	12.616	10.312	-	10.312	-18,27%
Cerrado - Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	162.217	160.043	-1,34	5.652	-	5.652	4.262	-	4.262	-24,59%
Zona da Mata - Jequitinhonha, Mucuri, Rio Doce Central e Norte	334.815	332.718	-0,63	6.635	252	6.887	7.139	252	7.391	7,31%
Espírito Santo	460.193	455.777	-0,96	2.792	7.355	10.147	2.904	7.628	10.532	3,79%
São Paulo	167.147	167.147	0,00	4.662	-	4.662	3.424	-	3.424	-26,56%
Paraná	81.874	76.000	-7,17	2.284	-	2.284	1.715	-	1.715	-24,91%
Bahia	139.550	139.725	0,13	1.728	565	2.293	1.854	722	2.576	12,34%
Cerrado	12.273	12.448	1,43	486	-	485	518	-	518	6,67%
Planalto	103.344	102.338	-0,97	1.242	-	1.242	1.336	-	1.336	7,51%
Atlântico	23.933	24.939	4,20	-	565	564	-	722	722	27,85%
Rondônia	154.879	154.879	0,0	-	2.369	2369	-	1.914	1.914	-19,19%
Mato Grosso	15.186	15.186	0,0	16	187	203	16	187	203	0,0
Pará	13.500	13.500	0,0	-	229	228	-	229	229	0,0
Rio de Janeiro	13.100	13.100	0,0	238	13	250	238	13	250	0,0
Outros	24.477	24.477	0,0	201	302	503	201	302	503	0,0
BRASIL	2.076.625	2.057.649	-0,91	36.824	11.271	48.095	32.064	11.246	43.310	-9,95%

Fonte: CONAB, 2010a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

No último dia do ano que passou, a saca de 60 kg do café arábica foi comercializada a R\$ 413,34 (recorde histórico), e o conilon foi cotado a R\$ 198,29 pelo índice Cepea/Esalq, com valorização de 17,9% e 9,4%, respectivamente, em relação ao final de outubro.

Em Vitória da Conquista (BA), o café Bica Rio T6/7 foi cotado a R\$ 225,00; o Bica Dura T6/7 a R\$ 410,00; e o café despulpado a R\$ 430,00, significando valorização de 2,3%, 24,2% e 8,8%, respectivamente, no período (Gráfico 17).

Cana-de-açúcar

Para a safra 2010/2011, está previsto um crescimento de 8,4% da área cultivada no Brasil em relação a 2009/2010, totalizando oito milhões de hectares. O incremento de área deverá resultar na produção de 625 milhões de toneladas, volume 3,4% maior que o da safra anterior.

De acordo com a Conab, a ampliação da área pode ser explicada a partir da recente instalação de algumas usinas, das áreas de renovação e do aumento de moagem. Estima-se que a produtividade seja 4,6% menor em relação a 2009/2010, devido à escassez de chuvas, principalmente nas regiões Sul e Sudeste.

No Nordeste, a safra de cana 2010/2011 deverá totalizar 62,9 milhões de toneladas, 3,7% a mais que a anterior, por causa do aumento da área plantada (1,7%) e da produtividade (2%). O Ceará deverá apresentar o maior crescimento proporcional da produção (16,8%). Entretanto, a produção cearense não é significativa em relação aos principais produtores regionais de cana. Destacam-se, ainda, o Maranhão, a Bahia e Alagoas, com expectativa de produção 15,5%, 10,6% e 9,2% superior à safra 2009/2010, respectivamente (Tabela 19).

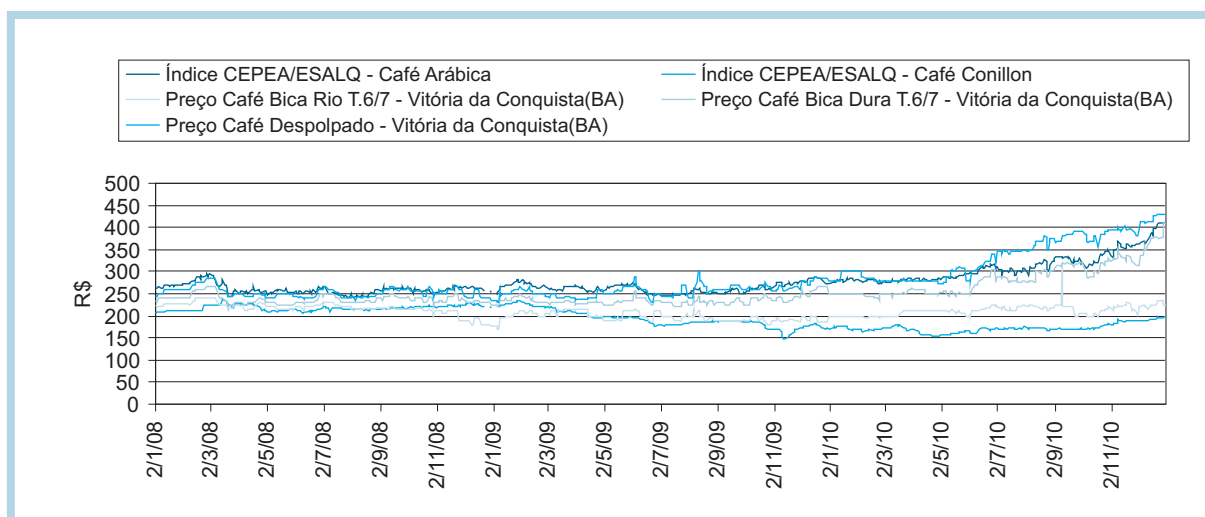


Gráfico 17 – Evolução dos Preços da Sacca de 60 kg em Vitória da Conquista (BA) dos Cafés Bica Dura T.6/7, Bica Rio T. 6/7 e Despolpado e Índice CEPEA/ESALQ para os Cafés Arábica e Conillon, de janeiro/2008 a dezembro/2011

Fonte: CMA, 2011b; CEPEA; ESALQ, 2011f. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Apesar da desvalorização do preço do açúcar entre janeiro e outubro de 2010, a cotação do produto continua em alta, em virtude das expectativas de queda na oferta provocada por problemas climáticos nos países que estão entre os grandes produtores mundiais.

Em dezembro, a sacca de 50 kg foi comercializada a R\$ 73,25 em Alagoas, R\$ 73,76 em Pernambuco e R\$ 75,50 pelo Índice Cepea/Esalq (Gráfico 18).

No mercado internacional, os preços do açúcar vêm sendo pressionados pela queda da oferta.

Tabela 19 – Cana-de-açúcar. Comparativo de Área, Produtividade e Produção. Safras 2009/2010 e 2010/2011

Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 09/10	Safra 10/11	Var%	Safra 09/10	Safra 10/11	Var%	Safra 09/10	Safra 10/11	Var%
Norte	17,2	19,5	13,37	57.651	70.779	22,77	991,6	1.380,2	39,19
Nordeste	1.082,6	1.100,60	1,66	56.048	57.160	1,98	60.677,2	62.909,8	3,68
Maranhão	39,4	42,1	6,85	56.076	60.610	8,09	2.209,4	2.551,7	15,49
Piauí	13,6	13,29	-2,28	74.559	62.972	-15,54	1.014,0	836,9	-17,47
Ceará	2,3	2,76	20,00	67.130	65.362	-2,63	154,4	180,4	16,84
Rio Grande do Norte	67,0	65,72	-1,91	51.828	45.560	-12,09	3.472,5	2.994,2	-13,77
Paraíba	115,5	111,8	-3,20	54.719	47.852	-12,55	6.320,0	5.349,9	-15,35
Pernambuco	321,4	346,82	7,91	55.400	54.160	-2,24	17.805,6	18.783,8	5,49
Alagoas	448,0	438,57	-2,10	54.698	61.000	11,52	24.504,5	26.752,8	9,18
Sergipe	37,9	36,99	-2,40	59.359	59.500	0,24	2.249,7	2.200,9	-2,17
Bahia	37,4	42,57	13,82	78.799	76.561	-2,84	2.947,1	3.259,2	10,59
Centro-Oeste	940,3	1.202,50	27,88	82.352	79.958	-2,91	77.435,9	96.149,1	24,17
Sudeste	4.832,6	5.126,90	6,09	86.880	82.030	-5,58	419.857,7	420.561,1	0,17
Sul	537,0	584	8,75	84.826	75.327	-11,20	45.551,3	43.990,8	-3,43
Norte/Nordeste	1.099,8	1.120,10	1,85	56.073	57.397	2,36	61.668,8	64.290,0	4,25
Centro/Sul	6.309,8	6.913,50	9,57	86.032	81.102	-5,73	542.844,8	560.701,0	3,29
Brasil	7.409,6	8.033,60	8,42	81.585	77.797	-4,64	604.513,6	624.991,0	3,39

Fonte: CONAB, 2010c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

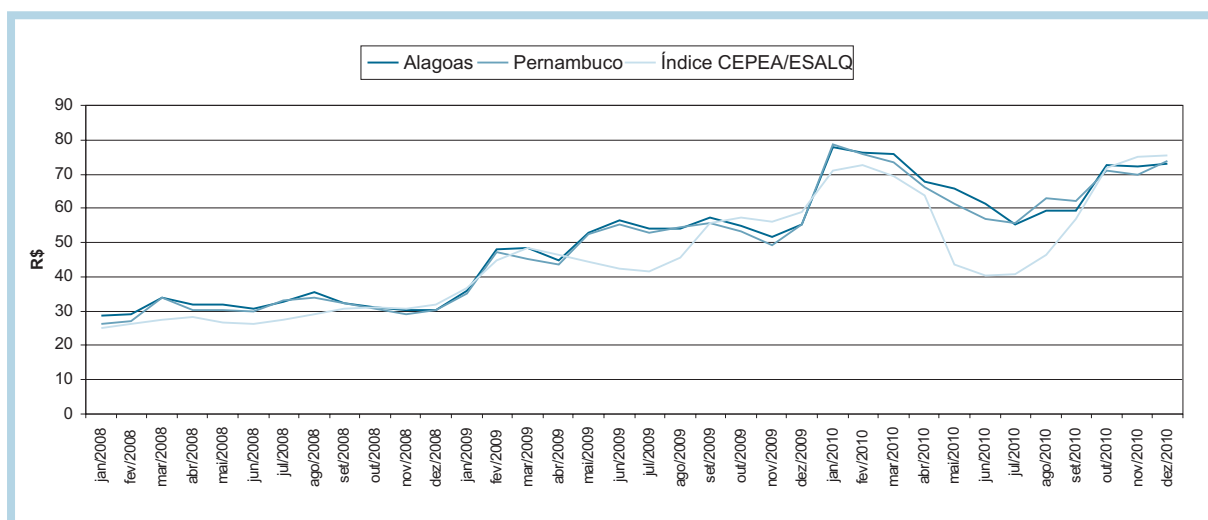


Gráfico 18 – Evolução dos Preços da Sacca de 50kg do Açúcar Cristal em Alagoas, Pernambuco e Índice CEPEA/ESALQ, de janeiro/2008 a dezembro/2010

Fonte: CEPEA; ESALQ, 2011b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

A Índia, por exemplo, um dos grandes exportadores mundiais, ainda não recuperou a sua produção.

A cotação do açúcar tem impulsionado também o preço do álcool no mercado interno. Em dezembro, o litro do álcool anidro foi comercializado a R\$ 1,20, e o hidratado a R\$ 1,08, pelo Índice Cepea/Esalq, significando altas de 45,3% e 49,2%, respectivamente, em relação a junho de 2010.

No Nordeste, o álcool anidro foi cotado a R\$ 1,32 em Alagoas e em Pernambuco, com altas de 14,9%, 13%, respectivamente, em relação a junho. O álcool hidratado apresentou comportamento semelhante, sendo cotado em dezembro a R\$ 1,06 em Alagoas e R\$ 1,05 em Pernambuco, o que representou valorizações de 6,6% e 4,1%, respectivamente, no mesmo período (Gráfico 19).

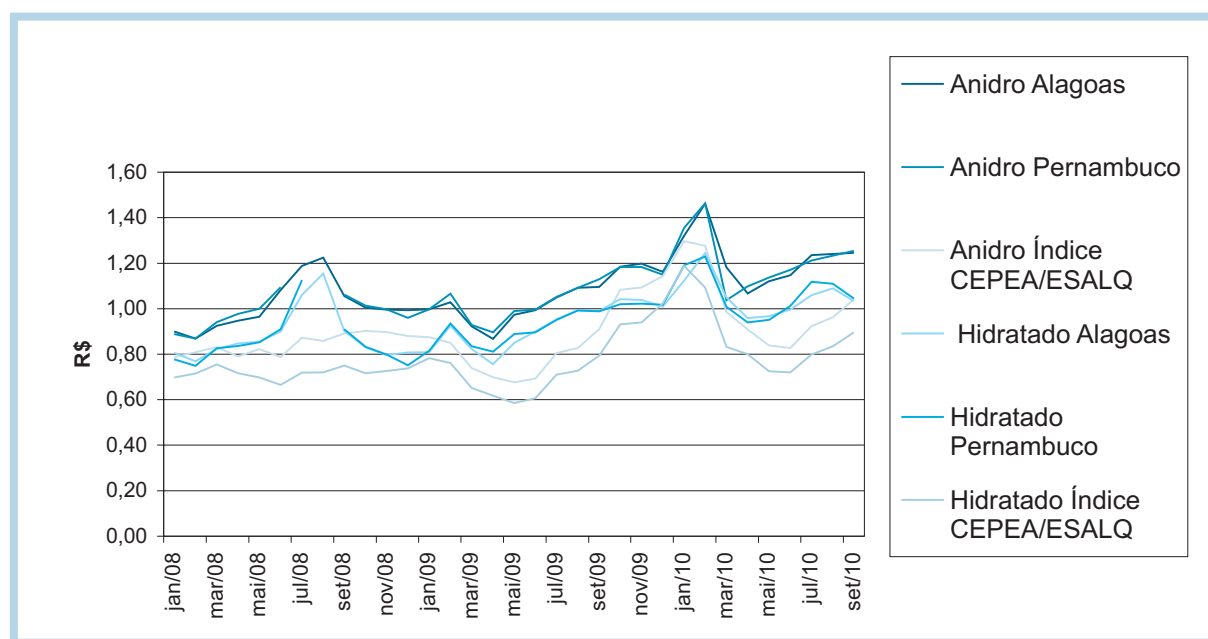


Gráfico 19 – Evolução dos Preços do Litro do Álcool Anidro e Hidratado em Alagoas, Pernambuco e Índice CEPEA/ESALQ, de janeiro/2008 a setembro/2010

Fonte: CEPEA; ESALQ, 2011c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

3.4.3 - Pecuária

Recordes nas cotações da arroba do boi gordo marcaram o quarto trimestre: em outubro, o indicador Esalq/BM&FBovespa subiu 20,2%, fechando em R\$ 113,12/por arroba (@), o maior valor registrado na série iniciada em 1997 (CEPEA; ESALQ, 2010b).

A falta de boi pronto para o abate, devido ao estado das pastagens, possibilitou ao próprio pecuarista impor o preço, negociando alguns lotes, mas esperando preços mais altos. Em 9 de novembro, o indicador chegou a R\$ 117,18/@, mas caiu no final do mês para R\$ 105,39/@, significando baixa de 10,1%. Motivo: o preço alto pago ao pecuarista, repassado para os frigoríficos na venda no atacado, ocasionou uma redução do consumo, com conseqüente elevação dos estoques. Isso possibilitou aos frigoríficos a negociação do produto com os pecuaristas a preços mais baixos.

Ao longo de dezembro, o indicador não sofreu variações significativas, registrando-se no dia 30 a comercialização da arroba por R\$ 104,73 (CEPEA; ESALQ, 2010b).

De acordo com informações coletadas pelas agências do BNB localizadas em regiões produtoras, no Maranhão, em dezembro, o preço oscilou entre R\$ 81,00/@ e R\$ 97,50/@, resultando

na média de R\$89,90/@. Em algumas áreas do Estado, onde o mercado está aquecido, o preço chegou a R\$ 100,00/@, levando o pecuarista a não negociar; em outras regiões está havendo escassez de boi gordo e bezerros.

Na Bahia, o preço variou de R\$ 88,00/@ a R\$ 100,00/@, com média de R\$ 93,09/@. Como já chove em algumas regiões, e as pastagens já dão sinal de recuperação, os preços tendem a cair.

O mercado do leite permaneceu estável em outubro, com a estiagem nas principais regiões produtoras, limitando o desenvolvimento das pastagens. A média nacional do Cepea no mês ficou em R\$ 0,6974/litro, e o preço baiano em R\$ 0,6745/litro. Em novembro, as primeiras chuvas não alavancaram a produção, e a média nacional subiu 2,4%, para R\$ 0,7142/litro, com o preço na Bahia caindo para R\$ 0,6698/litro. Em dezembro, quando a média nacional subiu 0,9% (R\$ 0,7207/litro), devido à estiagem em algumas regiões e ao aumento dos custos de produção (concentrado), nova baixa ocorreu na Bahia (R\$ 0,6538/litro). Da mesma forma atípica que o preço subiu no período de safra, no primeiro semestre caiu durante um período de entressafra (CEPEA; ESALQ, 2010b).

REFERÊNCIAS

ABIQUIM. Déficit em produtos químicos aumentou 160% em cinco anos. **Informação à imprensa**. Disponível em: <<http://www.abiquim.org.br>>. Acesso em: 17 jan. 2011a.

_____. **Relatório de acompanhamento conjuntural**, nov. 2010. Disponível em: <<http://www.abiquim.org.br>>. Acesso em: 17 jan. 2011b.

AGRAFNP. Anualpec: anuário da pecuária brasileira. São Paulo: AgraFNP, 2009.

AVICULTURA INDUSTRIAL. **Os desafios do agro-negócio brasileiro**. Disponível em: <http://www.aviculturaindustrial.com.br/PortalGessulli/WebSite/Noticias/os-desafios-do-agronegocio-brasileiro,20110106183551_H_419,20081118093812_F_643.aspx>. Acesso em: 6 jan. 2011. Entrevista com o prof. Fernando Homem de Melo.

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL; ETENE. **Confiança e intenção de compra do consumidor**. Disponível em: <<http://www.bnb.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2011a.

_____. **Perfil de endividamento do consumidor**. Disponível em: <<http://www.bnb.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2011b.

BRASIL. Ministério da Agricultura. **Agrostat**. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/agrostat>>. Acesso em: 07 nov. 2010.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Alice Web**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.aliceweb.gov.br>>. Acesso em: 13 jan. 2011a.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Alice Web**. Disponível em: <<http://www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em: 21 jan. 2011b.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Balança comercial 2010**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em: 9 jan. 2011c.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Nota comércio exterior dezembro de 2010**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2011d.

_____. Ministério do Planejamento. **Medida pode alongar prazo das carteiras do investidor**.

Disponível em: <<http://www.planejamento.gov.br>>. Acesso em: 7 jan. 2011e.

CEBRASSE. **Pesquisa aponta crescimento dos serviços no 1º primeiro semestre de 2011**. Disponível em: <<http://www.cebrasse.org.br>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

CEPEA; ESALQ. **Agromensal**: informações de mercado, nov. 2010. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/agromensal/2010/11_novembro/Pecuaria.>. Acesso em: 28 dez. 2010a.

_____. **Agromensal**: informações de mercado, out. 2010. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/agromensal/2010/10_outubro/Pecuaria.htm>. Acesso em: 28 dez. 2010b.

_____. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/imprensa/?id_page=339&view=1>. Acesso em: 10 jan. 2011a.

_____. **Indicadores de preços: açúcar**. Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/acucar/>>. Acesso em: 10 jan. 2011b.

_____. **Indicadores de preços: açúcar & álcool**. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/agromensal/2010/12_dezembro/AcucarAlcool.htm>. Acesso em: 10 jan. 2011c.

_____. **Indicadores de preços: álcool**. Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/alcool/>>. Acesso em 10 jan. 2011d.

_____. **Indicadores de preços: algodão**. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/agromensal/2010/12_dezembro/Algodao.htm>. Acesso em: 06 jan. 2011e.

_____. **Indicadores de preços: boi**. Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/xls/SBOI.XLS>>. Acesso em: 28 dez. 2010c.

_____. **Indicadores de preços: café**. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/agromensal/2010/12_dezembro/Cafe.htm>. Acesso em: 07 jan. 2011f.

_____. **Indicadores de preços: milho.** Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/agromensal/2010/12_dezembro/Milho.htm>. Acesso em: 06 jan. 2011g.

_____. **Indicadores de preços: soja.** Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/agromensal/2010/12_dezembro/Soja.htm>. Acesso em: 07 jan. 2011h.

_____. **Informações de mercado, ago. 2010.** Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/comunicacao/Cepea%20Leite%20Novembro10.doc>>. Acesso em: 28 dez. 2010d.

_____. **Informações de mercado, out. 2010.** Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/comunicacao/Cepea%20Leite%20Outubro_10.doc>. Acesso em: 28 dez. 2010e.

_____. **Informações de mercado, set. 2010.** Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/comunicacao/Cepea%20Leite%20Dezembro_10.doc>. Acesso em: 28 dez. 2010f.

CONAB. **Safra 2010/2011:** primeira estimativa de acompanhamento da safra brasileira de café, jan. 2011. Brasília: Conab, 2010a.

_____. **Safra 2010/2011:** quarto levantamento de acompanhamento da safra de grãos, jan. 2011. Brasília: Conab, 2010b.

_____. **Safra 2010/2011:** segundo levantamento de acompanhamento da safra brasileira de cana-de-açúcar, janeiro/2011. Brasília: Conab, 2010c.

CMA. **Produção agrícola municipal 2009.** Disponível em:

<<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/pam/default.asp>>. Acesso em: 11 jan. 2011a.

_____. **Trading analysis information.** São Paulo: CMA, 2011b.

CONTAS ABERTAS. **Comitê gestor do PAC.**

Disponível em: <<http://www.contasabertas.uol.com.br>>. Acesso em: 16 jan. 2011a.

_____. **Financiamentos habitacionais carregam 48% do PAC.**

Disponível em: <<http://www.contasabertas.uol.com.br>>. Acesso em: 9 jan. 2011b.

ESTOQUE elevado freia avanço da produção. **Valor econômico.** Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br>>. Acesso em: 8 jan. 2011.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DA BAHIA. **Acompanhamento conjuntural,** dez. 2010. Disponível em: <<http://www.fieb.org.br>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

FGV. **FGV-Dados.** Disponível em: <<http://portalivre.fgv.br/main.jsp?lumPageId=402880811D8E34B9011D9858DDE9492B>>. Acesso em: 6 jan. 2011a.

_____. In: BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Indicadores consolidados.** Disponível em: <www.bcb.gov.br>. Acesso em: 19 jan. 2011b.

GLOBAL 21. **Alta na importação de asfalto é de 11.000% em nove meses.** Disponível em: <<http://www.globa21.com.br>>. Acesso em: 19 jan. 2011a.

_____. **Baque nos calçados.** Disponível em: <<http://www.global21.com.br>>. Acesso em: 05 jan. 2011b.

IBGE. **Contas nacionais trimestrais:** julho/setembro 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 13 jan. 2011a.

_____. In: IEDI. Produtividade na indústria no terceiro trimestre de 2010. **Cartas ed,** n. 448. Disponível em: <<http://www.iedi.org.br>>. Acesso em: 25 jan. 2011b.

_____. **Pesquisa mensal de comércio:** novembro 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 13 jan. 2011c.

_____. **Produção industrial mensal:** produção física Brasil. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 jan. 2011d.

_____. **Produção industrial mensal:** produção física regional. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 13 jan. 2011e.

_____. **Produção industrial regional.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 21 jan. 2011f.

IBGE; SIDRA. **Levantamento sistemático da produção agrícola municipal 2010.** Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/default.asp?t=5&z=t&o=1&u1=1&u2=1&u3=1&u4=1&u5=1&u6=1&u7=1&u8=1&u9=1&u10=1&u11=3&u12=1&u13=26674&u14=1&u15=1>>. Acesso em: 7 jan. 2011.

IBRE. **Sondagens.** Disponível em: <<http://portalibre.fgv.br>>. Acesso em: 13 jan. 2011.

IEDI. **Produtividade da indústria no terceiro trimestre de 2010.** Disponível em: <<http://www.iedi.gov.br>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

INSTITUTO PARA DESENVOLVIMENTO DO VAREJO. **Varejo deve fechar 2010 com vendas acima da**

expectativa. Disponível em: <<http://www.idv.org.br>>. Acesso em: 20 dez. 2010.

PERNAMBUCO (Estado). **Lula e Eduardo anunciam instalação da nova fábrica da Fiat em Pernambuco.** Disponível em: <www.portaisgoverno.pe.gov.br>. Acesso em: 8 jan. 2011a.

_____. **Pernambuco conquista siderúrgica sonhada há décadas.** Disponível em: <<http://www.portaisgoverno.pe.gov.br>>. Acesso em: 8 jan. 2011b.

PETROBRAS. **Petrobras bate recordes de produção e vendas de asfalto em 2010.** Gerência de Imprensa da Petrobras. Disponível em: <<http://www.petrobras.com.br>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

SERASA EXPERIAN. **Atividade do comércio cresceu 10,3% em 2010.** Disponível em: <<http://www.serasaexperian.com.br>>. Acesso em: 4 jan. 2011.

SINDICATO DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE SÃO PAULO. **Conjuntura da construção**, v. 8, n. 4, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.sindusconsp.com.br>>. Acesso em: 8 jan. 2011.

4 - Emprego e Rendimento

De acordo com a PME - Pesquisa Mensal de Emprego (IBGE, 2011), a taxa de desemprego atingiu 5,7% em novembro de 2010, 1,7 ponto percentual inferior à do mesmo mês de 2009 e a menor da série histórica iniciada em 2002. A região Nordeste segue a tendência nacional, com nítida diminuição do desemprego no segundo semestre de 2010. Entretanto, as regiões metropolitanas nordestinas pesquisadas permanecem com taxas de desocupação acima da média nacional (Gráfico 1).

Já o pessoal ocupado totalizou 22,4 milhões em novembro de 2010 nas seis regiões metropolitanas pesquisadas pelo IBGE (Belo Horizonte, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Porto Alegre), representando elevação de 3,7% no confronto com novembro de 2009 e incremento de 795 mil postos de trabalho.

A população ocupada estimada na região metropolitana de Recife foi de 1.537 mil pessoas (47,3% da população em idade ativa), em novembro de 2010, apresentando incremento de 8,2% na comparação com novembro de 2009 e acréscimo de 127 mil pessoas no mercado de trabalho. Segundo a pesquisa, 56,2% da população ocupada são do sexo masculino, 64,7% estão na faixa etária entre 25 e 49 anos e 59,8% possuem 11 anos ou mais de estudo.

Com relação ao tamanho do empreendimento, 55,3% dos ocupados encontravam-se nos estabelecimentos com 11 ou mais pessoas e 65,4% estavam empregados há pelo menos dois anos. Vale destacar que Recife, com incremento de 9%, foi a região que mais contribuiu para a alta da população ocupada no país.

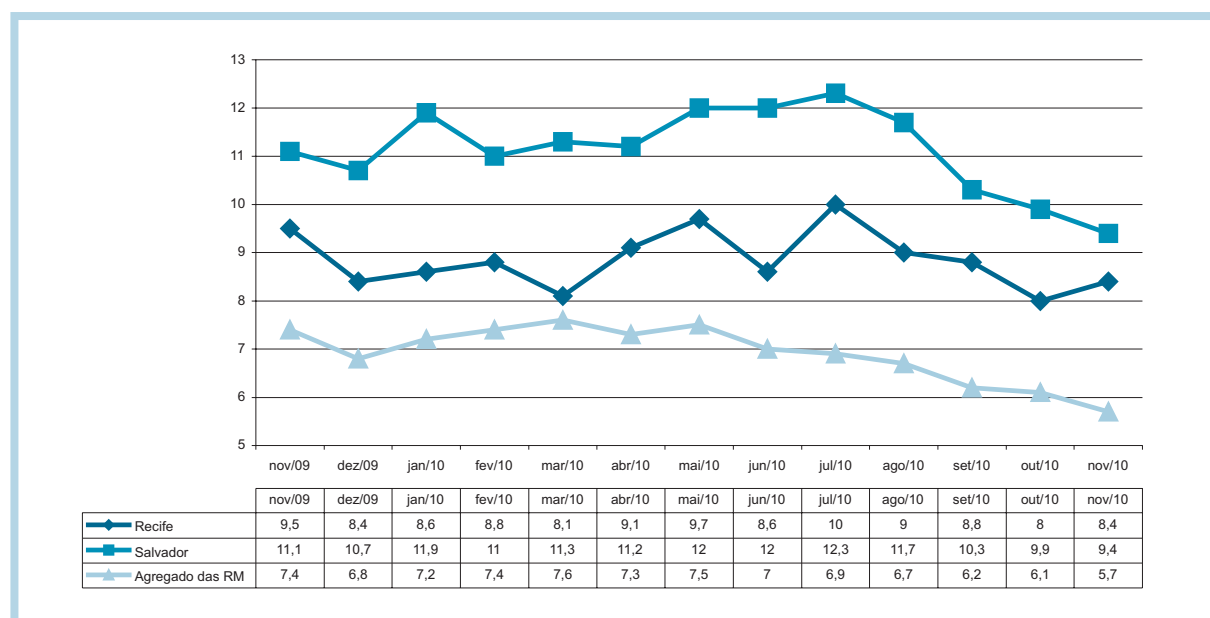


Gráfico 1 – Taxa de Desocupação por Região Metropolitana

Fonte: IBGE, 2011.

Na região metropolitana de Salvador, a população ocupada foi estimada em 1.744 mil pessoas (52,1% da população em idade ativa) em novembro de 2010. O sexo masculino predomina entre os ocupados com 53%, bem como as pessoas com idade entre 25 e 49 anos (66,1%) e com 11 anos ou mais de estudo (61,2%). A PME também revelou que 55,3% dos ocupados trabalhavam em empreendimentos com 11 ou mais pessoas e que 66,6% já estavam empregados há pelo menos dois anos. A região de Salvador registrou a mesma taxa da média das seis regiões metropolitanas investigadas, aumento de 3,7% (Tabela 1).

O setor “comércio, reparação de veículos automotores e de objetos pessoais e domésticos e comércio a varejo de combustíveis” foi o que experimentou o maior número de pessoas ocupadas em novembro de 2010, absorvendo 19% da população ocupada nas áreas metropolitanas pesquisadas. Também foi a atividade mais representativa nas regiões nordestinas: Recife (25,1%) e Salvador (21,1%), conforme mostrado na Tabela 2.

No que se refere às formas de inserção no mercado de trabalho, constata-se que o contingente de trabalhadores com carteira assinada no setor privado respondeu por 46,7% (11,5 milhões) da população ocupada no conjunto das regiões metropolitanas pesquisadas pelo IBGE, maior percentual já alcançado no mês de novembro, desde 2002. Em relação a novembro de 2009, o incremento foi de 4,9%, representando 876 mil postos de trabalho a mais com carteira assinada nesse período. Nas áreas metropolitanas pesquisadas no Nordeste (Recife e Salvador), os trabalhadores com carteira assinada representaram, em ambas, 42,3% da população ocupada.

Na região do Recife, o emprego formal no setor privado cresceu 14,7%, com 106 mil contratações com carteira assinada no período nov.-2010/nov.2009. Já em Salvador, o contingente dos trabalhadores com carteira assinada marcou avanço de 8,6% com a incorporação de 75 mil trabalhadores (Gráfico 2).

Tabela 1 – População Ocupada nas Regiões Metropolitanas de Recife e Salvador (%). Novembro/2010

População Ocupada (%)	Total	Recife	Salvador
Sexo			
Masculino	54,8	56,2	53,0
Feminino	45,2	43,8	47,0
Faixa Etária			
10 a 14 anos	0,2	0,2	0,2
15 a 17 anos	1,4	1,1	1,1
18 a 24 anos	14,5	14,3	12,5
25 a 49 anos	62,2	64,7	66,1
50 anos ou mais	21,7	19,7	20,1
Anos de Estudo			
Sem instrução e menos de 1 ano	1,6	1,8	1,8
1 a 3 anos	3,6	4,0	4,3
4 a 7 anos	14,6	18,0	17,0
8 a 10 anos	17,2	15,7	15,7
11 anos ou mais	60	59,8	61,2
Tamanho do Empreendimento			
1 a 5 pessoas	33,2	38,0	37,8
6 a 10 pessoas	5,8	6,7	6,9
11 ou mais pessoas	61,0	55,3	55,3

Fonte: IBGE, 2011.

Tabela 2 – População Ocupada nas Regiões Metropolitanas de Recife e Salvador (%), segundo Grupamento de Atividades. Novembro 2009/2010

Grupamentos de Atividades	TODAS 6 RMs			RECIFE			SALVADOR		
	% População Ocupada		VAR%	% População Ocupada		VAR%	% População Ocupada		VAR%
	nov/09	nov/10		nov/09	nov/10		nov/09	nov/10	
Ind. extrativa e de transformação e distribuição de eletricidade, gás e água	16,8	16,6	-1,2	10,4	11,3	8,7	9,4	10,4	10,6
Construção	7,5	7,3	-2,7	7,2	7,4	2,8	9,2	9,2	0,0
Comércio, reparação de veículos automotores e de objetos pessoais e domésticos e comércio a varejo de combustíveis	19,1	19,0	-0,5	25,1	25,1	0,0	21,2	21,1	-0,5
Serviços prestados à empresa, aluguéis, intermediação financeira e atividades imobiliárias	15,1	15,2	0,7	12,6	13,3	5,6	14,2	13,8	-2,8
Administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde e serviços sociais	15,9	16,5	3,8	18,2	19,1	4,9	18,9	19,1	1,1
Serviços domésticos	7,6	7,0	-7,9	8,2	6,9	-15,9	8,3	8,3	0,0
Outros Serviços	17,4	17,9	2,9	17,2	16,4	-4,7	18,0	17,5	-2,8

Fonte: IBGE, 2011.

Nota. Foi excluído o grupamento "Outras Atividades".

A expansão significativa do emprego contribuiu para o aumento do rendimento real habitualmente recebido. Nas seis regiões metropolitanas investigadas pelo IBGE, o rendimento alcançou R\$ 1.516,70 em novembro de 2010, com acréscimo de 5,7% em relação ao mesmo mês do ano anterior.

No caso das regiões metropolitanas do Nordeste, Recife exibiu aumento de 24% nessa base de comparação, bem acima das seis regiões pesquisadas. Em relação a outubro de 2010, houve um pequeno recuo de 0,27%, após oito meses de trajetória ascendente entre abril e outubro.

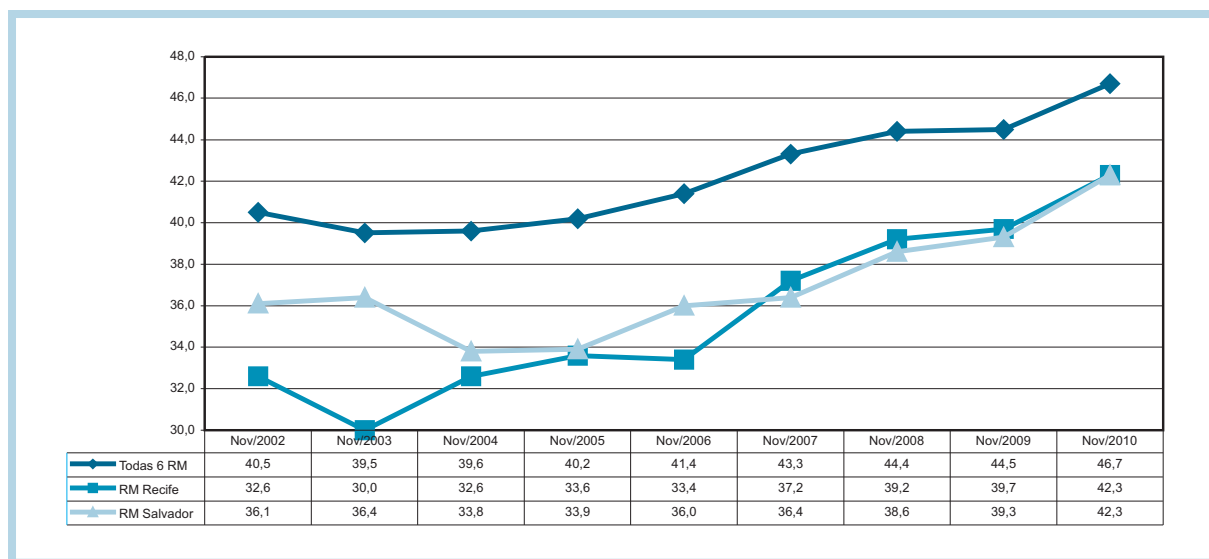


Gráfico 2 – Total das RM's, Recife e Salvador. Empregados com Carteira Assinada no Setor Privado (%). 2002 – 2010 (Agosto)

Fonte: IBGE, 2011.

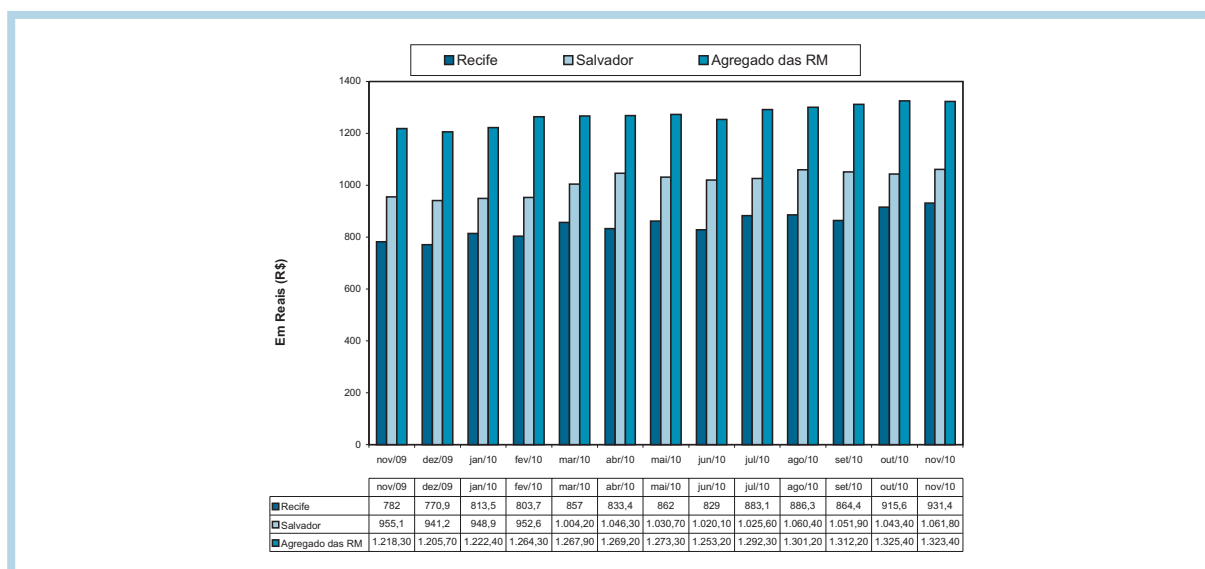


Gráfico 3 – Rendimento Médio Real Habitualmente Recebido pelos Trabalhadores com Carteira Assinada para o Total das Áreas Cobertas pela PME, Recife e Salvador (Nov.09/Nov.10)

Fonte: IBGE, 2011. Elaboração: Equipe BNB-ETENE Conjuntura Econômica.

Para Salvador, também observou-se uma melhoria no rendimento médio habitual de 7,4% no indicador mês/mesmo mês do ano anterior. Em contrapartida, a queda de 3,6 % na comparação com outubro de 2010 interrompeu uma sequência de cinco meses de alta.

Já o rendimento do trabalhador formalizado no setor privado assinala comportamentos semelhantes nas áreas metropolitanas nordestinas. Em Recife, constatou-se incremento de 2% sobre

outubro e aumento de 14,1% no confronto com novembro de 2009. No caso de Salvador, o rendimento dos “com carteira” registrou alta de 0,7% em novembro frente a outubro de 2010 e acréscimo de 7,1% comparativamente a nov./2009. Vale destacar que essas regiões diferenciavam-se da média do total das áreas que apresenta recuo no indicador mês/mês imediatamente anterior e estabilidade no indicador mês/mesmo mês do ano anterior (Gráfico 3).

4.1 - Considerações Adicionais sobre Emprego Formal

As informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – Caged, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), apontam 2010 como sendo o melhor ano da série, superando os dois

milhões e meio de empregos formais. Entre janeiro e novembro, foram geradas 2.544.457 novas vagas, melhor acumulado desde 1992, dos quais 138.247 apenas no mês de novembro¹.

¹ Apesar de ser um saldo bem acima da expectativa de dois milhões de empregos para 2010, a tendência histórica de saldo negativo em dezembro, por conta do fim dos contratos temporários na indústria, levará o saldo final de 2010 para a ordem esperada.

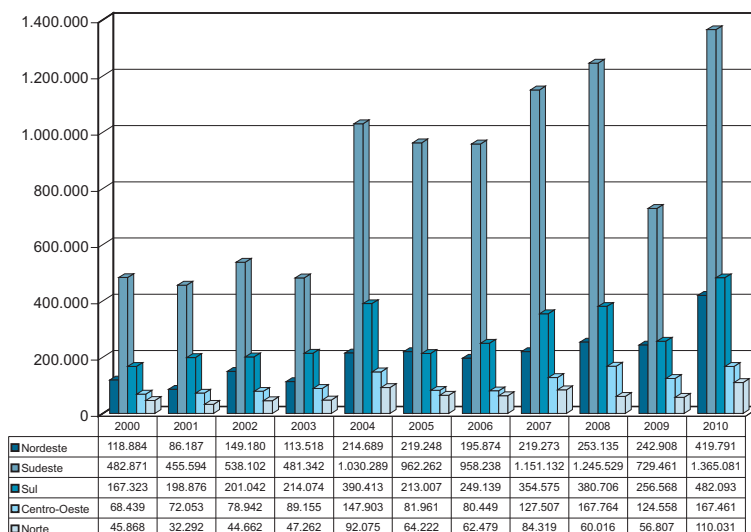


Gráfico 4 – Regiões. Evolução do Saldo de Empregos no Acumulado do Ano – Novembro de 2000 a Novembro de 2010

Fonte: BRASIL, 2011. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

O bom desempenho dos setores de serviços (939.448), indústria de transformação (638.006) e comércio (505.202) foram determinantes para esse saldo recorde de empregos com carteira assinada no Brasil (Gráfico 4).

O Gráfico 5 apresenta informações sobre a evolução mensal do saldo do emprego formal entre 2008 a 2010². Pode-se observar o padrão sazonal ao longo dos meses na comparação entre os anos. Embora 2010 tenha se caracterizado por um de-

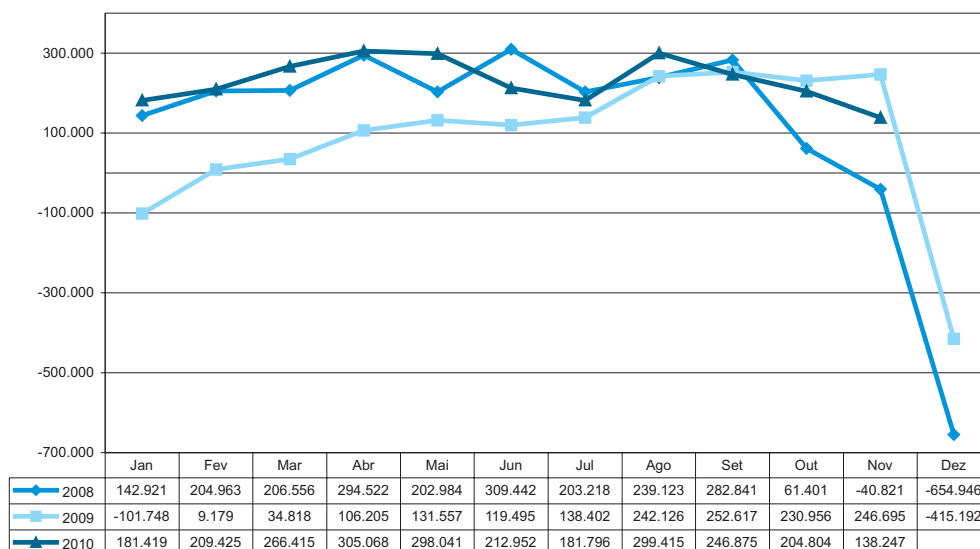


Gráfico 5 – Brasil. Evolução do Emprego Formal Mensal (Saldo) 2008 – 2010

Fonte: BRASIL, 2011. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

2 Até o momento de conclusão desse texto, as informações referentes ao mês de dezembro de 2010 ainda não haviam sido divulgadas pelo MTE.

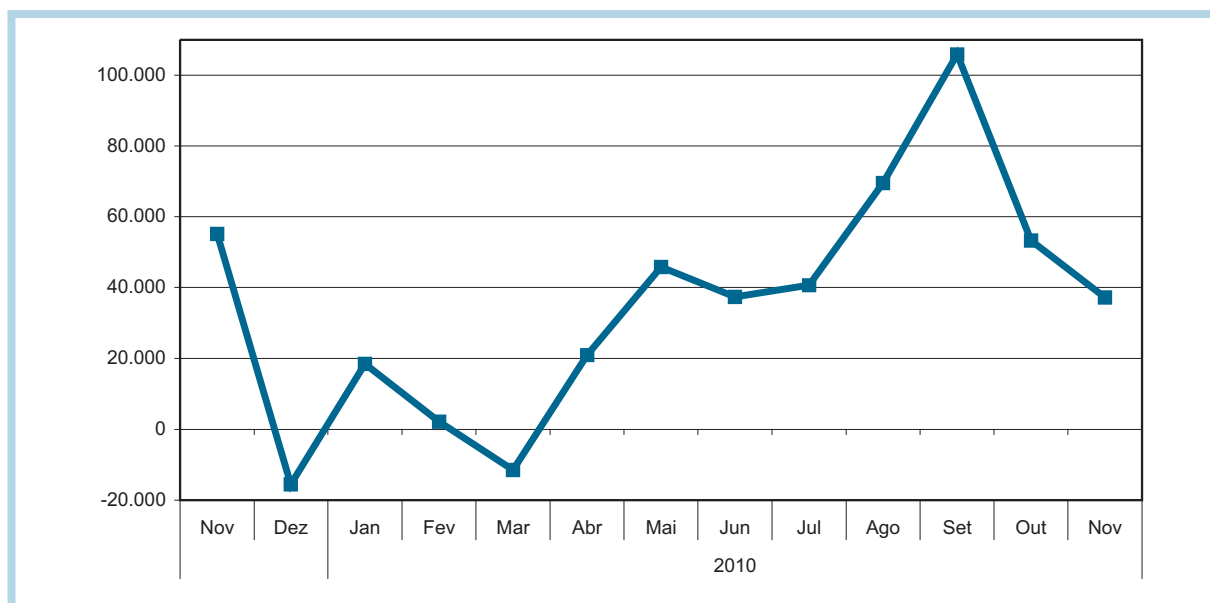


Gráfico 6 – Nordeste – Evolução do Emprego Formal (Mensal). Nov. 09 – Nov. 10 (Saldo)

Fonte: BRASIL, 2011. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

sempenho superior aos demais anos na maioria dos casos, os pontos de inflexão são basicamente os mesmos. O desempenho de 2010 é inferior ao de 2009 apenas nos meses finais por conta do término do período de crise e reaquecimento da economia brasileira (Gráfico 5).

O Nordeste apresentou seu oitavo mês consecutivo de saldo positivo, acompanhando a forte expansão dos empregos formais em âmbito nacional, com 223.134 novos postos de trabalho no acumulado janeiro – novembro. Conforme já observado, o resultado obtido em 2010 vai confirmando a tendência de que esse ano será o mais expressivo na geração de empregos formais tanto na Região quanto no País como um todo.

O Gráfico 6 mostra a tendência mensal na geração de empregos celetistas para a região Nordeste. Percebe-se uma forte expansão a partir de março, obedecendo ao ciclo sazonal da cultura de cana-de-açúcar em Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Essa expansão alcança seu ápice em setembro, devido às contratações realizadas por setores como indústria e comércio já com expectativas para as comemorações de final de ano. A partir de novembro a criação de emprego diminui,

chegando a ficar negativa em dezembro, devido ao término de contratos temporários na indústria, no comércio e no setor de serviços.

Essa sazonalidade sistemática é identificada na análise de anos anteriores. A diferença de 2010 dos demais anos está na geração de novos postos de trabalho, que foi muito acentuada no período como consequência do aquecimento da economia, atingindo seus melhores índices em toda a série do Caged.

A Tabela 3 apresenta o acumulado janeiro – novembro em escala nacional e regional, com discriminação setorial. No total brasileiro, os serviços aparecem como fortes demandantes de mão de obra formal, com 36,9% de todos os empregos gerados no período, seguindo-se a indústria de transformação, com 25,1% e o comércio, com 19,9%. Vale salientar que o comércio assumiu a terceira posição entre os setores, ultrapassando a construção civil, em função da vigorosa demanda por mão de obra no final de ano.

No Nordeste, apenas serviços e construção civil superaram os 100 mil postos de trabalho no saldo anual até novembro. Juntos, esses dois setores

Tabela 3 – Brasil e Regiões. Saldo Acumulado de Empregos Formais – Por Setores – Jan a Nov 2010

	Extrativa Mineral	Ind. de Transformação	S.I.U.P	Const. Civil	Comércio	Serviços	Adm. Pública	Agropecuária	Total
Brasil	16.598	638.006	17.297	333.776	505.202	939.448	27.913	66.217	2.544.457
Nordeste	3.184	67.568	1.950	112.412	80.899	134.405	1.137	18.236	419.791
Norte	3.154	19.513	754	25.136	21.684	35.905	552	3.333	110.031
Sudeste	7.818	346.352	11.520	127.026	264.369	566.133	19.342	22.521	1.365.081
Sul	1203	170.191	2.320	49.577	102.403	141.674	6.556	8169	482.093
Centro-Oeste	1.239	34.382	753	19.625	35.847	61.331	326	13.958	167.461

Fonte: BRASIL, 2011. (*) Serviços Industriais de Utilidade Pública.

responderam por 58,8% do total gerado. Comércio (19,3%) e indústria de transformação (16,1%) também merecem destaque por apresentarem incrementos significativos no Nordeste (Tabela 3).

Entre os estados nordestinos, os destaques no mês de novembro foram Bahia, Ceará e Pernambuco, que representam mais de 60% de todo o saldo do mês de novembro. Na comparação do acumulado anual entre 2009 e 2010, apenas Alagoas teve resultado inferior ao do mesmo período de 2009.

Os estados da Bahia e de Pernambuco absorveram, juntos, 50,4% do saldo de empregos cele-

tistas do Nordeste no período janeiro–novembro de 2010 (Tabela 4).

Entre as atividades do Nordeste, a análise do acumulado do ano revela que dois setores continuam como principais demandantes da mão de obra regional: o de serviços (32,1%), tendo como principais atividades comércio e administração de imóveis (52.472 postos de trabalho) e alojamento e alimentação (34.939 postos); e o da construção civil (26,7%). A justificativa para isso está no potencial turístico e também na sólida atuação do Estado em políticas públicas (Tabela 5).

Tabela 4 – Nordeste: Geração de Empregos Formais por Estado (Saldo) – 2009 e 2010

Estados	Resultado Mensal Novembro		Acumulado no Ano (Jan - Nov)	
	2009	2010	2009	2010
Brasil	246.695	138.247	1.410.302	2.544.457
Nordeste	55.134	37.172	242.908	419.791
Alagoas	2.100	4.134	9.002	6.327
Bahia	13.241	10.681	75.424	108.705
Ceará	12.296	6.850	64.792	73.143
Maranhão	2.730	1.887	-957	34.344
Paraíba	2.871	2.386	14.266	23.916
Pernambuco	11.769	6.001	47840	103.104
Piauí	2.791	478	14.681	20.716
Rio Gde. Do Norte	4.345	2.203	6.499	28.699
Sergipe	2.991	2.552	11.361	20.837

Fonte: BRASIL, 2011.

Tabela 5 – Nordeste. Evolução do Emprego Celetista por Estado – Janeiro a Novembro de 2010 (Saldo)

Estado	Extrativa Mineral	Ind. de Transformação	S.I.U.P*	Const. Civil	Comércio	Serviços	Adm. Pública	Agropecuária	Total
Alagoas	32	-4.800	125	4.572	3.558	3.121	-50	-231	6.327
Bahia	1.528	18.757	440	29.593	16.564	34.225	267	7.331	108.705
Ceará	204	15.264	141	15.764	14.733	27.127	936	-1.026	73.143
Maranhão	261	3.474	32	10.435	8.564	9.164	-49	2.463	34.344
Paraíba	130	6.257	-593	4.485	6.385	6.854	35	363	23.916
Pernambuco	250	16.059	1.354	29.027	15.080	35.311	-140	6.163	103.104
Piauí	-32	1.876	163	7.215	5.961	4.981	4	548	20.716
Rio Gde. do Norte	654	5.813	123	7.146	6.482	7.680	49	752	28.699
Sergipe	157	4.868	165	4.175	3.572	5.942	85	1873	20.837
Nordeste	3.184	67.568	1.950	112.412	80.899	134.405	1.137	18.236	419.791

Fonte: BRASIL, 2011. (*) Serviços Industriais de Utilidade Pública.

REFERÊNCIA

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Caged**. Disponível em: <<http://www.caged.gov.br>>. Acesso em: 4 jan. 2011.

IBGE. **Pesquisa mensal de emprego** (nov. 10). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 5 jan. 2011.

5 - Setor Externo

Dados preliminares do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) revelam que em 2010 as exportações brasileiras atingiram o cifra recorde de US\$ 201.916 milhões, cifra 32% acima do montante obtido em 2009. Ressalte-se que 2009 foi um ano atípico na última década, fortemente influenciado pela crise econômica internacional, como já salientado em edições anteriores desta publicação. A comparação com o ano 2008 demonstra que em 2009 as vendas internacionais do Brasil cresceram apenas 2%.

No que concerne às importações, os valores totalizaram US\$ 181.638 milhões, expansão de 42% em comparação com 2009. As importações

foram favorecidas pela apreciação da moeda nacional e pelo aquecimento da economia brasileira.

Dessa forma, o saldo da balança comercial brasileira foi superavitário, alcançando, em 2010, US\$ 20.278 milhões.

A análise dos dados de exportação, considerando informações de índices *quantum* e preço, revela que, entre janeiro e outubro de 2010¹, comparativamente a igual período de 2009, houve expressivo crescimento dos preços dos produtos brasileiros no exterior. De fato, consoante dados da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior - FUNCEX (2011), no acumulado do

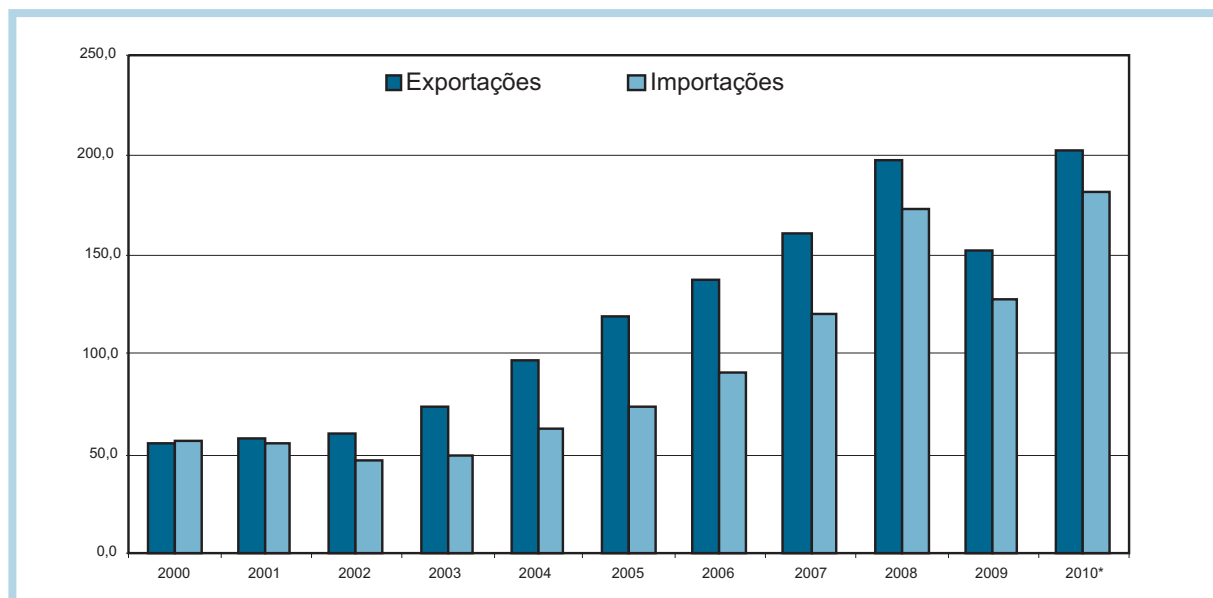


Gráfico 1 – Brasil. Exportações e Importações 2000 a 2010 – US\$ Bilhões FOB

Fonte: BRASIL, 2011a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica. (*) Dados Preliminares.

1 Os dados de índices *quantum* e preço das exportações e importações somente estão disponíveis para o período janeiro a outubro de 2010.

ano até outubro houve expansão de 23,3 % nos preços das exportações. Esse aumento foi mais expressivo nos produtos básicos (27,6%) e nos semimanufaturados (31,6%). Essas duas classes de produtos foram influenciadas pelo comportamento da economia chinesa, onde se constatou incremento de demanda.

O Índice de Commodities² Brasil (IC-Br), que inclui mercadorias dos segmentos agropecuária, metal e energia, registrou avanço de 35,4% entre dezembro de 2009 e dezembro de 2010. A expansão dos preços das *commodities* no mercado internacional se refletiu na aceleração da inflação brasileira, com o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) atingindo 5,9% em 2010.

Já a evolução das quantidades exportadas foi bem menos significativa – cerca de 8% no acumulado de janeiro a outubro de 2010.

Do lado da importação, constata-se que o crescimento recebeu maior influência da eleva-

ção do *quantum* importado nos dez meses iniciais de 2010 (40,3%), devido ao baixo incremento de preços (2,4%).

No que se refere aos dados regionais e estaduais, estão disponíveis valores desagregados para janeiro a novembro de 2010. Dessa forma, o exame do comércio exterior da economia nordestina dar-se-á para esses onze meses.

Entre janeiro e novembro de 2010, o Nordeste exportou US\$ 14.300 milhões e importou US\$ 15.921 milhões, o que resultou em déficit de US\$ 1.621 milhões na balança comercial. Assim, a Região retoma a tendência ao déficit comercial apresentada em 2008, conforme se visualiza no Gráfico 2.

O exame dos produtos exportados pelo Nordeste entre janeiro e novembro de 2010 sinaliza a permanência dos mesmos capítulos como os mais representativos na pauta dos últimos cinco anos. Contudo, observam-se alterações na participação

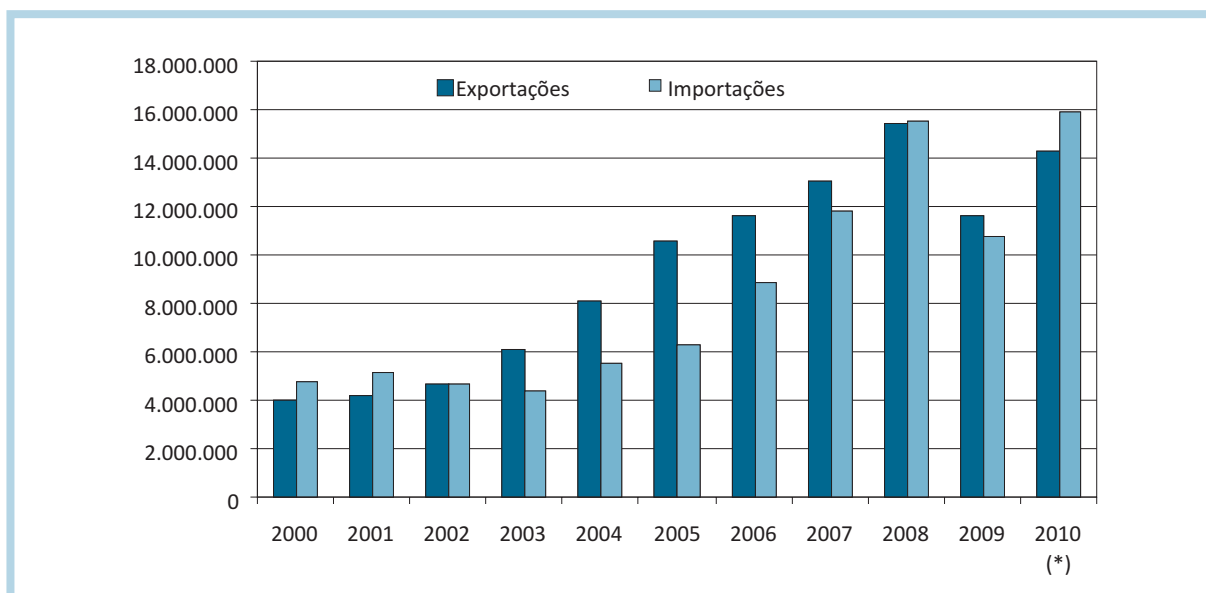


Gráfico 2 – Nordeste. Exportações e Importações 2000 a 2010 – US\$ Mil FOB

Fonte: BRASIL, 2011a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

(*) Refere-se ao período de Janeiro a Novembro de 2010.

2 A literatura caracteriza como *commodities* as mercadorias, em geral homogêneas, cuja oferta e demanda são praticamente inelásticas no curto prazo e cujas transações são efetuadas nas principais bolsas de mercadoria internacionais (Londres, Nova Iorque, Chicago etc.) ou são realizadas com base nas cotações vigentes nesses mercados.

de cada capítulo ao longo do ano, se comparado com a situação mostrada em edições anteriores desta publicação.

Ressalte-se o acréscimo expressivo da receita de minérios, escórias e cinza (1.356%), produtos químicos inorgânicos (178%), combustíveis, óleos e ceras minerais (80%) e produtos químicos orgânicos (52%), comparativamente a idêntico período de 2009 (Gráfico 3).

A pauta de exportações foi coerente com o indicador de produção industrial da Região. No acumulado até novembro, o indicador avançou 9,6%, com resultados positivos em todos os segmentos industriais, destacando-se alimentos e bebidas (9,3%), refino de petróleo e produção de álcool (19%), metalurgia básica (15,5%) e produtos químicos (4,3%) (IBGE, 2011).

Para 2011, ainda há a perspectiva de ampliação da receita de minérios de ferro, pois as estimativas de demanda mundial por ferro apontam para um déficit de 90 milhões de toneladas nos próximos três anos (INFORMAÇÕES...., 2011).

Esse déficit levou o banco de investimentos *Credit Suisse* a divulgar previsão de aumento de 21% nos preços do minério em 2011, devendo o valor médio chegar a US\$ 178 por tonelada (TONELADA....., 2011)

As exportações do Nordeste em 2010 tiveram os mais diversos destinos, destacando-se os seguintes compradores: União Europeia (com participação de 26,6%), Ásia, exclusive Oriente Médio (23%), Estados Unidos, inclusive Porto Rico (15,9%), Mercosul (10,2%) e Aladi, exclusive Mercosul (7,2%).

No caso de países isolados, destacaram-se como principais compradores dos produtos nordestinos no exterior os EUA (15,8%), China (11,7%), Argentina (9,3%), Holanda (6,2%) e Japão (4,1%).

Do total exportado pelo Nordeste, 95,5% foram distribuídos entre cinco estados: Bahia (56,5%), Maranhão (18,6%), Ceará (7,9%), Pernambuco (6,9%) e Alagoas (5,6%).

As vendas externas de Alagoas entre janeiro e novembro de 2010 totalizaram US\$ 804,8 mi-

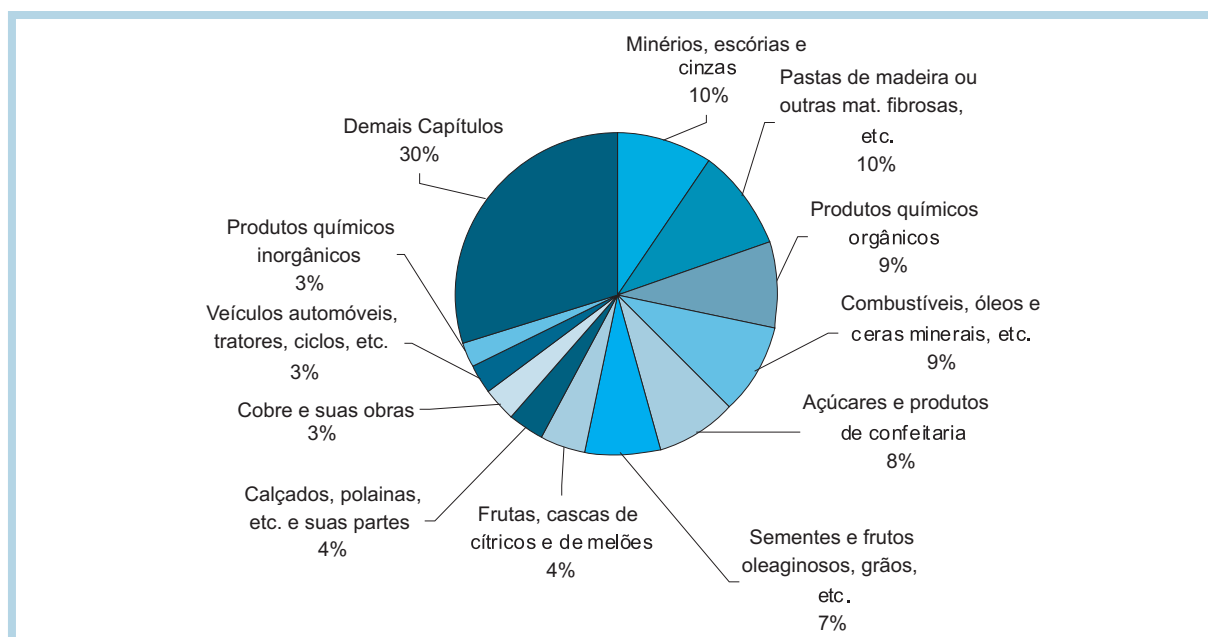


Gráfico 3 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações do Nordeste – Janeiro/Novembro de 2010

Fonte: BRASIL, 2011a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

lhões, com aumento de 22,5% na comparação com o acumulado em idêntico período de 2009. Esse desempenho deveu-se, principalmente, à ampliação de 53% das vendas de açúcar de cana, em bruto. O crescimento da receita com açúcar do Estado é reflexo da maior demanda pelo açúcar brasileiro, provocada por problemas com a produção em países como Tailândia, Índia e Rússia (EXPORTAÇÃO..., 2011).

Entre janeiro e novembro de 2010, a Bahia exportou US\$ 8.078 milhões. Na comparação com idêntico período de 2009, cinco capítulos experimentaram aumentos expressivos na receita, assim distribuídos: combustíveis, óleos e ceras minerais etc. (78,9%), produtos químicos orgânicos (50,9%), pastas de madeira ou outras matérias fibrosas etc. (33,3%), pérolas, pedras preciosas etc. e suas obras, moedas (31,3%) e veículos automóveis, tratores, ciclos etc. (27,6%).

No capítulo produtos químicos orgânicos destacaram-se propeno não saturado (US\$ 187 milhões), benzeno (US\$ 177 milhões) e p-xileno (US\$ 150 milhões).

Ressalte-se o bom desempenho do capítulo pastas de madeira ou outras matérias fibrosas etc., cujo principal produto é a pasta química de madeira a soda/sulfato semi/branqueada.

A pasta química de madeira é obtida pela redução da lascas, partículas, plaquetas, etc., tratadas em seguida com produtos químicos, de maneira que a maior parte da lignina e dos outros produtos não celulósicos é eliminada.

As pastas à soda ou ao sulfato são obtidas por cozimento da madeira, geralmente em pequenos pedaços, em soluções fortemente alcalinas. No caso da pasta à soda, o licor de cozimento é uma solução de soda cáustica (hidróxido de sódio); no caso da pasta ao sulfato, trata-se de uma solução de soda cáustica modificada. As pastas obtidas por meio dos dois processos referidos são empregadas na fabricação de produtos absorventes (matérias de enchimento (estofamento), fraldas para bebês) e de papéis e cartões com grande resistência ao rasgamento, à tração e à ruptura (CLASSIFICAÇÃO.....,2011)

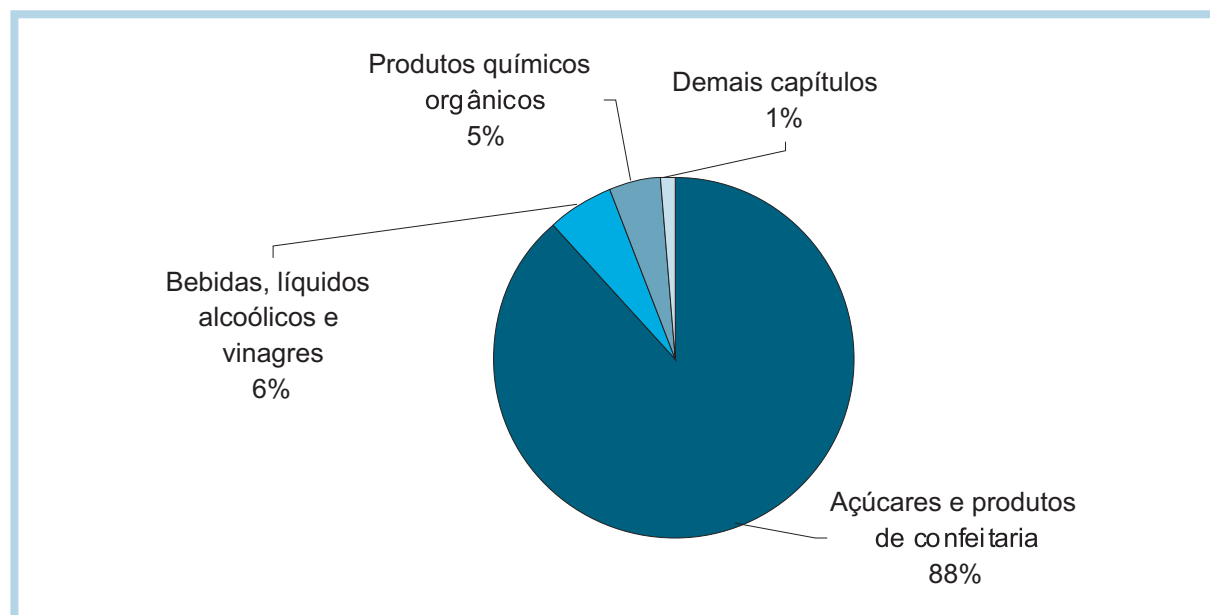


Gráfico 4 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações de Alagoas – Janeiro/Novembro de 2010

Fonte: BRASIL, 2011a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

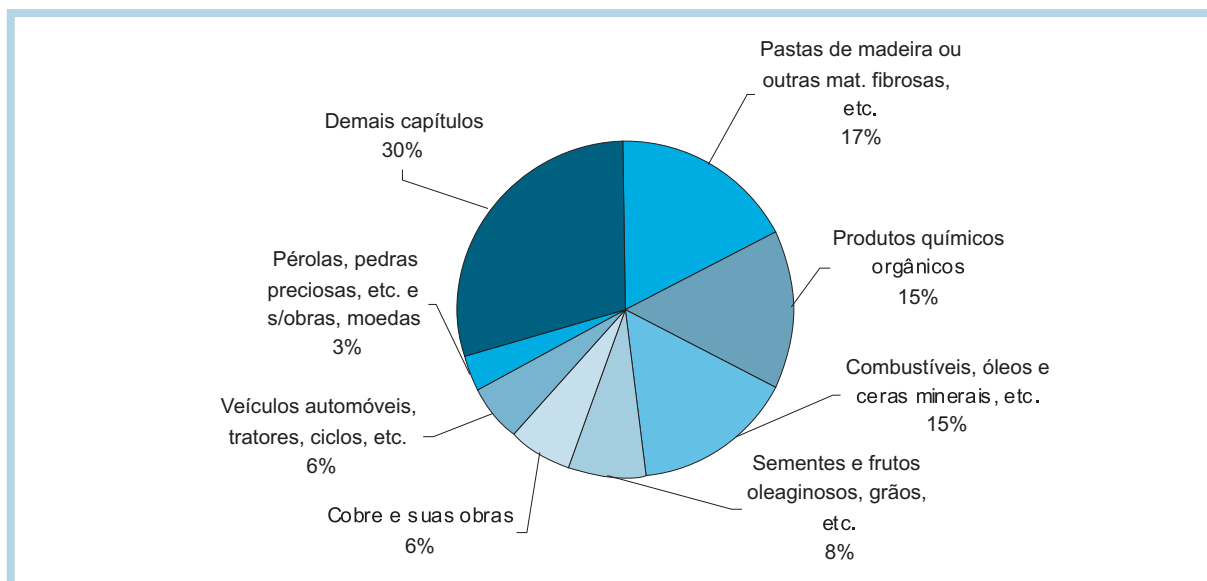


Gráfico 5 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações da Bahia – Janeiro/Novembro de 2010

Fonte: BRASIL, 2011a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Com relação ao citado capítulo, duas empresas foram responsáveis pela quase totalidade exportada no período em análise: a Bahia Sul Celulose (US\$ 828 milhões) e a Bahia Sul Specialty S. A. (US\$ 290 milhões), terceira e sétima maiores exportadoras do Estado, respectivamente.

A exportação de insumos industriais correspondeu a mais da metade da pauta baiana em 2010

(58%), enquanto as vendas externas de veículos automóveis, tratores e ciclos etc., foram bastante prejudicadas pela crise internacional em 2009, limitando-se a US\$ 455 milhões no período em análise.

No acumulado do ano até novembro, o Ceará obteve receitas de exportação de US\$ 1.137 milhões. Os capítulos peixes e crustáceos, moluscos etc. (47,4%), peles exceto peleteria e

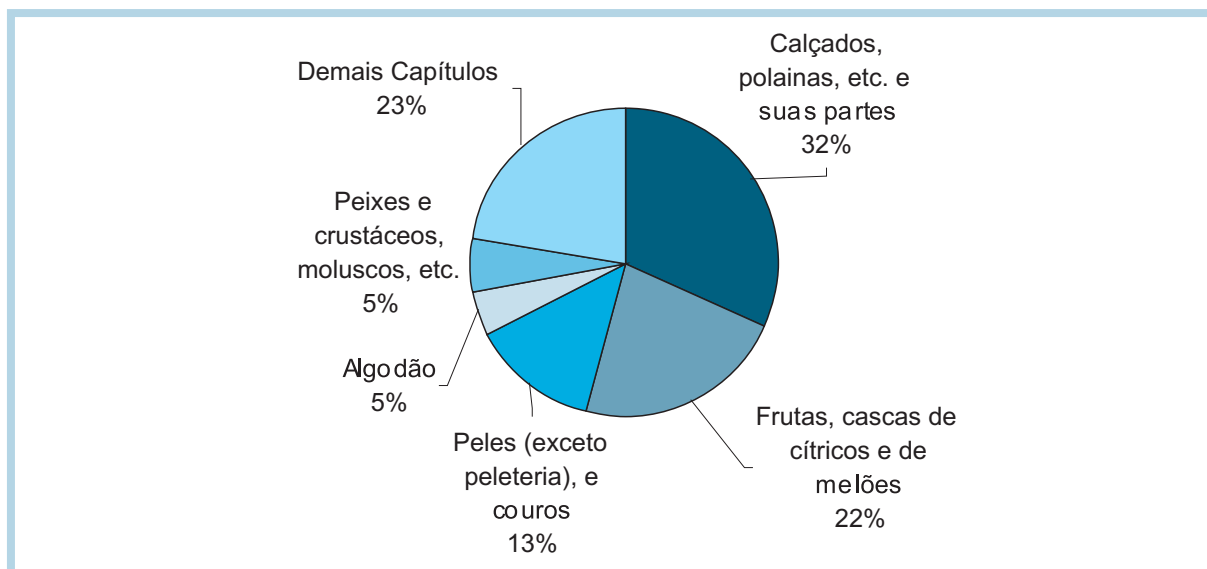


Gráfico 6 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações da Ceará – Janeiro/Novembro de 2010

Fonte: BRASIL, 2011a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

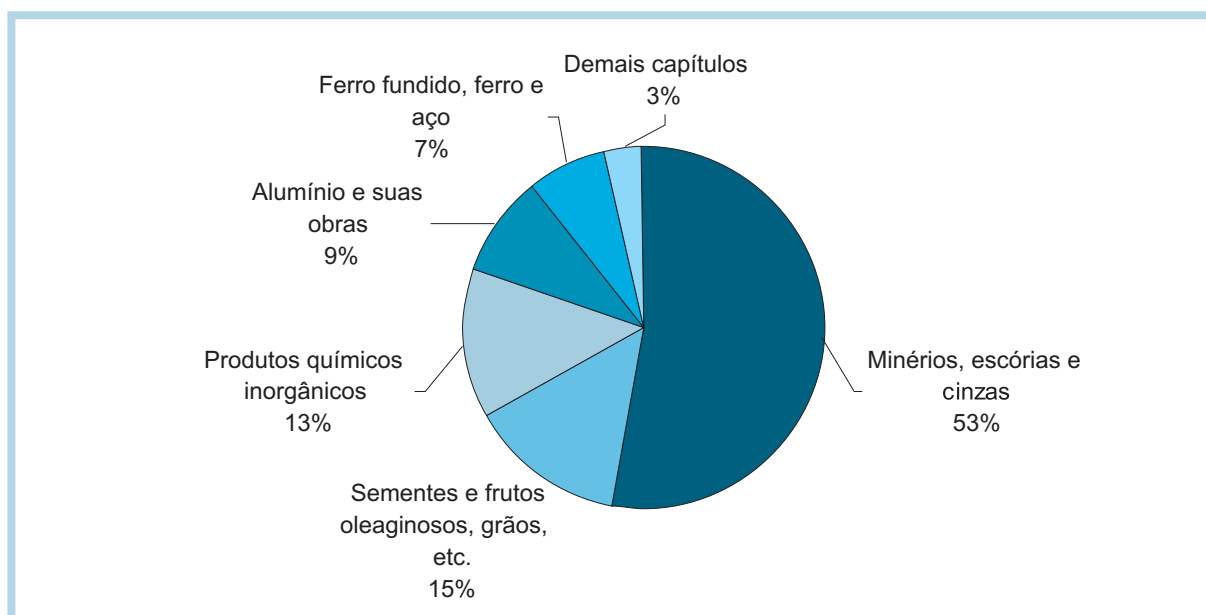


Gráfico 7 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações do Maranhão – Janeiro/Novembro de 2010

Fonte: BRASIL, 2011a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

couros (40,2%), calçados, polainas etc. e suas partes (34,6%) e algodão (20,9%) registraram os maiores incrementos em comparação com idêntico período de 2009.

No capítulo peixes, crustáceos, moluscos etc. destacou-se a exportação de lagostas congeladas, que, na prática, representa a exportação da cauda do crustáceo. Espera-se tornar realidade, em larga escala, o transporte do animal vivo em tanques até as unidades industriais. Caso a medida venha a ser viabilizada, haverá significativa expansão das quantidades exportadas, já que cada quilo de cauda equivale a três quilos de lagosta viva (LAGOSTA.....,2011)

No tocante às exportações de calçados, saliente-se que, segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), o Ceará se tornou, em 2010, o maior exportador brasileiro do produto em termos de quantidade e o segundo maior em receitas. O Ceará é superado apenas pelo Rio Grande do Sul, onde a indústria calçadista se concentra em produtos de couro, enquanto a cearense se especializou em material sintético e injetado, de menor valor agregado.

O Maranhão assinalou o maior índice de crescimento nas vendas externas do Nordeste, no comparativo do período de janeiro a novembro de 2010 com idêntico intervalo de 2009 (127,2%). Com efeito, enquanto no acumulado até novembro de 2009 o Estado vendeu US\$ 1.173,4 milhões, em 2010 as vendas externas totalizaram US\$ 2.665,9 milhões. Dois fatores contribuíram para o incremento das receitas maranhenses com exportação: a inclusão do produto minério de ferro não aglomerado no capítulo minérios, escórias e cinzas e o aumento de 144,3% das vendas externas para a China, na comparação com 2009.

Na Paraíba, as vendas externas no acumulado janeiro-novembro de 2010 alcançaram US\$ 190,4 milhões, dos quais US\$ 65,2 milhões e US\$ 61 milhões foram exportados pelas empresas São Paulo Alpargatas e Coteminas, respectivamente. Juntas, as duas companhias detêm praticamente a totalidade das vendas dos capítulos calçados, polainas, etc. e suas partes e outros artefatos têxteis confeccionados, etc.

Nesse período, mereceu destaque o aumento da participação do capítulo açúcares e produtos

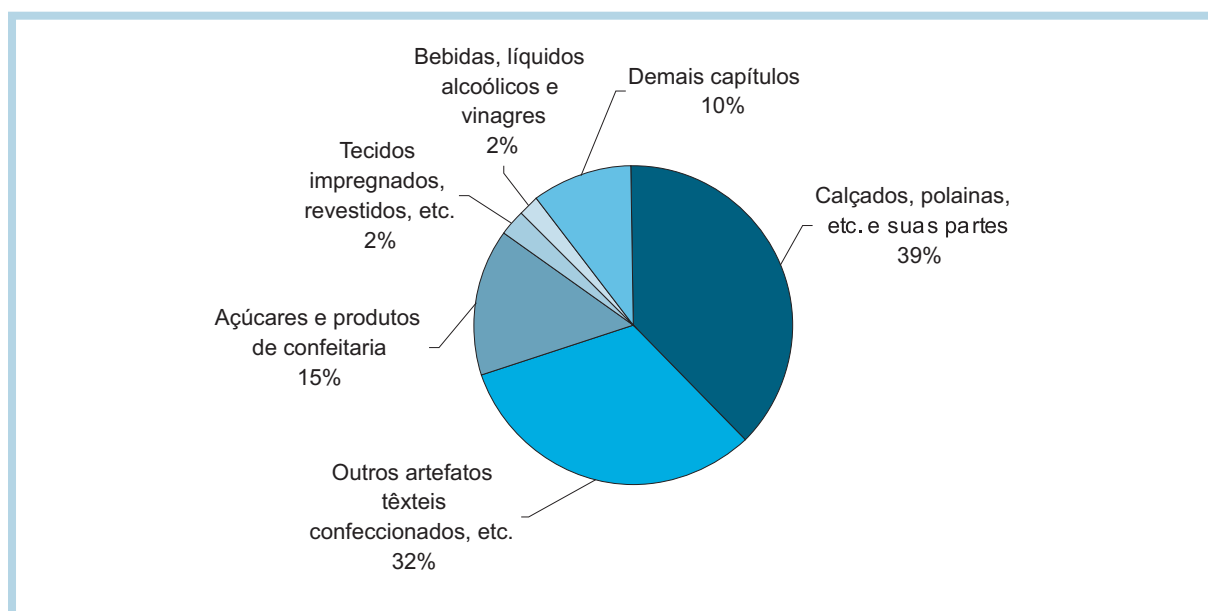


Gráfico 8 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações do Paraíba – Janeiro/Novembro de 2010

Fonte: BRASIL, 2011a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

de confeitaria, com avanço de 190,7% em relação a idêntico intervalo do ano anterior. Referido desempenho teve como principal responsável o grande demanda por açúcar em bruto (151,6%), terceiro principal produto exportado pela Paraíba, com participação de 13,4% no valor total.

Em Pernambuco, as exportações somaram US\$ 985 milhões entre janeiro e novembro de 2010. Os capítulos que apresentaram maior evolução em termos de valores foram: borracha e suas obras (91,8%), máquinas, aparelhos e materiais elétricos etc. (73,9%), açúcares e produtos de confeitaria (55,7%) e frutas, cascas de cítricos e melões (39,4%).

O capítulo borracha e suas obras abrangeu US\$ 38 milhões de borracha de butadieno (br), utilizada em piso de pneus, solas, correias transportadoras e de transmissão, revestimento de rolos, afora outras aplicações.

Dentro do capítulo máquinas, aparelhos e materiais elétricos destacaram-se os grupos eletrogeradores de energia eólica, com exportações de US\$ 20 milhões.

No capítulo frutas, cascas de cítricos e melões as maiores vendas provieram de uvas frescas (US\$ 92 milhões) e mangas frescas ou secas (US\$ 33 milhões).

Para os anos vindouros antecipa-se diversificação ainda maior da pauta de exportações de Pernambuco. Até 2014, o Estado deverá receber três bilhões de reais em investimentos para a fábrica de automóveis da Fiat em Jaboatão dos Guararapes, com produção direcionada para os mercados interno e latino-americano.

Já o Polo Petroquímico de Suape, também em Pernambuco, irá produzir 700 mil toneladas de ácido tereftálico (PTA), por ano, principal matéria-prima para fabricar fios de poliéster, embalagens pet, filmes e outros elementos industriais a partir de 2011. Será a chance do Brasil passar da condição de importador para a de exportador de fio de poliéster cru (POY).

No Piauí, o valor exportado entre janeiro e novembro de 2010 (US\$ 123 milhões) foi 23,2% inferior ao obtido em idêntico período de 2009, resultado da perda de receitas nos capítulos se-

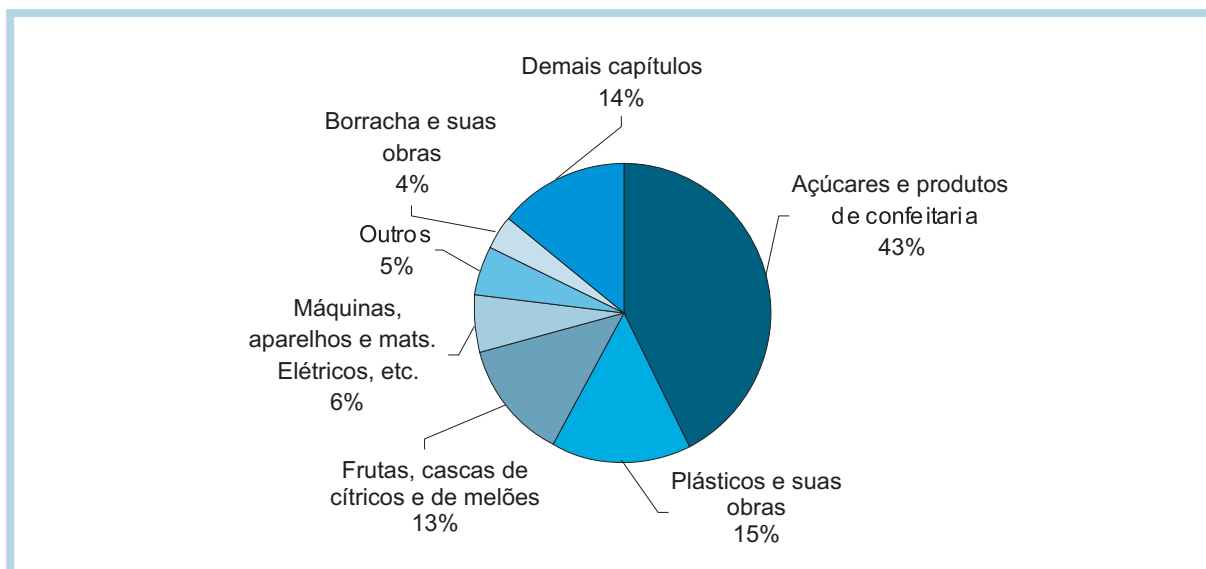


Gráfico 9 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações do Pernambuco – Janeiro/Novembro de 2010

Fonte: BRASIL, 2011a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

mentos e frutos oleaginosos, grãos etc. e resíduos e desperdícios das indústrias alimentares etc.

Vale ressaltar que o decréscimo na exportação de outros grãos de soja do Piauí (30%), principal item da pauta estadual, pode ser reflexo da desaceleração do preço do produto no mercado internacional no primeiro semestre (PREÇO....., 2011).

No comparativo entre o acumulado de janeiro-novembro de 2010 e o de idêntico período de 2009, as vendas externas do Rio Grande do Norte cresceram apenas 6,8%. Esse fraco desempenho deve-se à queda de 25% nas exportações do capítulo peixes e crustáceos, moluscos etc. que observou decréscimo de 58,7% na quantidade de camarões inteiros congelados, resultante do fe-

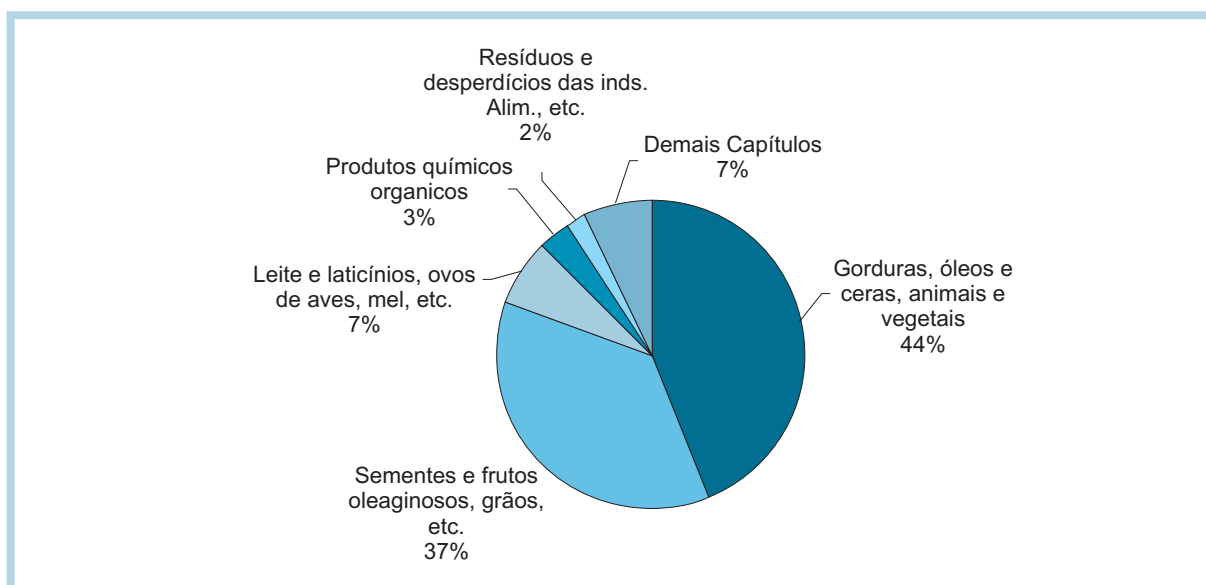


Gráfico 10 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações do Piauí – Janeiro/Novembro de 2010

Fonte: BRASIL, 2011a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

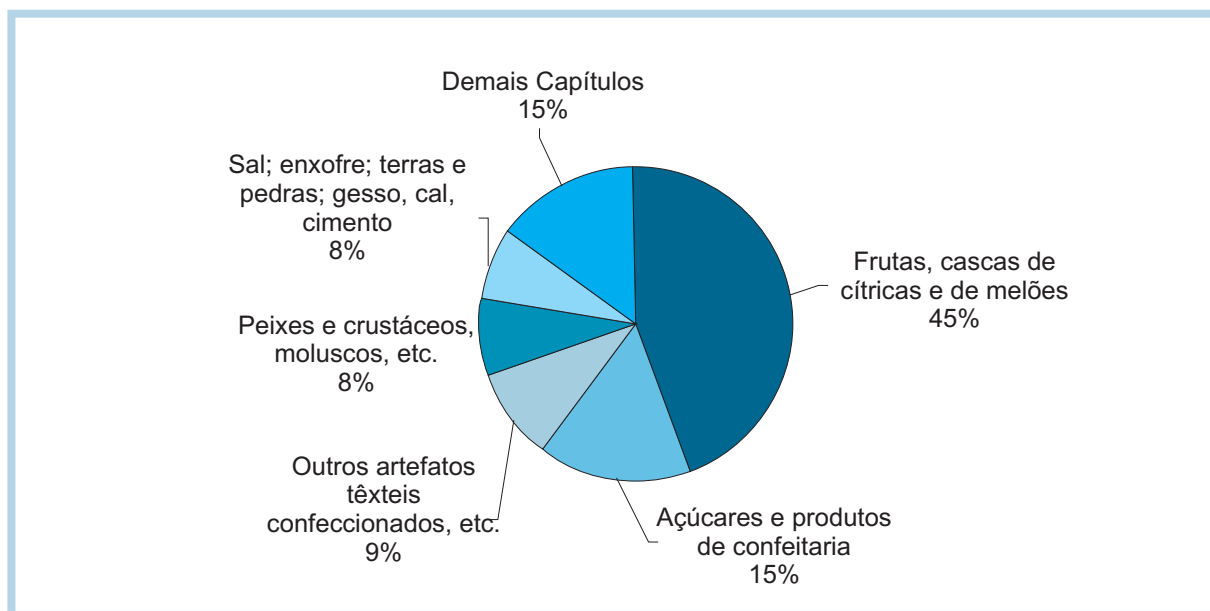


Gráfico 11 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações do Rio Grande do Norte – Janeiro/Novembro de 2010

Fonte: BRASIL, 2011a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

chamento de algumas empresas e das enchentes registradas em 2008/2009. Essa situação acarretou ao Rio Grande do Norte a perda, para o Ceará, do posto de maior produtor de camarão do País (RN....., 2011).

A pauta de Sergipe manteve-se concentrada em dois produtos: sucos de laranja e outros calçados de plásticos, que, somados correspondem a 62,9% das exportações do Estado. No acumulado até novembro de 2010, as receitas de exportação de Sergipe (US\$ 66,3 milhões) aumentaram 20,5% em relação a idêntico período de 2009, com destaque para o capítulo calçados, polainas etc., cujas vendas tiveram expansão de 132,6%.

Sergipe também foi beneficiado com a elevação da demanda pelo açúcar brasileiro. Tanto que, no período anterior, o item açúcar em bruto não aparecia entre os principais produtos exportados pelo Estado. Agora, passou a ocupar a quarta posição da pauta estadual.

As importações do Nordeste concentraram-se em bens intermediários (39,6%), combustíveis e lubrificantes (32,6%) e bens de capital (17,9%).

Os bens de consumo foram responsáveis por 9,9% da pauta de importação da Região. Cinco empresas, juntas, participaram com quase metade do valor das importações nordestinas: Petrobras (28,6%), Ford Motor Company Brasil Ltda. (7,4%), Paranapanema S/A (5,6%), Braskem (4,4%) e M & G Polímeros Brasil S. A. (2,6%).

Os principais países de origem das importações apresentaram expressivos incrementos nos valores de 2010, na comparação com os de 2009, como se pode constatar na Tabela 1.

O comportamento da balança comercial nordestina vem sendo afetado pelo câmbio e pela crise econômica internacional.

Sobre a questão cambial, observa-se que a taxa média anual efetiva real de câmbio apresentou trajetória de apreciação do real de 2001 a 2007. Em 2008 e 2009 essa variável apresentou ligeira depreciação, devido ao cenário internacional, e a partir do final de 2009 constata-se valorização da moeda nacional. Os bancos que representam o mercado secundário de moeda estrangeira finalizaram o ano 2010 com posição vendida de divisas

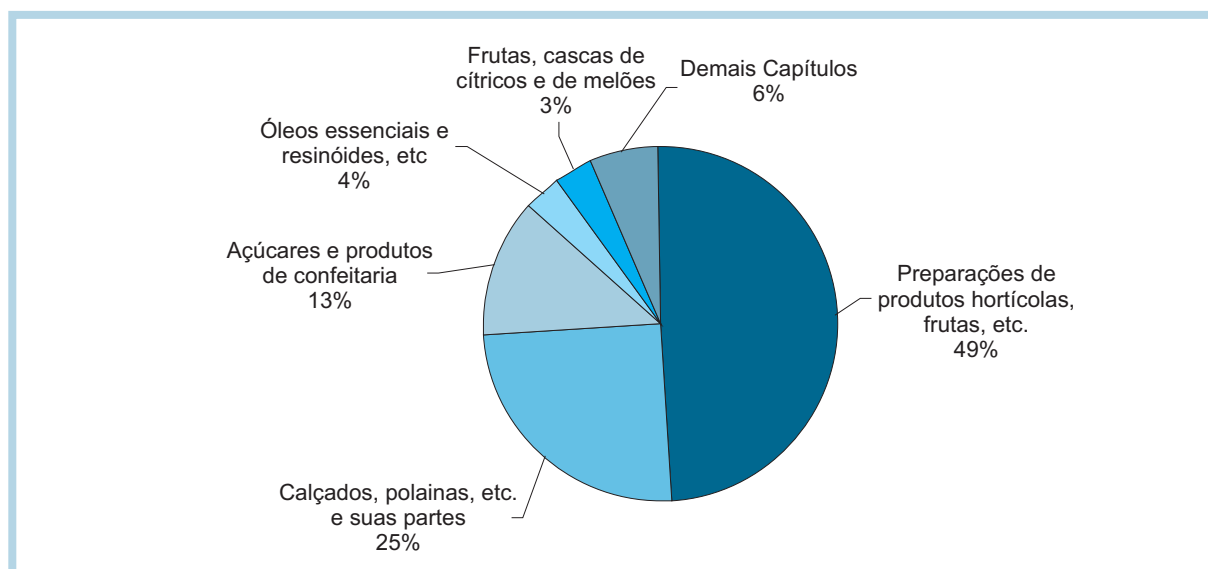


Gráfico 12 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações do Sergipe – Janeiro/Novembro de 2010

Fonte: BRASIL, 2011a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

(US\$ 16,8 bilhões), sinalizando uma aposta na permanência da valorização do real.

Em 6 de janeiro de 2011, a autoridade monetária divulgou a Circular 3.520 (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2011a), cuja ideia central é a redu-

ção da volatilidade cambial, ao estabelecer que as instituições financeiras com posições diárias vendidas líquidas superiores a US\$ 3 bilhões ou aos seus respectivos patrimônios de referência (o menor desses valores) devem recolher 60% desse excedente, a título de depósito compulsório.

Tabela 1 – Nordeste – Principais Países de Origem das Importações (Janeiro a Novembro de 2010/2009)

Países	2010 (janeiro a novembro)		2009 (janeiro a novembro)		Taxa de crescimento 2010/2009
	US\$ FOB	Participação (%)	US\$ FOB	Participação (%)	
Estados Unidos	2.737.114.901	17,19	1.075.061.459	10,99	154,6
Argentina	1.690.071.252	10,62	1.203.598.982	12,3	40,42
China	1.562.240.686	9,81	942.186.220	9,63	65,81
Chile	854.346.834	5,37	628.404.163	6,42	35,95
Argélia	836.170.340	5,25	445.956.012	4,56	87,5
Índia	832.402.340	5,23	573.388.941	5,86	45,17
Coreia do Sul	813.052.229	5,11	338.776.634	3,46	140
México	551.586.882	3,46	502.568.118	5,14	9,75
Alemanha	503.682.616	3,16	296.398.333	3,03	69,93
Itália	350.437.431	2,2	113.083.341	1,16	209,89

Fonte: BRASIL, 2011b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Considerando o fato de o depósito compulsório não assegurar remuneração, a medida estimula a redução das posições vendidas, a partir de 4 de abril, data em que a circular passará a produzir efeitos.

O diretor de política monetária do Banco Central, Aldo Luís Mendes, antecipa que o mercado primário deve gerar os dólares necessários para adequar as posições do mercado secundário para US\$ 10 bilhões vendidos, até abril de 2011.

Essa medida, isoladamente, além de apresentar caráter prudencial, minimizando alterações de curto prazo nas taxas cambiais, pode afetar a taxa cambial no sentido de reduzir a valorização da moeda nacional.

Ressalte-se que essa não é a primeira medida tomada pelo governo, no último trimestre, com possíveis efeitos sobre a valorização do real. Em outubro de 2010, um novo aumento do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) para investidores estrangeiros que aplicam em renda fixa foi anunciado pelo Ministro da Fazenda, Guido Mantega. Essa era uma tentativa de reduzir o fluxo de capitais de curto prazo.

Contudo, a política monetária frouxa norte-americana, de desvalorização competitiva do dólar, tem acentuado a valorização do real e de outras moedas. Assim, pelo menos 13 países,

além do Brasil, vêm tomando medidas para conter a apreciação de suas moedas. A lista inclui Chile, Peru, Colômbia, Tailândia, Cingapura, Taiwan, Hong Kong, Coreia do Sul, Indonésia, Malásia, Japão, Turquia e Suíça (CARNEIRO ...2011)

A maior parte dos países tem acumulado reservas ao comprar dólares no mercado à vista. As reservas brasileiras já ultrapassam o patamar de US\$ 285 bilhões.

No caso do Brasil, há ainda a possibilidade de intervenção nos mercados de derivativos, por meio do Fundo Soberano do Brasil (LIMA, 2011). A realização de *swaps* reversas equivaleria à compra de moeda estrangeira no mercado futuro, e desvalorizaria a moeda nacional.

Com relação às perspectivas para a taxa de câmbio em 2011, o Relatório Focus, edição de 7 de janeiro de 2011, portanto, com dados coletados antes da emissão da Circular 3.520, apontava para taxa cambial de R\$ 1,75/US\$ no final de 2011.

Os primeiros relatórios Focus de janeiro de 2009 e janeiro de 2010 registraram para o final de 2009 e de 2010 previsões respectivas de R\$ 1,83/US\$ e R\$ 1,75/US\$ (BANCO CENTRAL, 2011b).

Levando-se em conta as medidas recentes, espera-se que seja contida a contínua valorização da moeda nacional e que este ano se encerre com o dólar cotado ao preço de R\$ 1,80.

REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Medidas sobem o câmbio**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 12 jan. 2011a.

_____. **Relatório focus de janeiro de 2009, janeiro de 2010 e janeiro de 2011**. Disponível em: <<http://www4.bcb.gov.br/pec/GCI/>

>. Acesso em: 12 jan. 2011b.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Aliceweb**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.aliceweb.gov.br>>. Acesso em: 3 jan. 2011a.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Aliceweb**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.aliceweb.gov.br>>. Acesso em: 7 jan. 2011b.

CARNEIRO, Lucianne. Moedas - em 14 países, ações contra dólar baixo. **Global 21**. Disponível em: <http://www.global21.com.br/materias/materia.asp?cod=32094&tipo=noticia>. Acesso em: 12 jan. 2011.

CLASSIFICAÇÃO de Mercadorias. 12 nov. 2010. Disponível em: <<http://classificacaodemercadoria.blogspot.com/2010/11/classificacao-na-ncm-das-pastas-de.html>>. Acesso em: 12 jan. 2011.

EXPORTAÇÃO de açúcar impulsiona movimentação recorde em Santos. **Rural Centro**, 07 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.ruralcentro.com.br/noticias/31213/exportacao-de-acucar-impulsiona-movimentacao-recorde-em-santos>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

FUNCEX. **Boletim de Comércio Exterior**. Disponível em: <<http://www.funcef.com.br>>. Acesso em: 12 jan. 2011.

IBGE. **Pesquisa industrial mensal**: produção física. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/pim-pfregional/pim-pf-regional_201011caderno.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2011.

INFORMAÇÕES e análises da economia mineral brasileira.- ferro, 5. ed., Disponível em: <[http://](http://www.ibram.org.br/sites/1300/1382/00000963.pdf)

www.ibram.org.br/sites/1300/1382/00000963.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2011.

LAGOSTA cearense começa a ser comercializada viva em 2011. **O Povo On Line**. 15 out. 2010. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/economia/2010/10/15/noticiaeconomia-jornal,2052884/lagosta-cearense-comeca-a-ser-comercializada-viva-em-2011.shtml>>. Acesso em: 12 jan. 2011.

LIMA, Mário Sérgio. Mantega minimiza riscos de operações do Fundo Soberano no mercado de câmbio. **Folha**, 10 jan. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/857545-mantega-minimiza-riscos-de-operacoes-do-fundo-soberano-no-mercado-de-cambio.shtml>>. Acesso em: 12 jan 2011.

PREÇO de commodities contribui para IGP-M menor. **GP1**, 10 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.gp1.com.br/noticias/preco-de-commodities-contribui-para-igp-m-menor-174852.html>>. Acesso em: 12 jan. 2011.

RN perde para o CE posto de maior produtor do país. **Tribuna do Norte**, 27 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/rn-perde-para-o-ce-posto-de-maior-produtor-do-pais/166152>>. Acesso em: 7 jan. 2011.

TONELADA do ferro pode chegar a 250 - diz credit Suisse. **Notícias**, 10 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.ibram.org.br/>>. Acesso em: 12 jan. 2011.

6 - Finanças Públicas

6.1 - Arrecadação de ICMS

O nível de concentração de renda, no Brasil, pode ser visto por diversos prismas. A arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) também possibilita essa visão. Os dez estados com maior arrecadação desse tributo detêm, juntos, 81,7% do total recolhido no País. Pelas contas regionais de 2008 (IBGE), a economia desses dez estados corresponde a 81,3% do PIB brasileiro. O grupo inclui todos os estados do Sul e do Sudeste, Bahia, Pernambuco e Goiás.¹

A participação do Nordeste no ICMS total do País é superior à sua proporção no PIB brasileiro (Gráfico 1). As contas regionais de 2008 apontam

que a participação do setor serviços (incluindo comércio) no PIB vem crescendo mais no Nordeste do que nas demais regiões. Referido setor guarda uma relação mais direta com a arrecadação de ICMS do que os setores agropecuária e indústria.²

A Tabela 1 apresenta a arrecadação do ICMS nos nove estados do Nordeste em 2009 e 2010 (janeiro-outubro), assim como as previsões para 2010 e 2011. No período analisado a arrecadação do tributo cresceu 21% a valores correntes, ou 15,8% em termos reais (a preços de dezembro de 2010 – IGP-DI). Tomando-se por base a previsão da arrecadação do ICMS para 2010, estima-se um

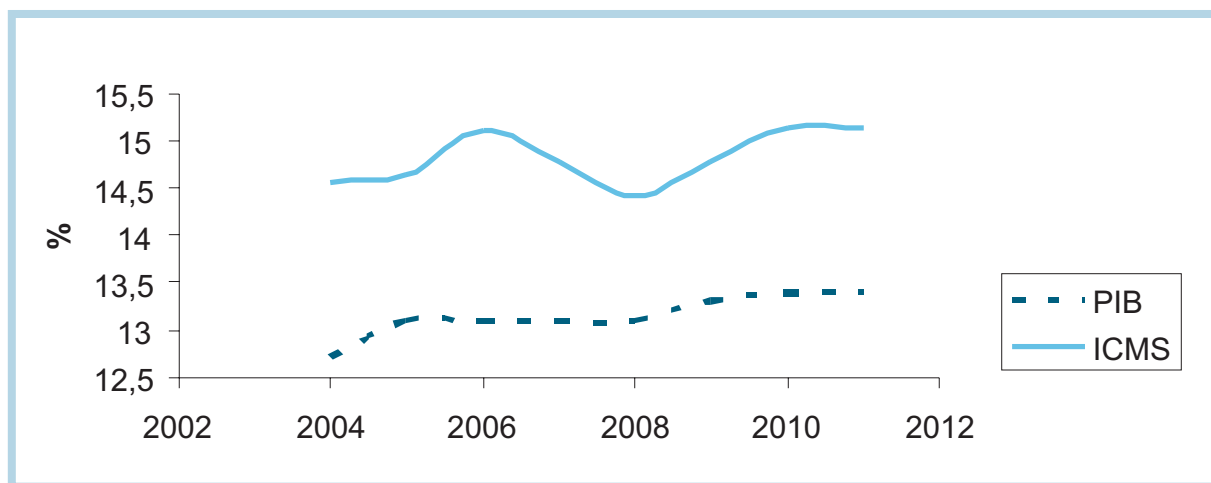


Gráfico 1 – Nordeste/Brasil – Participação %

Fonte: BRASIL, 2011b. Projeções: BNB/ETENE. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

1 Pelas contas regionais de 2008, o Distrito Federal assume o lugar do Espírito Santo no grupo dos dez maiores PIBs estaduais. O Espírito Santo ocupa a 11ª posição.

2 Em 2004, o setor serviços do Nordeste assinalava uma participação correspondente a 8,4% do total do País. Em 2008, a proporção aumentou para 9,1%.

Tabela 1 – Arrecadação de ICMS – R\$ milhões

Estados/ Região	Janeiro - Outubro			Previsões	
	2009	2010	Var. %	2010	2011
Alagoas	1.367	1.686	23,3	1.969	2.183
Bahia	8.343	10.037	20,3	11.720	12.994
Ceará	4.119	5.001	21,4	5.839	6.474
Maranhão	2.059	2.411	17,1	2.815	3.121
Paraíba	1.701	2.064	21,3	2.410	2.672
Pernambuco	5.503	6.752	22,7	7.884	8.741
Piauí	1.288	1.546	20,0	1.805	2.001
Rio Grande do Norte	1.967	2.318	17,8	2.707	3.001
Sergipe	1.172	1.470	25,4	1.717	1.903
Nordeste	27.519	33.285	21,0	38.866	43.090

Fonte: BRASIL, 2011b. Projeções: BNB/ETENE. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

crescimento real de 8,6% sobre 2009. Essa proporção está bem próxima da estimativa do BNB/Etene para o crescimento de 8,3% do PIB regional.

Na comparação das arrecadações por estado, destacam-se os incrementos de Sergipe (25,4%), Rio Grande do Norte (17,8%) e Maranhão (17,1%). Em Sergipe, o aumento do total arrecadado no período jan.-out./2010 se aproximou dos 25% nos setores secundário e terciário que, juntos, respondem por 67,9% do ICMS no Estado. O fato relevante foi a variação na arrecadação específica da dívida ativa (ICMS), que saltou de R\$ 4,4 milhões, em 2009, para R\$ 56,9 milhões, em 2010 (em maio de 2010 foram arrecadados R\$ 50,7 milhões).

O crescimento da arrecadação do ICMS no Maranhão, abaixo da média regional, deve-se ao desempenho do setor secundário, que cresceu apenas 3,7%, no período analisado em comparação com idêntico intervalo em 2009. Sozinho, esse setor responde por 18% do total de ICMS do Estado. O setor primário, apesar de não ser representativo, sofreu queda de 21,5% na arrecadação no mesmo período ((janeiro-outubro).

No Rio Grande do Norte, o tímido crescimento do ICMS, comparado a outros estados da Região, deve-se ao fraco desempenho dos setores secundário (18,8%) e terciário (15,7%). Juntos, os dois respondem por 72,7% do ICMS total arrecadado no Estado.

6.2 – Fundos Constitucionais

Os repasses dos fundos constitucionais são calculados com base na arrecadação do Imposto de Renda (IR) e do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). O Fundo de Participação dos Estados e do Distrito Federal (FPE) recebe 21,5%

da arrecadação dos dois tributos, enquanto o Fundo de Participação dos Municípios (FPM) recebe 23,5% da mesma arrecadação.³ A parcela do Nordeste no FPE corresponde a 52,5%, enquanto no FPM não passa de 35,2%.

³ Dos 23,5%, 1% é repassado no primeiro decêndio de dezembro de cada ano (Emenda Constitucional nº 55, de 20/09/2007). O restante é calculado e repassado em parcelas mensais.

Tabela 2 – FPE – Fundo de Participação dos Estados – Nordeste – R\$ Milhões

Estados/Região	2009	2010	Previsão 2011 ¹
Alagoas	1.506	1.623	2.102
Bahia	3.402	3.667	4.748
Ceará	2.656	2.863	3.707
Maranhão	2.613	2.817	3.647
Paraíba	1.734	1.869	2.420
Pernambuco	2.498	2.693	3.486
Piauí	1.565	1.686	2.183
Rio Grande do Norte	1.513	1.630	2.111
Sergipe	1.504	1.622	2.100
Nordeste	18.991	20.470	26.504
Brasil	36.206	39.024	50.526

Fonte: BRASIL, 2011b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica

Nota: Os valores já estão deduzidos de 20% para o FUNDEB, menos a parcela, de 1%, de que trata a Emenda Constitucional nº 55/2007, na previsão para 2011.

1. Estimativa do Tesouro, com base nos dados indicados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil, constantes da proposta da Lei Orçamentária da União para 2011.

A Tabela 2 mostra os dados do FPE para 2009 e 2010, bem assim a previsão feita pelo Tesouro Nacional para 2011.

Em 2010, o FPE cresceu 7,8% comparativamente ao total de 2009. Esse baixo crescimento deveu-se à tímida evolução da arrecadação do IR, em consequência do significativo volume de deduções fiscais, geradas por prejuízos fiscais e ágio pago em aquisições nos exercícios de 2008 e 2009. Cabe lembrar que o IR corresponde a aproximadamente 84% da arrecadação tributária utilizada como base de cálculo do FPM e do FPE.

As Tabelas 3 e 4 apresentam os dados referentes ao FPM dos estados do Nordeste e das respectivas capitais, alusivos a 2009 e 2010, assim como previsões para 2011.

O valor do FPM destinado às capitais do Nordeste corresponde a 10% do FPM total do País. As variações nos crescimentos, entre 2010 e 2009, se devem às variações das respectivas populações estimadas pelo IBGE e, conseqüentemente, da renda *per capita*, devidamente consideradas na partição do FPM. Com base em decisões normativas do Tribunal de Contas da União, a participação relativa

Tabela 3 – FPM – Fundo de Participação dos Municípios – Nordeste – R\$ Milhões

Estados/Região	2009	2010	Previsão 2011 ¹	Variação %	
				2010/2009	2011/2010
Alagoas	947	1.023	1.321	8,0	29,1
Bahia	3.634	3.911	5.078	7,6	29,8
Ceará	2.079	2.245	2.901	8,0	29,3
Maranhão	1.662	1.792	2.322	7,8	29,6
Paraíba	1.289	1.390	1.798	7,9	29,3
Pernambuco	2.004	2.162	2.803	7,9	29,6
Piauí	1.026	1.140	1.472	11,1	29,1
Rio Grande do Norte	989	1.085	1.404	9,7	29,4
Sergipe	579	626	808	8,0	29,2
Nordeste	14.209	15.374	19.907	8,2	29,5
Brasil	40.001	43.069	55.926	7,7	29,9

Fonte: BRASIL, 2011b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Nota: Os valores já estão deduzidos de 20% para o FUNDEB, menos a parcela, de 1%, de que trata a Emenda Constitucional nº 55/2007, na previsão para 2011. 1. Estimativa do Tesouro, com base nos dados estimados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil, constantes da proposta da Lei Orçamentária da União para 2011.

Tabela 4 – FPMC – Fundo de Participação dos Municípios – Capitais do Nordeste – R\$ Milhões

Capitais da Região	2009	2010	Previsão 2011 ¹	Variação %	
				2010/2009	2011/2010
Maceió	204	224	283	9,5	26,5
Salvador	294	322	407	9,5	26,5
Fortaleza	408	447	566	9,5	26,5
São Luís	204	224	283	9,5	26,5
João Pessoa	163	179	226	9,5	26,5
Recife	229	250	317	9,5	26,5
Teresina	175	224	283	27,7	26,5
Natal	118	143	181	21,7	26,5
Aracaju	105	114	145	9,5	26,5
Nordeste	1.899	2.127	2.691	12,0	26,5
Brasil	4.000	4.307	5.581	7,7	29,6

Fonte: BRASIL, 2011b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

1. Média dos anos de 2009 e 2010.

Nota: Os valores já estão deduzidos de 20% para o FUNDEB, menos a parcela, de 1%, de que trata a Emenda Constitucional nº 55/2007, na previsão para 2011. 1. Estimativa do Tesouro, com base nos dados da Secretaria da Receita Federal do Brasil, constantes da da proposta da Lei Orçamentária da União para 2011.

de Natal, no total das capitais, cresceu de 3,04%, a participação de Teresina, por exemplo, manteve em 2009, para 3,38%, em 2010. Enquanto isso, em 2010 a proporção observada em 2009.

6.3 - Orçamento Público Federal

O orçamento público brasileiro de maior relevância é o federal. A Tabela 5 apresenta a evolução das despesas desde 2006, podendo-se observar que do total orçado anualmente, apenas uma pequena parcela é destinada a investimentos.

Tomando-se por base a evolução da distribuição das despesas do Governo Federal e a proposta orçamentária aprovada para 2011, pode-se perceber que os investimentos representam apenas 2,6% do orçamento. Contudo, essa rubrica tem

Tabela 5 – Evolução Despesa Total por Categoria Econômica e Grupo de Despesas 2006-2011

Em Bilhões

Categoria Econômica Grupo de Natureza da Despesa	Orçamento Executado				PLOA	
	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Corrente	634,5	677,2	730,8	815,2	874,2	1039,6
1 - Pessoal e Encargos Sociais	115	126,9	144,5	167,1	183,1	199,6
2 - Juros e Encargos da Dívida	151,2	140,3	110,2	124,6	110,4	169,9
3 - Outras Despesas Correntes	368,3	410	476,1	523,5	580,7	670,1
Capital	536,3	514,2	505,9	587,4	843,1	879,7
4 - Investimentos	11,9	13,8	28,3	35,3	44,5	51,4
5 - Inversão Financeira	26,6	28,5	28,6	34,2	41,4	44,4
6 - Amortização da Dívida	497,8	471,9	449	517,9	757,2	783,9
Reserva	0	0	0	0	21,2	21,2
TOTAL	1.170,8	1.191,4	1.236,7	1.402,6	1.738,5	1.940,5

Fonte: BRASIL, 2011c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

*PLOA – Projeto de Lei Orçamentária Anual

Tabela 6 – Valores e Distribuição de Investimentos Federais PLOA 2011 – Fiscal e Seguridade Social

Em milhões

Região	R\$	Participação %
Nacional	23.186,2	45,1
Nordeste	9.382,1	18,2
Sudeste	7.219,6	14,0
Sul	4.159,3	8,1
Norte	3.886,6	7,6
Centro-Oeste	2.996,8	5,8
Distrito Federal	622,7	1,2

Fonte: BRASIL, 2011c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

previsão de incremento de 15,5% em 2011 em relação a 2010. Esse crescimento relativo dos valores destinados a investimentos tem evoluído desde 2006, quando representava apenas 1% do orçamento fiscal e de seguridade social.

A Tabela 6 mostra os investimentos oriundos do orçamento fiscal e de seguridade social em 2011, com a seguinte distribuição por região⁴: a rubrica Nacional, na qual não se pode determinar a região beneficiada com o investimento, concentra 45,1% dos investimentos, enquanto a região Nordeste responde por 18,2% do total, seguida por Sudeste (14%), Sul (8,1%), Norte (7,6%), Centro-Oeste (5,8%) e do Distrito Federal (1,2%).

Além dos investimentos oriundos do orçamento fiscal e de seguridade social, existem os investimentos das empresas estatais, que também têm crescido significativamente, como pode ser observado no Gráfico 2.

Considerando-se a proposta de 2011, verifica-se que dois terços da capacidade de investimento público federal concentram-se nas estatais, totalizando R\$ 107,5 bilhões.

Em termos relativos, conforme relatório do Departamento de Coordenação e Governança das Empresas Estatais (DEST), do Ministério do Planejamento, o Nordeste ganha destaque na destinação de recursos para investimentos pelas estatais, com proposta de participação em 20,97%, em 2011. Em 2010, essa participação limitou-se a 18,4%. Esse resultado se deve a grandes investimentos, a exemplo da refinaria de Suape (PE), do Complexo de Poliéster e Resina PET, em Ipojuca (PE) e da refinaria premium I, em Bacabeira (MA). Na comparação entre estados, Pernambuco se destaca, com participação em 10,6% dos recursos destinados a investimentos.

Apesar dos números destacarem o Nordeste no conjunto dos investimentos das empresas estatais, o volume de recursos pode não vir a ser totalmente aplicado, frustrando possíveis expectativas dos impactos gerados por essas inversões. Da dotação anual destinada a Pernambuco em 2010, por exemplo, menos da metade havia sido efetivamente realizada até o quinto bimestre, conforme relatório do DEST. Na Paraíba, o realizado apenas se aproximava de R\$ 400 milhões, de uma dotação de quase R\$ 1 bilhão.

4 Até o fechamento deste capítulo de Conjuntura não estavam disponíveis os valores para investimentos dos estados do Piauí e Rio Grande do Norte. Considerando o montante de R\$ 51,4 bilhões, por Estado, foi considerado o valor de R\$ 200 milhões.

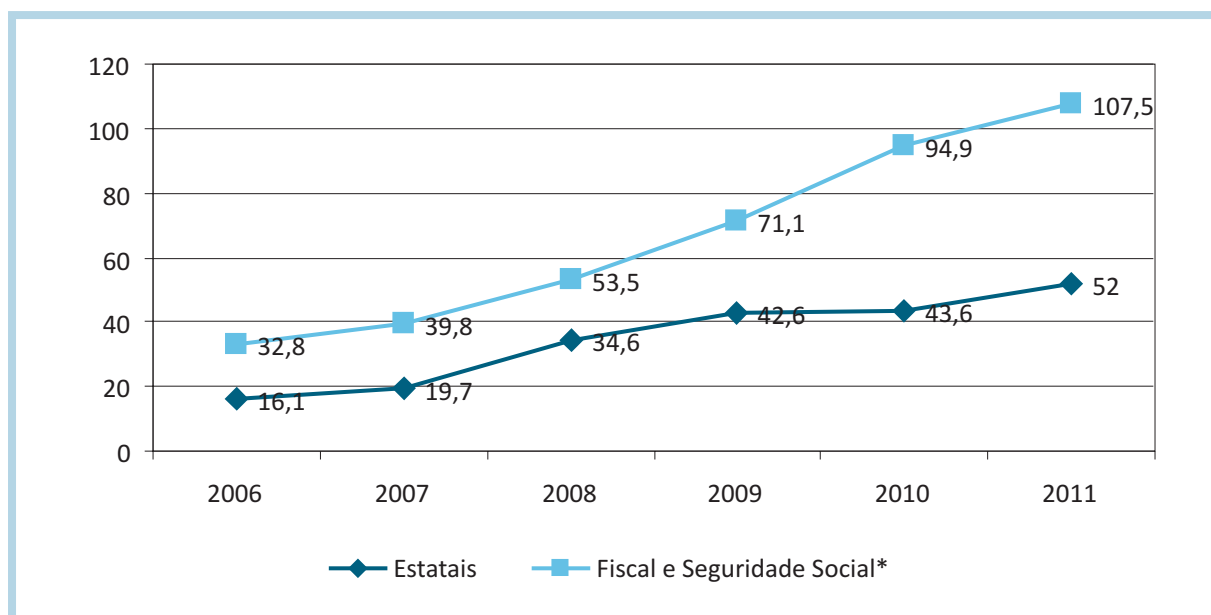


Gráfico 2 – Evolução dos Investimentos 2006 a 2011 (em R\$ Bilhões)

Fonte: BRASIL, 2011c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Valores disponíveis em 2010, 2011 valores da PLOA- Despesas Discricionárias do Poder Executivo : Exclui Créditos extraordinários, Recursos de Convênios, recursos de Doações.

REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?INDEC>>. Acesso em: jan. 2011.

BRASIL. Ministério da Fazenda. Confaz. **Boletim do ICMS**. Disponível em: <<http://www.fazenda.gov.br/confaz/boletim/valores.htm>>. Acesso em: jan. 2011a.

_____. Ministério da Fazenda. Secretaria do Tesouro Nacional. Coordenação Geral de Análise e Informações das Transferências Financeiras Intergovernamentais. Disponível em: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/estados_municipios/transferencias_constitucionais.asp>. Acesso em: jan. 2011b.

_____. Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão. **Demonstrativo de execução mensal**. Disponível em: <<http://www.planejamento.gov.br>>. Acesso em: dez. 2010a.

_____. Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão. **Orçamento de investimentos 2011**. Disponível em: <<http://www.planejamento.gov.br>>. Acesso em: dez. 2010b.

_____. Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão. **Orçamento federal ao alcance de todos - projeto de lei orçamentária anual 2011**. Disponível em: <<http://www.planejamento.gov.br>>. Acesso em: dez. 2010c.

_____. Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão. **Projeto de lei orçamentária anual 2011 – principais quadros**. Disponível em: <<http://www.planejamento.gov.br>>. Acesso em: dez. 2010d.

_____. Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão. **Relatório de custeios e investimentos regionalizados**. Disponível em: <<http://www.planejamento.gov.br>>. Acesso em: dez. 2010e.

7 - Intermediação Financeira

7.1 - Panorama Geral

No começo de 2011, o IPEA (2011) divulgou pesquisa¹ em que mostra a percepção da sociedade acerca da atuação dos bancos nas cinco regiões do País. Os resultados foram reveladores e até certo ponto surpreendentes.

De acordo com os entrevistados, as principais funções de um banco são: movimentar/guardar dinheiro (62,1%), oferecer produtos e serviços/receber contas (29,5%) e emprestar dinheiro (4,5%). Dito de outra forma, no Brasil, os bancos são percebidos pela população como instrumentos de guarda e circulação de valores e, em segundo plano, como estabelecimentos de venda de produtos, oferta de serviços e para pagamento de contas. A concessão de crédito, concebida como a função principal de um banco, não ocupa um espaço importante segundo os brasileiros.

A pesquisa recomenda a investigação mais detalhada das causas dessa percepção: lembranças inflacionárias; altas taxas de juros; conservadorismo das instituições bancárias; modelos de negócios inadequados e burocracia processual. Esses fatores, de acordo com o IPEA, podem estar obrigando a população, ou pelo menos uma parcela dela, a recorrer a outros meios de obtenção de

crédito, nem sempre lícitos ou bem regulados, mas que, com certeza, a oneram de forma mais abusiva.

Outra informação reveladora é a questão da inclusão bancária. Segundo a pesquisa, nas regiões mais desenvolvidas economicamente cerca de 60% dos entrevistados têm conta bancária, enquanto nas demais esse contingente não passa da metade. De modo particular, o Nordeste apresentou a menor inclusão bancária (47%) entre as regiões do País. Vendo a questão pelo ângulo da exclusão bancária, 53% dos nordestinos entrevistados não possuem conta em banco.

O grupo dos excluídos do sistema bancário pertence a um estrato da população de baixa renda e de pouca escolaridade, mas que vem sendo absorvido pelo mercado de trabalho, estimulada pelo crescimento econômico. O estudo chama a atenção para a necessidade de se criar produtos e serviços específicos para essa população, de modo a incorporá-la ao sistema bancário e socializar o acesso a esse serviço, operado por concessão pública.

A propósito, além de apresentar, em termos proporcionais, a maior exclusão bancária entre as demais regiões brasileiras, o Nordeste também

1 **Bancos: Exclusão e Serviços**, que faz parte do Sistema de Indicadores de Percepção Social, do IPEA. A pesquisa teve por objetivo avaliar os serviços oferecidos pelos bancos comerciais, públicos e privados. Foram entrevistadas 2.770 pessoas nas cinco regiões do País, a partir de uma "amostragem por cotas". As perguntas abordaram questões sobre exclusão bancária, a qualidade dos serviços e do atendimento prestado, o horário de funcionamento das agências bancárias, a segurança para a realização das operações e os produtos e serviços oferecidos.

registrou o maior hiato de crédito entre as regiões do país, de acordo com trabalho recente do BNB (ALVES, 2010). O hiato é definido como a diferença absoluta no volume de crédito necessário para que a participação de uma determinada região no estoque de crédito do país seja exatamente igual à sua participação no PIB.

A pesquisa do IPEA indica ainda: as mulheres constituem a maior parte da população excluída do sistema bancário brasileiro; a população jovem acessa mais cedo o sistema; e os maiores de 45 anos tiveram um avanço menor. No caso da renda, os dados evidenciam a mesma relação estabelecida com o nível de escolaridade, ou seja, quanto maior a renda, maior o índice de inclusão no sistema bancário.

A motivação para escolha do banco tem características regionais bem definidas. A tradição no relacionamento com o banco (pessoal ou familiar) tem muita relevância no Sul, sendo o seu valor quase o dobro do índice nacional, enquanto no Norte há menos influência desse fator sobre a decisão de escolha. A confiança no banco como fator decisivo na escolha tem maior importância nas regiões menos desenvolvidas economicamente (Norte, Nordeste e Centro-Oeste). Nas áreas mais ricas (Sudeste e Sul), o fator de confiança tem influência reduzida na decisão em comparação com os outros motivos.

Em resumo, o trabalho do IPEA aponta que o sistema bancário brasileiro foi bem avaliado pela população quanto à percepção das atividades desenvolvidas.

7.2 - Saldo das Operações de Crédito do Sistema Financeiro Nacional

No final de novembro de 2010, o saldo das operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional² alcançou R\$ 1.677,6 bilhões, expansão na margem de 2% sobre o mês anterior e de 20,8%, em 12 meses, de acordo com o Banco Central do Brasil (2011a). Com esse resultado, a participação do estoque de crédito no PIB passou de 44,4%, em novembro de 2009, para 46,3%, em novembro de 2010.

Nos últimos dez anos, terminados em novembro, o saldo das operações de crédito apresentou

duas fases distintas de crescimento. No subperíodo de 2000-2003, foi registrada uma taxa média geométrica de 8,8% ao ano. De 2004 a 2010, esse ritmo de expansão elevou-se para 22,6% ao ano.

A evolução positiva das operações de crédito no ano passado está associada ao dinamismo da atividade econômica e à progressão dos níveis de emprego e da renda, elementos que continuam impulsionando projetos de investimento e gastos de consumo. Ademais, em novembro último, a intensificação dos empréstimos também refletiu

2 O Sistema Financeiro Nacional aqui considerado é formado pelo Sistema Bancário (bancos comerciais, bancos múltiplos, com carteira comercial, Caixa Econômica Federal e bancos de investimento), além do segmento formado pelos bancos de desenvolvimento, cooperativas de crédito, agências de fomento, associações de poupança e empréstimo, companhias hipotecárias, sociedades de arrendamento mercantil, sociedades corretoras de câmbio, sociedades corretoras de títulos e valores mobiliários, sociedades de crédito, financiamento e investimento, sociedades de crédito imobiliário, sociedades de crédito ao microempreendedor e sociedades distribuidoras de títulos e valores mobiliários. Em outubro de 2010, as operações de crédito do Sistema Bancário representavam 85,9% do total do Sistema Financeiro Nacional.

uma demanda maior por capital de giro, em face da formação de estoques para as vendas de fim de ano e do pagamento do décimo terceiro salário aos trabalhadores.

Convém sublinhar que o saldo das operações de crédito dos bancos públicos cresceu 23,5% no espaço de 12 meses terminados em novembro, refletindo a expressiva demanda por crédito habitacional e industrial, resultado que elevou a participação dos bancos oficiais no total dos financiamentos de 41% para 41,9%. Por outro lado, o avanço dos empréstimos concedidos pelos bancos privados (nacionais e estrangeiros) foi um pouco menor (19%), mas revelando subida em relação aos meses anteriores. Apenas para lembrar: antes da eclosão da crise financeira internacional (setembro de 2008), os empréstimos da banca privada cresciam a uma taxa bem superior à dos bancos públicos, situação que se inverteu depois da crise.

O estoque de crédito financiado com recursos livres, que representa cerca de dois terços dos empréstimos totais, aumentou 16,5% no período nov.2009/nov.2010. De outra parte, nas operações realizadas com recursos direcionados (lastreadas por recursos compulsórios ou governamentais) o aumento foi quase o dobro (30,2%), refletindo a forte ampliação dos financiamentos habitacionais (53,9%), impulsionados pelo programa *Minha Casa, Minha Vida* e pelo BNDES (31,3%).

O saldo das operações de crédito destinadas ao setor privado totalizou R\$ 1.610,6 bilhões em novembro de 2010, o equivalente a 96% de todo o estoque de crédito do país, alta de 21% no intervalo de 12 meses. O crédito para pessoas físicas continuou representando a principal parcela dos empréstimos, respondendo por 32,1% do total, avanço fortemente influenciado pelas operações com veículos e de crédito consignado. Em seguida, destacaram-se as participações dos

Tabela 1 – BRASIL – Operações de Crédito do Sistema Financeiro – Usos e Fontes dos Recursos – Novembro de 2009 e 2010

Usos e Fontes dos Recursos	Novembro 2009	Novembro 2010	Variação Nominal	Participação Nov/10, %	R\$ Milhões Correntes Ope/PIB ⁽¹⁾ , em %	
					Nov/09	Nov/10
1. Usos dos Recursos	1.388.235	1.677.647	20,8	100,0	44,4	46,3
1.1.Sector Público	56.689	67.011	18,2	4,0	1,8	1,8
Governo Federal	33.034	35.198	6,6	2,1	1,1	1,0
Governo Est. e Municípios	23.655	31.813	34,5	1,9	0,8	0,9
1.2.Sector Privado	1.331.546	1.610.636	21,0	96,0	42,6	44,5
Indústria	302.807	359.522	18,7	21,4	9,7	9,9
Habitação	86.765	133.516	53,9	8,0	2,8	3,7
Rural	112.593	122.453	8,8	7,3	3,6	3,4
Comércio	133.887	168.732	26,0	10,1	4,3	4,7
Pessoas Físicas	458.047	538.635	17,6	32,1	14,6	14,9
Outros Serviços	237.447	287.778	21,2	17,2	7,6	7,9
2. Fontes dos Recursos	1.388.235	1.677.647	20,8	100,0	44,4	46,3
2.1. Livres	945.467	1.101.335	16,5	65,6	30,2	30,4
2.2.Direcionados ⁽²⁾	442.768	576.312	30,2	34,4	14,2	15,9
BNDES	268.227	352.063	31,3	21,0	8,6	9,7
Outros	174.541	224.249	28,5	13,4	5,6	6,2
3. Controle de Capital	1.388.235	1.677.647	20,8	100,0	44,4	46,3
3.1. Instituições Privadas	819.059	974.713	19,0	58,1	26,2	26,9
3.2. Instituições Públicas	569.176	702.934	23,5	41,9	18,2	19,4

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2011a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE de Conjuntura Econômica.

⁽¹⁾ Estimativa do Banco Central para o PIB dos 12 últimos meses - valores correntes.

⁽²⁾ Operações realizadas com recursos compulsórios ou governamentais.

empréstimos concedidos à indústria (21,4%), a outros serviços (17,2%) e ao comércio (10,1%).

Convém salientar que a ampliação do crédito continua sendo acompanhada pela melhora de sua qualidade. Dessa forma, a taxa de inadimplência, definida pela proporção das operações com atraso superior a 90 dias sobre o total do crédito, que era de 4,4%, em novembro de 2009, caiu para 3,4%, em novembro último.

No segmento das operações referenciais de taxas de juros houve também melhoras. A taxa de juro média retroagiu pelo quarto mês consecutivo, atingindo 34,8% em novembro, resultado compatível com a evolução do *spread* bancário (diferença entre a taxa de aplicação e concessão de crédito), que decresceu 0,8 p.p. (ponto percentual) no mês e 1,5 p.p. em 12 meses.

Entretanto, diante da forte expansão da demanda interna e do volume de crédito, bem assim da tendência de majoração dos preços, o que pode comprometer o regime de metas da inflação, o Conselho Monetário Nacional e o Banco Central adotaram, no final de 2010, medidas macroprudenciais, como a elevação dos recolhimentos compulsórios dos bancos e o desestímulo a operações capazes de comprometer o balanço das famílias ou o balanço entre os volumes de créditos contratados e os valores das garantias.

Em janeiro de 2011, o Conselho de Política Monetária (Copom), em sua primeira reunião do ano, alterou a taxa básica de juros, de 10,75% para 11,25%, depois de seis meses sem ajustes.

7.3 - Sistema Financeiro Nordestino: Operações e Qualidade do Crédito

No final de outubro de 2010, o estoque das operações de crédito do sistema financeiro nordestino³ somou R\$ 176,6 bilhões, crescimento de 1,9% sobre o mês anterior e de 27,7% no período de 12 meses, segundo dados do Banco Central (2011b). Foi a mais alta taxa registrada entre as regiões brasileiras no período, superando o índice do Norte (25,8%), Sudeste (20,9%), Sul (20,3%) e do Centro-Oeste (16,2%). Aliás, esse resultado repetiu-se em todos os meses, ao longo do período de janeiro a outubro do ano passado, na comparação em 12 meses.

Tomando-se o crescimento do crédito como indicador da atividade econômica, pode-se admitir que a economia nordestina teve destacado desempenho em 2010, comparativamente às demais regiões do país. A propósito, o BNB/Etene estima que em 2010 a economia do Nordeste avançou 8,3% e a do Brasil, 7,5%.

Ainda como consequência da evolução dos empréstimos bancários, a participação do saldo das operações de crédito no PIB regional subiu significativamente: de 31,4%, em out./2009, para 37%, em out./2010. Contudo, ela continua um

3 O Sistema Financeiro Nordestino aqui considerado compreende as operações de crédito, com saldo superior a R\$ 5 mil, realizadas pelos bancos comerciais, bancos múltiplos, Caixa Econômica Federal, bancos de investimento, bancos de desenvolvimento, agências de fomento e sociedades de arrendamento mercantil.

Tabela 2 – Estados do Nordeste e Regiões Brasileiras – Saldo das Operações de Crédito do Sistema Financeiro¹ e Qualidade do Crédito

Posições em Final de Outubro de 2009 e 2010

Estados/Regiões	Saldo Oper. R\$ milhões		Varia. Nomi. (b) / (a) em %	Partic. % out/10	Índice de Inadimplência ² - Out/10 (%)		
	Outubro de 2009 (a)	Outubro de 2010 (b)			Pessoas Físicas	Pessoas Jurídicas	Total
Maranhão	10.766	14.122	31,2	8,0	5,7	4,1	5,0
Piauí	5.259	7.215	37,2	4,1	5,1	2,7	3,9
Ceará	19.392	26.339	35,8	14,9	4,9	1,8	3,0
Rio Grande do Norte	8.513	11.015	29,4	6,2	4,6	2,4	3,6
Paraíba	7.711	9.909	28,5	5,6	4,6	2,4	3,8
Pernambuco	33.348	42.485	27,4	24,1	5,2	1,1	2,4
Alagoas	7.245	9.097	25,6	5,2	5,1	2,8	3,9
Sergipe	5.565	7.426	33,4	4,2	3,7	2,7	3,2
Bahia	40.558	49.014	20,8	27,8	6,4	2,1	3,9
NORDESTE	138.357	176.622	27,7	12,0	5,4	2,0	3,5
NORTE	43.617	54.860	25,8	3,7	5,2	3,0	4,1
CENTRO-OESTE	114.776	133.335	16,2	9,0	4,3	2,3	3,4
SUDESTE	698.009	843.652	20,9	57,1	4,1	1,6	2,5
SUL	223.096	268.398	20,3	18,2	3,5	1,9	2,6
TOTAL REGIÕES ³	1.217.855	1.476.867	21,3	100,0	4,2	1,8	2,8

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2011b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE de Conjuntura Econômica.

¹ Saldo das operações de crédito, com valor superior a R\$ 5 mil, realizadas pelos bancos múltiplos, bancos comerciais, Caixa Econômica Federal, bancos de investimento, bancos de desenvolvimento, companhias hipotecárias, agências de fomento e sociedades de arrendamento mercantil.

² Corresponde ao valor das operações vencidas há mais de 90 dias sobre o total das operações de crédito.

³ Por se tratar de um subconjunto, o total das regiões correspondeu, no final de outubro/2010, a 89,8% do total das operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional.

pouco abaixo do índice nacional (46,3%), evidenciando o quanto a intermediação financeira ainda pode prosperar na Região.

É curioso observar que, tendo o maior índice de exclusão bancária (IPEA, 2011) e também o maior hiato de crédito entre as regiões do país (ALVES, 2010), o Nordeste exibiu o mais elevado crescimento em suas operações de crédito ao longo dos dez primeiros meses do ano passado.

No final de outubro de 2010, 55,1% das operações de crédito realizadas no Nordeste foram direcionadas para as empresas e o restante (44,9%) às pessoas físicas. No caso das demais regiões, a maior parcela de crédito para pessoas jurídicas ocorreu no Sudeste (65%), enquanto a maior proporção dos empréstimos para pessoas físicas registrou-se no Centro-Oeste (56,4%).

No Nordeste, considerado o período de 12 meses entre out./2009 e out./2010, o maior incremento no saldo das operações de crédito ocorreu no Piauí (37,2%), seguindo-se Ceará (35,8%), Sergipe (33,4%) e Maranhão (31,2%). Em termos de tomador, houve preponderância para os créditos destinados às empresas em Pernambuco (67,4%), Ceará (59,4%) e Bahia (56,4%). Já Paraíba (62,7%), Maranhão (59,1%), Rio Grande do Norte (56,6%) e Piauí (54,7%) concentram os empréstimos às pessoas físicas. Essa distribuição sugere que, para o primeiro grupo de estados, o crédito foi orientado para a produção, enquanto para o segundo grupo foi mais para o consumo.

A exemplo do observado em escala nacional, o impulso nos empréstimos no Nordeste foi também acompanhado por melhorias na sua qualidade, como mostra a queda da taxa de inadim-

plência (de 4,4% para 3,5%, no intervalo entre out./2009 e out./2010). Por categoria de tomador, também houve melhora. A taxa de inadimplência para pessoas jurídicas caiu de 2,7% para 2% e a de pessoas físicas declinou de 6,6% para 5,4%, nas referidas posições.

No final de outubro de 2010, o Maranhão apresentou a maior taxa de inadimplência nas operações de crédito (5%), enquanto a menor foi observada em Pernambuco (2,4%).

7.3.1 - Desembolsos Realizados pelo BNDES

No acumulado de janeiro a novembro de 2010, os desembolsos realizados pelo BNDES (2011) no Nordeste alcançaram R\$ 15,1 bilhões, 21,1% inferiores em relação ao mesmo período do ano anterior. Vale sublinhar que apenas o Nordeste apresentou resultado negativo. Para as demais regiões, foram anotados incrementos substanciais nos desembolsos, com destaque para Sudeste (48,7%) e Sul (45%). Foram registradas ainda altas menos impactantes no Norte (17,4%) e no Centro-Oeste (5,3%). Considerado o total do Brasil, as contratações do BNDES somaram R\$ 153,6 bilhões, expansão de 30,8% no período analisado.

A redução dos desembolsos no Nordeste deveu-se exclusivamente a uma questão aritmética, representada pela base de comparação muito elevada em 2009. Explicando melhor: em julho/2009 houve uma liberação atípica (equivalente a

55,1% dos desembolsos realizados em 11 meses) destinada quase totalmente às obras da refinaria da Petrobras, em Suape (PE). Já em 2010, as liberações mensais apresentaram-se dentro da normalidade, sem grandes alterações.

De qualquer forma, durante o período mencionado, os desembolsos para o Nordeste corresponderam a 9,8% do total nacional, índice abaixo da meta de 13% estabelecida pelo BNDES, que corresponde à participação regional no PIB brasileiro, tomado como base o intervalo 1985/2007.

No espaço entre janeiro e novembro de 2010, a região Sudeste absorveu 59,2% dos recursos do BNDES e o Sul, 17,5%, participações um pouco acima de suas respectivas representatividades em relação à riqueza nacional. Os desembolsos para o Norte ficaram em 6,9% ante 6,6% do Centro-Oeste (Tabela 3).

Tabela 3 – BNDES – Desembolsos Efetuados nas Regiões Brasileiras

Janeiro a Novembro de 2010

Regiões	Valores R\$ milhões	Variação % (a)	Participação % (b)
NORDESTE	15.067	-21,1	9,8
NORTE	10.587	17,4	6,9
CENTRO-OESTE	10.197	5,3	6,6
SUDESTE	90.947	48,7	59,2
SUL	26.819	45,0	17,5
BRASIL	153.617	30,8	100,0

Fonte: BNDES, 2011. Elaboração: Equipe BNB/ETENE de Conjuntura.

(a) Variação observada no período jan-nov/10, em relação ao mesmo período de 2009.

(b) Participação no período jan-nov/10.

7.4 - Nordeste: Depósitos e Operações de Crédito

No final de outubro de 2010, o saldo de depósitos captados pelo sistema bancário nordestino⁴ chegou a R\$ 129,2 bilhões. A alta de 11,8% em relação à mesma posição no ano anterior ficou aquém da verificada em âmbito nacional (17%), segundo informações fornecidas pelo Banco Central (2011f).

No Nordeste, a ampliação no saldo dos depósitos foi liderada pelos bancos públicos (16,7%), os quais respondem por quase dois terços dos depósitos captados na Região. Entre os bancos oficiais, o Banco do Nordeste teve o melhor desempenho em termos de captação, com incremento de 54,4%, seguido pela Caixa Econômica (15%) e Banco do Brasil (14,3%). Os bancos privados

registraram evolução de apenas 4,3% no recolhimento de depósitos, no período analisado.

Por estado, os maiores desempenhos em depósitos bancários foram observados no Ceará, adicional de 26,5% na captação, Alagoas (22,1%), Paraíba (20,1%) e Piauí (18,1%). Em termos de participação, o estado de Pernambuco ficou com a maior parcela (25,2%), seguido pela Bahia (25%), Ceará (22%) e Maranhão (5,5%).

No caso das operações de crédito, o estoque do sistema bancário nordestino atingiu R\$ 100,3 bilhões⁵ no final de outubro de 2010, volume superior em 27,1% ao registrado em outubro de 2009.

Tabela 4 – NORDESTE – Saldos de Depósitos e Operações de Crédito, por Instituição Financeira(a) – Outubro de 2009 e 2010

R\$ Milhões

Discriminação/Posição	Banco do Brasil	Caixa Econômica Federal	Bcos.Federais, exceto BB		Bancos Estaduais	Bancos Públicos	Bancos Privados	Total(c)
			BNB (b)	Total				
Depósitos								
Outubro de 2009	36.119	27.160	4.227	4.743	2.051	70.073	45.534	115.607
Outubro de 2010	41.268	31.232	6.527	7.142	2.104	81.746	47.482	129.228
Varição nominal, em %	14,3	15,0	54,4	50,6	2,6	16,7	4,3	11,8
Participação Out/10, em %	31,9	24,2	5,1	5,5	1,6	63,3	36,7	100,0
Operações de Crédito								
Outubro de 2009	26.452	17.612	5.773	7.564	1.002	52.630	26.277	78.907
Outubro de 2010	30.655	25.176	7.163	8.885	1.216	65.932	34.323	100.255
Varição nominal, em %	15,9	42,9	24,1	17,5	21,4	25,3	30,6	27,1
Participação Out/10, em %	30,6	25,1	7,1	8,9	1,2	65,8	34,2	100,0

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2011e. Elaboração: Equipe BNB/ETENE de Conjuntura Econômica.

(a) Saldos referentes aos bancos comerciais, bancos múltiplos, com carteira comercial e Caixa Econômica Federal.

(b) Valores correspondentes às operações realizadas pelo BNB nos Estados do Maranhão até a Bahia, sem incluir as agências extrarregionais.

(c) Bancos públicos + bancos privados.

4 O sistema bancário nordestino aqui considerado é formado pelos bancos comerciais, bancos múltiplos, com carteira comercial e Caixa Econômica Federal e representa um subconjunto do sistema financeiro nordestino, comentado no tópico anterior.

5 Na referida posição, o saldo das operações de crédito do sistema bancário nordestino representava 56,8% do total do sistema financeiro regional, enquanto em escala nacional essa proporção era de 85,9%. Essa diferença de participação é explicada, em grande medida, pelas operações financiadas com recursos do BNDES e do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste – FNE, gerido pelo BNB, de grande peso nas operações de crédito do Nordeste e que, por definição, não são agrupadas no sistema bancário nordestino, mas figuram no sistema financeiro regional. Se as duas referidas fontes de recursos fossem consideradas, a participação do sistema bancário nordestino no sistema financeiro do Nordeste passaria para 87,7%.

Tabela 5 – NORDESTE – Evolução Nominal e Participação dos Saldos dos Depósitos e das Operações de Crédito dos Estados – Posição em Final de Outubro de 2010

Em %

Estados/Região	Depósitos		Operações de Crédito	
	Variação Out-10/Out-09	Participação Est/NE, Out/10	Variação Out-10/Out-09	Participação Est/NE, Out/10
Maranhão	8,0	5,5	23,3	6,7
Piauí	18,1	3,3	27,7	4,5
Ceará	26,5	22,0	24,6	13,8
Rio Grande do Norte	12,7	4,9	31,0	6,2
Paraíba	20,1	5,3	34,3	6,0
Pernambuco	4,2	25,2	34,4	23,9
Alagoas	22,1	4,0	22,4	4,5
Sergipe	7,7	4,8	27,5	4,5
Bahia	6,4	25,0	22,1	29,9
NORDESTE ¹	11,8	100,0	27,1	100,0
BRASIL	17,0	...	20,3	...

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2011e. Elaboração: Equipe BNB/ETENE de Conjuntura Econômica.

¹ No Nordeste, no final de outubro de 2010, o saldo dos depósitos bancários havia atingido o montante de R\$ 129,2 bilhões e as operações de crédito R\$ 100,3 bilhões. Os saldos referem-se aos bancos comerciais, bancos múltiplos, com carteira comercial e Caixa Econômica Federal. Não estão incluídas as operações de crédito realizadas pelo BNDES e pelo BNB/FNE no Nordeste.

Os bancos privados lideraram o aumento dos empréstimos na Região, cravando 30,6% no período considerado, desempenho um pouco acima do obtido pelos bancos oficiais (25,3%). Trata-se de um comportamento importante, pois antes da eclosão da crise financeira internacional (setembro de 2008), o ritmo de crescimento dos empréstimos da banca privada, no Nordeste, era bastante superior ao dos bancos públicos.

No decorrer da crise a situação inverteu-se, mas parece que está retornando ao padrão histórico, de prevalência da banca privada sobre as instituições oficiais.

Em termos de participação, os bancos públicos são responsáveis por quase dois terços das operações de crédito na Região, ficando o terço restante com os bancos privados.

Entre os bancos públicos, o incremento do saldo das operações de crédito foi liderado pela Caixa Econômica (42,9%), seguida de BNB (24,1%), bancos estaduais (21,4%) e Banco do Brasil (15,9%). Em âmbito estadual, Pernambuco teve a maior expansão (34,4%), seguido de perto pela Paraíba (34,3%), Rio Grande do Norte (31%) e Piauí (27,7%).

7.5 - BNB - Taxas de Juros, Depósitos e Operações de Crédito

As taxas de juros praticadas pelo BNB continuam competitivas, em relação à média do mercado brasileiro. Segundo pesquisa realizada pelo Banco Central (2011e) entre 24 e 30 de dezembro de

2010, o BNB destacou-se especialmente junto ao segmento de pessoas jurídicas. Nesse período, a sua taxa de juro nas operações de conta garantida foi a nona mais baixa do mercado brasileiro.

Tabela 6 – Taxas Efetivas de Juros de Operações de Crédito – Posição Relativa do Banco do Nordeste do Brasil em Relação ao Mercado Brasileiro de Crédito

Período de 24 a 30 de dezembro de 2010

Modalidade da Operação	Taxas Efetivas ao Mês (%)				Coeficiente Variação ¹ em %	Posição do BNB	No. Bcos. Pesquisados
	BNB	Média do Mercado	Mínima do Mercado	Máxima do Mercado			
Pessoa Física							
Cheque especial	6,31	6,28	1,54	9,51	38,38	14°	34
Crédito pessoal	2,97	5,22	0,10	26,39	92,34	46°	98
Pessoa Jurídica							
Desconto de duplicata	2,44	2,79	1,16	5,02	30,11	23°	53
Capital de giro prefixado	1,54	2,35	0,87	6,83	50,21	13°	67
Conta garantida	2,48	4,00	1,61	8,68	44,25	9°	41

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2011f. Elaboração: Equipe BNB/ETENE de Conjuntura Econômica

¹ Dado pela relação desvio padrão/média e indica o índice de variabilidade das taxas em relação à média.

Obs: As taxas de juros divulgadas representam o custo total da operação para o cliente, incluindo também os encargos fiscais e operacionais, correspondendo à média das taxas cobradas nos períodos indicados. As taxas efetivas mês resultam da capitalização das taxas efetivas dia pelo número de dias úteis existentes no intervalo de 30 dias corridos, excluindo-se o primeiro dia útil e incluindo-se o último. Caso a data final seja um dia não útil, será considerado o próximo dia útil subsequente.

A taxa para as operações de capital de giro prefixado foi a 13ª menor e a de desconto de duplicata a 23ª menor. Para as operações com pessoas físicas, a taxa cobrada pelo BNB no cheque especial foi a 14ª mais em conta entre os bancos pesquisados, ocupando ainda a 46ª posição no crédito especial.

Embora continue bem colocada em relação ao mercado, a posição relativa do BNB retrocedeu ligeiramente no final de 2010, comparativamente à situação observada na última semana de setembro. Convém informar, a propósito, que nas cinco modalidades de crédito em que o BNB é pontuado houve aumento na taxa média de juros praticada pelo mercado, entre as duas posições consideradas.

No final de novembro de 2010, o saldo dos depósitos captados pelo BNB na Região chegou a R\$ 6,5 bilhões, evolução de 42,6% sobre o nov./2009. Entre os estados, a maior expansão ocorreu na Paraíba (69,2%), seguida de Piauí (63,2%), Pernambuco (58,3%) e Ceará (51%).

No caso das operações de crédito, o saldo do BNB totalizou R\$ 7,2 bilhões, com incremento de

19,1% no período. Os maiores aumentos foram observados nos estados da Paraíba (75,7%), Pernambuco (55,8%), Rio Grande do Norte (28,8%) e Bahia (27,9%).

No rol de programas executados pelo BNB, os destaques são para o Crediamigo e o Pronaf, cuja ação tem grande impacto socioeconômico. O primeiro visa fortalecer pequenos empreendimentos, notadamente pessoas físicas. De janeiro a novembro de 2010, o Programa contratou no Nordeste 1.386,3 mil operações, com aportes de novos investimentos da ordem de R\$ 1.742,8 milhões. O acréscimo foi de 29% em termos de quantidade de contratos e de 37,7% em valores, tomando como base igual período de 2009.

O Crediamigo destaca-se ainda por atender a um público predominantemente feminino (65%), apresentar um baixo valor médio por contrato (R\$ 1.259,36), que lhe confere grande poder de capilaridade, e exibir reduzido índice de inadimplência (0,9%), bem abaixo da média nordestina para operações de crédito para pessoas físicas (5,4%).

Tabela 7 – BNB – Variação Nominal e Participação dos Estados do Nordeste no Saldo dos Depósitos Bancários e das Operações de Crédito

Posição em Final de Novembro de 2010
Em %

Estados	Depósitos Bancários		Operações de Crédito	
	Variação Nov-10/Nov-09	Participação Est/NE, Nov/10	Variação Nov-10/Nov-09	Participação Est/NE, Nov/10
Maranhão	1,3	3,5	11,7	9,6
Piauí	63,2	2,2	24,6	7,9
Ceará	51,0	57,2	-4,0	16,4
Rio Grande do Norte	18,3	4,2	28,8	6,5
Paraíba	69,2	4,0	75,7	7,7
Pernambuco	58,3	10,5	55,8	10,5
Alagoas	-7,8	1,5	-26,8	5,7
Sergipe	23,1	3,3	24,9	5,3
Bahia	28,5	13,6	27,9	30,4
NORDESTE (a)	42,6	100,0	19,1	100,0

Fonte: BANCO DO NORDESTE DO BRASIL, 2011c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE de Conjuntura.

(a) No final de novembro/2010, o saldo dos depósitos captados pelo BNB no Nordeste havia alcançado R\$ 6,5 bilhões e as operações de crédito atingiram R\$ 7,2 bilhões. Esses valores e as taxas de variação diferem dos apresentados na Tabela 4, cuja posição é final de outubro, enquanto a da Tabela 7 é final de novembro. Incluindo-se as agências extrarregionais, o saldo dos depósitos do BNB atingiu R\$ 8,0 bilhões, e as operações de crédito R\$ 9,9 bilhões.

O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), do governo federal, tem por objetivo apoiar o desenvolvimento rural com foco na agricultura familiar. De janeiro a novembro de 2010, foram contratadas

no Nordeste 293,2 mil operações, envolvendo um aporte de recursos adicionais de R\$ 851,9 milhões, avanço de 10,3% e 33,7%, respectivamente, sobre as posições de igual período de 2009.

Tabela 8 – BNB – Variação e Participação dos Estados do Nordeste no Valor das Contratações do CREDIAMIGO, PRONAF e FNE

Acumulado no Período Janeiro-Novembro de 2010
Em %

Estados	CREDIAMIGO		PRONAF		FNE	
	Variação Nominal ¹	Participação Estado/NE ²	Variação Nominal ¹	Participação Estado/NE ²	Variação Nominal ¹	Participação Estado/NE ²
Maranhão	32,0	12,6	68,2	14,6	-14,6	10,7
Piauí	40,8	11,9	33,3	9,2	98,2	9,8
Ceará	42,4	31,0	15,7	20,3	0,7	21,7
Rio Grande do Norte	36,5	6,1	9,8	5,5	-50,4	4,2
Paraíba	40,7	7,2	59,0	6,1	-23,6	3,1
Pernambuco	31,2	8,0	59,3	16,2	5,0	16,4
Alagoas	27,0	5,7	20,6	6,0	-38,2	3,4
Sergipe	33,2	4,9	39,2	5,0	-0,9	5,1
Bahia	39,4	12,6	21,2	17,1	45,0	25,6
NORDESTE	37,7	100,0	33,7	100,0	4,8	100,0

Fonte: BANCO DO NORDESTE DO BRASIL, 2011c e 2011d. Elaboração: Equipe BNB/ETENE de Conjuntura.

¹ Variação nominal do valor das contratações no período de jan/nov-10, em relação a jan/nov-09.

² Participação dos estados no período de jan/ago-10.

Obs.: No período de jan-nov/10, o valor das contratações do CREDIAMIGO, no Nordeste, alcançou R\$ 1.742,8 milhões, do PRONAF R\$ 851,9 milhões e do FNE R\$ 7.248,4 milhões.

Outro destaque relevante no trabalho do BNB é o FNE (Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste), principal fonte de recursos de médio e longo prazo de que dispõe a instituição para fomentar o desenvolvimento regional. Em 2010, até novembro, foram contratadas no âmbito do FNE, nos estados do Nordeste, cerca de 320 mil operações, totalizando novos investimentos da ordem de R\$ 7.248,4 milhões. Em

relação ao período jan.-nov./2009, os incrementos foram de 8,9% e 4,8%, respectivamente.

Apenas para efeito de comparação, somadas as operações do BNB e do FNE contratadas na Região no período jan.-nov./2010, o montante alcança R\$ 15,7 bilhões, valor um pouco acima daquele desembolsado pelo BNDES (R\$ 15,1 bilhões), refletindo a grande importância dessas duas instituições financeiras para o desenvolvimento do Nordeste.

7.6 - Conclusão

De acordo com estudo divulgado pelo IPEA, cerca de 40% da população brasileira não possuem conta bancária. Esse grupo de excluídos é formado por pessoas de baixa renda e pouca escolaridade, com predominância de mulheres. No Nordeste está o maior índice de exclusão bancária do país (53%), bem assim o maior hiato de crédito entre as regiões brasileiras, segundo estudo do BNB.

A evolução positiva das operações de crédito em 2010 está associada ao dinamismo da atividade econômica e à expansão do emprego e da renda, elementos que continuam impulsionando projetos de investimento e gastos de consumo. Em novembro último, o ritmo de evolução dos empréstimos também refletiu uma demanda mais intensa por capital de giro, em virtude da formação de estoques para as vendas de fim de ano e do pagamento do décimo terceiro salário aos trabalhadores.

O crescimento do crédito no País continua acompanhado pela melhora em termos de qualidade, como mostra a diminuição do índice de inadimplência, da taxa média de juros e do *spread* bancário. Nada obstante, como medidas macroprudenciais, o Banco Central determinou a eleva-

ção nos recolhimentos compulsórios dos bancos e desestimulou operações que possam comprometer o balanço entre os volumes de créditos contratados e os valores das garantias e, mais recentemente, aumentou a taxa básica de juros de 10,75% para 11,25%, na qual não mexia há seis meses.

Entre as regiões brasileiras, o Nordeste continuou a apresentar a maior taxa de expansão das operações de crédito. No caso da inadimplência, o comportamento regional seguiu o agregado nacional, registrando também diminuição na taxa. No final de outubro de 2010, 55,1% das operações de crédito realizadas no Nordeste foram destinadas a empresas, enquanto a parcela restante (44,9%) foi orientada para pessoas físicas.

O BNB exibiu a maior taxa de crescimento na captação de depósitos entre os bancos que operam na Região, destacando-se também por cobrar taxas de juros bastante competitivas nas suas operações de crédito, em relação à média praticada pelo mercado de crédito brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Francisco Ferreira. **A Intermediação financeira e a transferência de recursos entre regiões – 1996/2009**. BNB/ETENE, set. 2010. No prelo.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Economia e finanças – indicadores de conjuntura – indicadores econômicos – moeda e crédito**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2011a.
- _____. **Economia e finanças – séries temporais - sistema gerenciador de séries temporais – economia regional – crédito**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2011b.
- _____. Política monetária e operações de crédito do sfn. **Nota para a imprensa**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2011c.
- _____. **Relatório de Inflação**. v. 12, n. 04. dez. 2010 Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2011d.
- _____. **SISBACEN**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2011f.
- _____. **Sistema financeiro nacional – informações sobre operações bancárias – taxas de juros de operações de crédito**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2011e.
- BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. **Cenários e Perspectivas Macroeconômicas**, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.bnb.gov.br>>. Acesso em: 17 jan. 2011a.
- _____. **BNB – Conjuntura Mensal**, n. 12, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.bnb.gov.br>>. Acesso em: 17 jan. 2011b.
- _____. **Informações da área de controle financeiro**. 2011c.
- _____. Informações gerenciais do programa crediamigo. **Cadernos mensais**, nov. 2009 e 2010d;
- BNDES. **Boletim de Desempenho**. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2011.
- IPEA. **Sistema de indicadores de percepção social: bancos: exclusão e serviços**, 11 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 13 jan. 2011.



ÁREA DE LOGÍSTICA
Ambiente de Gestão dos Serviços de Logística
Célula de Produção Gráfica
OS 2011-02/5.004 - Tiragem: 1.600